31761 07045830 2

PQ
9261
R4M58
1907
v.4

OBRAS COMPLETAS
DE
LUIZ AUGUSTO REBELO DA SILVA

— 7 —

# A MOCIDADE DE D. JOÃO V

LIVRARIA BARATEIRA
LISBOA
34-RUA do DUQUE-36. Tel. T. 1264

E. M. de Sousa

OBRAS COMPLETAS

DE

# LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

---

VII

# VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—O amor por conquista (comedia)—O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

VII

ROMANCES E NOVELLAS — III

# A MOCIDADE DE D. JOÃO V

4.ª EDIÇÃO

VOLUME IV

LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

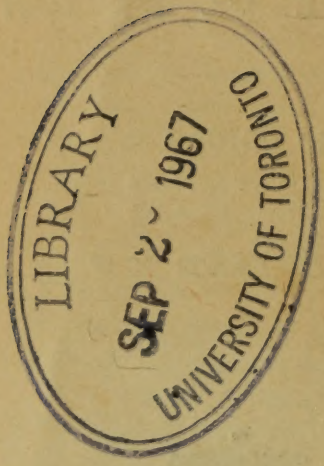
*Sociedade editora*

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA

*R. Augusta, 95* | *45, R. Ivens, 47*

1907

PQ
9261
R4M58
1907
v.4



# A MOCIDADE DE D. JOÃO V

## CAPITULO XXXI

### Todos falam, e poucos entendem!

Faltavam vinte minutos para a uma hora da tarde, hora improrogavel marcada por Lourenço Telles aos commensaes que tinha convidado. O erudito sahia do seu quarto, viçoso como a primavera, menos na frescura do rosto, cujas rugas contumazes pareciam o eterno cartaz dos annos. A preciosa renda dos punhos e da tira nada tinha a invejar na alva finura ás riquissimas valenciennes das duquezas do grande seculo. Os bordados e recamos da vestia de setim azul celeste podiam sahir do bastidor em que se lavraram os ramos de flores com que se enfeitou, em gala real, o peito de Luiz XIV, quando no orgulho de mancebo e de monarcha escolhia o sol para divisa do seu esplendor. O feitio francez, a elegancia do córte e da costura, a profusão das joias e a magnificencia do estofo, faziam de Lourenço Telles o réo de lesa-pragmatica mais publico e impenitente, não havendo um só artigo das severas leis economicas de Pedro II, que o seu trajo não deixasse de infringir.

Encontrando-o, Vatteau dar-lhe-hia a immortalidade do seu pincel espirituoso. As damas mais caprichosas teriam de confessar com dor a primazia das essencias usadas por elle nas roupas e no penteado. Frisada em canudos symetricos, a cabelleira, com as bolsas apanhadas em nós de fita côr de rosa, chamados laços de amor, cahia com artificiosa graça, lambendo a testa, e acompanhando as faces. Os sinetes de rubis dos dois relogios, os botões de brilhantes dos punhos, e a espiguilha admiravel da gravata, fariam empallidecer de inveja qualquer dos fidalgos moços e presumidos da roda do principe real. Finalmente o espadim de copos cravejados e bainha de veludo bordado, apresentava uma folha de Toledo, que o capitão Jeronymo quereria ver montada com menos riqueza, e mais segurança, achando-a capaz de defender o coração de um soldado.

Apenas chegou ao escriptorio, revestido das maneiras cortezes da eschola de outro tempo, o commendador deu com os olhos no abbade Silva, de pé, em habitos maiores, entretido a folhear um livro, sem se esquecer de extasiar os olhos na occasião propria. Regulando-se pelo exemplo do seu douto amigo, o auctor das façanhas de Viriato não omittira uma só das preciosidades da guarda-roupa ou museu domestico. Era uma verdadeira taboleta de antiguidades. A meia de seda preta mostrava um lavor aberto, que mal interceptava o roxo claro da segunda meia unida á pelle. O calção, laçado por cima do joelho e recamado nas costuras, estava tão justo, que deixava recear algum desastre. Nas fivelas dos

sapatos brilhavam pedras de valor. A volta do pescoço formava um arabesco serpentino; os cinco sinetes pendentes de esdruxulas cadeias assimilhavam-se ás numerosas correntes de um lampadario. Curta e de requifes, a capa ouriçada de folhos na murça, com guarnições de vidrilhos pretos, dava-lhe a apparencia suspeita de um toureador castelhano. Sobre tudo a prodigalidade de estupendos camafeus que semeára com ostentação, e os desusados anneis romanos, egypcios ou hebreus que mettêra em todos os dedos, compunham uma panoplia singular dentro da qual esticava comprimido, mas sempre solemne, sentencioso e engommado, o delicioso inventor do livro dos pavões!

Os dois eruditos, admirando-se, mal poderam conter o riso contagioso. O abbade achando na edade de Lourenço Telles a satyra das suas incorrigiveis elegancias; o commendador colhendo em flagrante sob a cor de lagosta das segunsda meias, e o quasi escandalo dos calções funis, a tibia aflautada e a côxa diminuta do venerando critico. O tio de Philippe da Gama, á parte a justa modestia, reputando-se menos secco e muito mais vistoso, dava interiormente a si mesmo os parabens por conservar todas as suas perfeições, opprobrio do Aristarcho ecclesiastico!

Jasmin, seguindo seu amo, tomou conta do tricornio de borlas verdes e torçal de ouro do commendador das barbas historicas, recebendo ao mesmo tempo de suas mãos uma bengala, cujo castão rarissimo (dizia elle) não conhecia rival em toda a Europa, sendo a authentica e vera taça egypcia em que a formosa

Cleopatra bebêra as perolas desfeitas no banquete de Marco Antonio. Na realidade o feitio não desmentia a versão. O que quer que era, que o abbade chamava taça, tinha uma tampa de lavores, e abrindo-se patenteava certa cavidade, aonde o latinista incredulo observou que se poderiam accommodar até seis pastilhas contra a tosse. O peso e as dimensões d'este monumento mais o classificavam entre as clavas ou maças-d'armas, do que entre os canonicos e pacificos bastões de uma columna da egreja doutoral.

—Então, querido abbade—exclamou o commendador com jovialidade — ainda teimará que Horacio na sua ode quiz citar o patriarcha Japhet em logar do Titão da fabula? *Audax Japeti genus?*

—Meu amigo, cada vez me convenço mais. Depois que nos separámos deparou-me a fortuna um manuscripto precioso em caracteres allemães minusculos, vulgarmente chamados gothicos; folheando descobri n'elle o commentario de algumas odes do poeta valido de Mecenas... Ora justamente entendeu o glosador do mesmo modo esta passagem...

— Que serie de prodigios! — gritou Lourenço Telles em ar zombeteiro — Com que o senhor abbade viu o livro? Diga-me: e o frontispicio tinha araras ou papagaios? Nunca me hão de esquecer os mofinos pavões de ouro que tanto me citou, e que tive a simplicidade de andar procurando na torre do castello no meio das risadas dos archivistas...

Dizendo isto, o velho erudito cheirava pitadas sobre pitadas, batendo com os dedos a

compasso de marcha sobre a tampa da sua caixa.

— O livro existe, senhor Lourenço Telles! — accudiu com aspecto grave o auctor da carta a Lucio Floro, cuja ira se manifestava na côr violeta que lhe invadiu a calva.

— Mas os pavões foram-se! — replicou o contraditor cada vez mais contumaz.

— Deixe-se de remoques improprios da sua edade e indignos do respeito que deve aos outros — atalhou o abbade, crescendo sobre as immensas tibias — Vi o manuscripto, sim senhor. Por signal é um volume de capa de pergaminho e fechos de latão... Não tem araras, nem pavões, mas no rosto poderá admirar-lhe a bella cercadura illuminada, obra de bom mestre... talvez Francisco de Hollanda...

— Nada! Raphael ou Benvenuto Cellini! — redarguiu o velho sabio com seriedade—Com que viu o livro, poz-lhe os oculos em cima?... Noto a teima da fortuna. Não ha dia em que não lhe dê um alegrão... Chovem manuscriptos e araras em o senhor abbade errando o seu latim.

E o commendador, esfregando as mãos, recostou-se com ar de mofa na immensa poltrona.

— Escusa de tomar commigo esse tom, que me faz dó! — exclamou o investigador das bexigas doidas, córando e erguendo-se com impeto para tornar logo a sentar-se — Conhece a placidez do meu espirito e a vaidade dos seus chascos. Torno a repetir: vi o livro; estudei os seus caracteres gothicos; e asseguro-lhe que é do tempo dos templarios...

— Justamente! Escripto por Gualdim Paes,

que sabia Horacio como um mestre de meninos, e illuminado por Francisco de Hollanda que viveu tres ou quatro seculos depois!... Dou-lhe os parabens, d'esta vez não resuscitou os mortos; fez mais que Jesus Christo, metteu no bolso os seus trezentos ou quatrocentos annos por distracção. Pasmo como ainda lhe não cahiram os dentes!... E' preciso serem de ferro para mastigar similhantes pilulas.

O abbade colhido em flagrante e afflicto agitava-se, mudava de côr, e extendia a mão com solemnidade.

— Não apanhe um lapso pelos cabellos! — gritou tremulo de raiva — O que eu queria citar era o seculo dezeseis. O livro existe. Pertence a um amigo meu; mas não sou denunciante: por isso prefiro calar-me.

— Acho prudente! — redarguiu Lourenço Telles, saccudindo o tabaco da tira com um piparote — Pelo que vejo a raridade desceu da lua e volta para a lua em eu me convencendo de que Horacio chamou hebreu a um Titão!... Pelo amor de Deus! E' capaz de jurar sobre umas horas que descobriu a ossada das eguas lusitanas, que os Romanos disseram concebidas do vento... Estou-o ouvindo descrever-me a historia authentica da reliquia.

— Senhor Lourenço Telles, compadeço-me das trevas do seu espirito. O manuscripto ha quem o tenha; fiquemos n'isto. Se não acredita, perdôo-lhe a injuria em attenção ás suas enfermidades.

— Agradeço a clemencia!... Jasmin, que horas são?

— Uma hora menos um quarto — respon-

deu o escudeiro, inclinando-se com a bengala e o chapéu do abbade ainda nas mãos.

— Guarde no meu quarto esse capacete ecclesiastico, e não se esqueça de arrecadar a taça egypcia da seductora Cleopatra — accudiu o latinista com um sorriso em que brincavam mil ironias aceradas — Deus nos livre de que monumentos de tanta estimação se desencaminhem. O museu pode requerel-os.

— Senhor Lourenço Telles — exclamou o glosador infeliz com a voz preza de raiva — devo observar-lhe que se excedeu. O meu chapéu não merece a irrisoria alcunha de capacete, que teve o desaccordo de lhe dar deante do seu famulo. Se o feitio lhe não agrada, paciencia! Mais vale vestir-me serio, do que apparecer feito cabide das modas da mocidade... Quanto ao castão egypcio, a unica nota que pode lançar-lhe é não o possuir. Em vez de um gato ladrão e asthmatico, e de um papagaio estupido e feroz, é melhor colligir as preciosidades de que a sua inveja se vinga, fazendo mofa...

— Mil perdões pelo sacrilegio! — gritou o erudito offendido da classificação pouco lisongeira do Louro e de Minette. Digo-lhe só que errou o quinau. Graças a Deus não estou no costume de comprar na feira da ladra as caçarolas amolgadas para as pregar de castão nas minhas bengalas... Espero morrer sem passear de massa ao hombro. Sabe o que lhe aconselho? Não se exponha a pé com as suas raridades. Os rapazes são travêssos, e agouro-lhe um dia triste se lh'a descobrem.

Dizendo isto, Lourenço Telles deixou-se cahir na poltrona com um froxo de riso. Atraz

das risadas veiu a tosse; e foi preciso um copo d'agua com assucar de calda para aplacar o accesso. O semblante do abbade tinha-se tornado entretanto a imagem silenciosa da indignação. Sempre de pé mostrava o dó e o despreso nos labios engatilhados, e a ira na vista cheia de coriscos. O commendador de cada vez que olhava para elle renovava as gargalhadas, sentia ferver a tosse, e bebia um golo de capilé.

— Meu digno amigo, isto é velhice, não faça caso !... — dizia ao mesmo tempo com uma zombaria provocadora — diga-me: já descobriu o segredo de fabricar a agua de juventude, remolhando as raizes velhas, que andou apregoando como verdadeira panacea? Deu vista aos cegos e pernas aos coxos? Experimentou o seu albafor, a sua junça cheirosa contra as tosses e catharros? Asseguro-lhe que para fazer espirrar é excellente; mas a cevadilha torrada faz o mesmo.

O illustre genealogico de Viriato o libertador, cresceu dois palmos sentindo entrarem-lhe pelo coração as allusões ingratas. Appareceu-lhe á flor da testa um rosado sanguineo; e é mais do que provavel que a sua resposta fosse pungente, se não visse chegar n'este momento D. Catharina de Athaide, acompanhada de Cecilia e de Theresa. Deante da formosura, o abbade era muito cortez para não esquecer as injurias, addiando ao amor proprio a sua desforra.

— O commendador tambem se reputou citado para sustentar o papel de Narciso, pondo-se logo de pé, e armando com o sorriso nos beiços uma d'aquellas antigas e rasgadas cor-

tezias de minuete, que eram o seu triumpho. O erudito pegou na mão de Catharina, beijou-a, e exclamou em ar de galanteio:

— Bem vinda a alegria d'esta casa! Um poeta diria que o sol fugiu dos braços da aurora!... Que é isto, abbade? Acha a hyperbole defeituosa, ou inferior á belleza do assumpto?

— Nem uma, nem outra coisa — replicou o annotador das barbas historicas, envolvendo-se friamente na sua dignidade beliscada. — Acho-a propria do poeta.

— Deus lhe pague! — accudiu o latinista córando — Tive medo de ser plagiario. Está certo de que não viu uma figura similhante em algum rarissimo livro de araras?... Mas deixemo-nos de livros e de pavões. Que fortuna traz á solidão d'este velho *a mais bella das suas inimigas?* Cupido fez travessuras? Temos alguma maldade de que o accusar?

— Nada; emprega melhor as settas! — disse a noiva do conde de Aveiras, sustendo o riso deante da figura delambida e exquisita do abbade — Vinha perguntar se até ao jantar ha tempo de pôr outro vestido e outro toucado? Não queriamos fazer esperar.

— Esperar?... Pelo amor de Deus! A minha bella inimiga (era o nome de convenção que dava a Catharina) faz suspirar, mas não esperar! O tempo, impaciente e de mau genio como o pintam, teria gosto em esquecer a fouce, pedindo-lh'o com a bocca de riso e de amores! Falta um quarto para a uma depois do meio dia; concedem-se mais dez minutos de cortezia; e d'ahi os dias, os annos, ou os seculos que a divina Egeria determinar.

— Que insipidos pleonasmos! — murmurou

o abbade de modo que o erudito percebeu e retribuiu com um olhar mortifero.

— Quer dizer — replicou D. Catharina, abrindo o leque e sorrindo — que se nos não apromptarmos em vinte minutos, havemos de passar por baixo da mesa?! Sabe, senhor Lourenço Telles, que era caso de não lhe perdoar toda a minha vida? Está claro, desejame feia, desagradavel...

— Por quem é!... A minha bella inimiga não carece senão d'esses olhos para ser a rainha das graças...

— Ai, meu querido tutor! o que vale é ser eu de todas a unica que precisa de parcer bonita!... Senão, em logar de tres eram duas graças e uma desgraça á sua mesa.

— Tyranna e maliciosa Natercia! — exclamou o velho galanteador, requintando nos requebros e nas phrases assucaradas — Não me obrigue a dedicar-lhe um soneto em louvor da sua belleza... sobre tudo estando presente o abbade, que é tão critico. Em castigo hei de fazer-lhe uma saude, e veremos se as rosas são mais vermelhas! Estas noivas meninas e moças nunca poupam os velhos.

— A edade não são os annos. O senhor Lourenço Telles está mais rapaz de espirito do que muitos moços.

— Deus a ouvisse!... — atalhou o commendador com um suspiro soffrivelmente vaidoso — Em memoria de tanta bondade, e beijando mil vezes os lirios das lindas mãos, a minha inimiga concede-me a ventura de lhe offerecer o braço?

— Se o não incommoda!

— O meu pesar é partir tão cedo quem é o encanto d'esta casa...

— Sabe, senhor Lourenço Telles, que estou achando o meu tutor muito apaixonado, e que hei de avisar o conde para lhe metter ciumes?

— Querida Natercia, os velhos não assustam!... Ah, tivesse eu menos trinta annos, e o senhor conde não me arrebatava com tanta facilidade os agrados da divina Egeria!..! Então, abbade? A minha feiticeira está esperando pelo seu braço. Não mordas os beiços, que te fazes feia, Cecilia! Ri á tua vontade. Parece-te o avôsinho tropego para cavalheiro de uma senhora menina e formosa? Paciencia! um dia cá chegarás, se não morreres.

— Meu avô! Eu não disse nada.

— Adivinho, sonsinha! Thereza, aonde ficou Jeronymo?

— Não o vejo desde esta manhã.

— Percebo! arrufos? Ora pois! Logo farão as pazes. Não quero tristezas.

— Então, são vinte minutos? — disse a noviça, largando-lhe o braço.

— Vinte seculos, se a minha bella inimiga manda. O tempo que fôr necessario para forjar os ferros do seu fiel captivo.

Ao mesmo tempo o abbade inclinava-se com as precauções devidas á angustia do vestido, deante da sua espirituosa braceira. Vendo-se livre do aprumado sabio, Cecilia lançou-lhe um olhar cheio de travessura infantil, e partiu correndo a juntar-se com D. Catharina e sua irmã. Thereza não se demorou tambem. O auctor da epistola a Lucio Floro, grave e sisudo, voltou logo a passos contados,

tomando posse de uma das poltronas hospitaleiras.

Quando Lourenço Telles fazia a sexta cortezia á sombra da sua bella inimiga, ouviu rodar uma sege, que parou de repente deante da casa. Instantes depois a elevada estatura de Diogo de Mendonça Côrte Real apparecia á porta do escriptorio, que lhe patenteava desfeito em cumprimentos o illustre Jasmin mordomo mór do seu antigo amigo. Atraz do secretario das mercês descobria-se o barretinho de seda preta, e sorriam as faces pallidas do padre mestre frei João dos Remedios, ainda não completamente restabelecido do imaginario garrotilho.

O ministro recebeu a solemne e ceremoniosa cortezia do investigador das bexigas doidas com tal seriedade, que lhe derramou na alma todas as doçuras da vaidade. No meio d'isto o commendador puxava cadeiras, repetia ao escudeiro as suas ultimas ordens, e abraçava o procurador de S. Domingos, dando-lhe os parabens da prompta melhora. Findo o tiroteio das cortezias, Diogo de Mendonça, tirando o relogio, disse voltando-se para o erudito:

— Dez minutos para a uma! Caso raro; se a memoria não me engana é a segunda vez que me succede chegar a um jantar antes da hora justa. Mesmo não me lembra senão agora!... Frei João, encontrariamos nós algum torto em jejum! Fico desconfiado em fazendo qualquer coisa fóra dos meus habitos.

— Em todo o caso o obsequio é muito lisongeiro — accudiu o commendador radioso.

— O meu antigo amigo Lourenço Telles

dá-me licença de ser verdadeiro? Sempre tenho muito gosto na boa companhia que me faz; mas d'esta vez agradeça a exactidão a sua illustrissima. A impaciencia de aproveitar com a sua douta conversação, obrigou-me a pôr tudo de parte.

— E os negocios? — interrogou o erudito perdido de riso, notando a innocencia com que o abbade se prestava á malicia do victimador.

— Os negocios que esperem! Estes dias são de ferias...

— E sua magestade el-rei nosso senhor? — observou o inventor do livro dos pavões.

— Mais precisava de uma visita de vossa illustrissima, do que as venenosas garrafadas que lhe estão administrando... — accudiu o secretario, evadindo-se á resposta directa — Sabe, senhor Lourenço Telles, que se não fosse o senhor abbade, a esta hora tinhamos o nosso senhor João entre os martyres e confessores?

— E' verdade. Salvou-me da tesoura da parca... Tinha cahido nas mãos de Dionisio Lopes...

— E passou para as do abbade? — interrompeu o latinista, incapaz de poupar uma setta ao pobre antiquario.

— A ingratidão é negra, senhor Lourenço Telles — notou o oraculo recostando-se com magestade — Esqueceu-se depressa de que se ainda conserva os queixos e as gengivas a mim o deve.

— Julguei que meu pae se não chamava Silva! — atalhou o erudito seccamente — E não me consta que fosse abbade, e muito menos curandeiro.

— Deus o tenha em gloria! — exclamou o archaista vermelho e picado — Longe de mim a ideia de me fazer pae de quem pode ser meu avô.

Lourenço Telles deu um salto, e deixou escapar uma visagem envinagrada. A allusão á sua edade era tiro que não falhava. Cheirando a pitada vagarosamente, e despedindo uma vista mais que ironica pelos cantos dos olhos, o commendador replicou:

— O que posso affirmar é que os ultimos tres dentes, graças á minha simplicidade, foram-se barbaramente nos repellões da sua torquez. Ainda os tinha hoje se não o encontro.

— Diga a verdade, não enfeite. Arranqueilh'os com uma linha, e por signal que até sem dor. Estavam a dansar como palhaços.

O erudito fez-se vermelho que nem uma romã, engulindo a sua mortificação em silencio.

— O peior de tudo é terem-se ido! — observou o ministro, intercedendo com um ar de candura, que só illudiu o abbade — Sendo os ultimos, acceite os pezames, senhor Lourenço Telles... Os meus, infelizmente, qualquer dia me pregam egual peça. *Senectus est morbus!* Vamos fazendo-nos velhos, meu amigo; os annos não passam debalde.

— Vossa senhoria está muito bem conservado — insinuou o abbade.

— Pois a culpa não é minha! Devia ser velho aos trinta annos. Frei João, lembras-te? Aquelles nossos suétos de Coimbra, e o mais que não digo para não faltar á gravidade?... A proposito, senhor abbade, teem-me elogiado merecidamente um opusculo de vossa illustrissima, feito sobre a morte de um dos

nossos visoreis, fallecido de bexigas. A obra dizem-me ser breve na escripta, porém crescida na substancia... Falaram-me das notas com admiração.

— Os breves e as notas são a gloria de sua illustrissima — disse o procurador, trocando um ar de riso com Lourenço Telles.

— Tentativas obscuras! — atalhou o investigador das façanhas de Viriato — Assim mesmo não faltam zoilos para morderem essas poucas lettras que me servem de recreio, e que os sabios como vossa senhoria fazem a justiça de presar... Os criticos modernos zombam das minhas notas em elucidação do texto...

— Zombam? — gritou o secretario com um pigarro artistico na voz, e uma vibração de cabeça cheia de indignação comica — E elles o que escrevem?

— Erros palmares, superficialidades!... Tenho cegado a vista pelos archivos e cartorios; descobri preciosidades, livros rarissimos; o que não me perdoam é a gloria de os noticiar. Como excede a sua curta lição mettem-me á bulha, fazendo gala da ignorancia. Dizem que invento, porque não conhecem. Consola-me o apreço dos homens entendidos, e compadeço-me dos Aristarchos imberbes ou caducos.

A segunda parte da allusão era para Lourenço Telles, que a pagou com uma risada de despreso.

— Compadece-se d'elles? Faz muito bem. Nenhuma resposta lhe sahia mais barata. Riem-se de vossa illustrissima, e vossa illustrissima ri-se d'elles?... Excellente!

— O publico julgará — concluiu o oraculo cheio de magnanimidade.

— O publico é que deve julgar, diz muito bem! Elle fará justiça... como costuma. Lembra-me sempre a pendencia do frade com o almocreve. O franciscano foi na mula, e ao apear-se ainda em cima pedia ao arreeiro que lhe pagasse a volta, visto aquella mal encaminhada havel-o tirado do seu convento. Ralharam, altercaram... mas no fim venceu o padre. E' como succede aos criticos. Livro que mordam tem a venda certa!... Vossa illustrissima nunca prégou?

— Assusta-me o pulpito; não tenho animo.

— Frei João lhe emprestará do seu. A elle sobeja-lhe. Ah frei João, muito gritaste na quaresma ultima. Parecia uma tempestade. As crianças choravam de medo. Nunca ouvi sermão de lagrimas tanto ao vivo... Converteu-se algum hebreu?

— Fugiram com as creanças — replicou o abbade agastado com o cumprimento.

— Não te firas, que t'o não mereço. *Non ego offendar nugis!* diz o poeta Horacio, que eu traduziria aqui por um adagio nosso: do argueiro não faças cavalleiro. Foi mal, senhor Lourenço Telles!... Perdôe vossa illustrissima a minha curiosidade. Não são de brazão as armas do seu annel?

— Pertencem á familia — respondeu o archaista córando um pouco.

— Se não me engano vejo as roellas dos Castros e os leões dos Silvas Alegretes?...

— Conferidas no archivo pelo livro de Duarte de Armas. Escudo esquartelado; em o primeiro seis roellas azues em campo de pra-

ta; no segundo o leão de purpura dos Silvas em campo...

— Deixemos o campo; porque o brazão folga na cidade. Quero abraçar em vossa illustrissima os varões immortalizados por tantas proezas. *Cedant arma!* No estado ecclesiastico, que é perfeito, o senhor abbade torna a penna illustre, como um dos Castros, vencedor de Diu, fez a espada gloriosa... Agora me recordo: não ha uma familia com laivos hebraicos do mesmo appellido? uns Silvas que entraram no reino vendendo aguas de Melissa e da Rainha de Hungria?... Disseram-me que era mania d'elles enxertar a Judas e Caifaz no tronco viçoso dos Castros e Alegretes! Não importa. Vossa illustrissima lhes dará caça e os desemboscará.

Era impossivel exceder o ar de candura com que foi disparada a frecha. O infeliz abbade, pallido, verde, e logo roxo, sentava-se, erguia-se e tornava a sentar-se, fulminado. Antes um libello do que esta pergunta á queima-roupa. Os seus detractores pelejavam que lhe faltavam as ordens sacras por não ser de sangue limpo; e alguns genealogicos austeros, abanando a cabeça com incredulidade, negavam o parentesco das seis roellas bastardas no brazão de phantasia com as legitimas roellas e os leões orthodoxos dos Castros e Alegretes. Por cumulo de infortunio a aguade Melissa e da rainha de Hungria, introduzida por seu avô, entornava-se como pez derretido sobre a fidalguia imaginaria, manchando-a para todo o sempre. Assombrado do raio estacou sem voz, ficando a olhar para o ministro como se elle fosse o espectro vingador dos heroes,

victimas da sua novelleira erudição. Diogo de Mendonça, tendo saboreado as tribulações do cavalleiro servente da marqueza das Minas, virou-se para Lourenço Telles, e disse por mudar de conversação:

—Quem se demora é o padre Ventura? E admira. A companhia de Jesus não costuma fazer esperar.

—Em chamando por ella, verão que está perto!—respondeu da porta do escriptorio a voz suave e levemente ironica do visitador.

Olharam, e viram effectivamente o jesuita com o sorriso perenne e as maneiras insinuantes que o caracterizavam. Entrando, dirigiu-se ao commendador e saudou-o; apertou á franceza a mão a Diogo de Mendonça; fez uma cortezia amigavel a frei João; e inclinou-se deante do abbade com um geito equivoco na bocca, mais suspeito de ironia do que de admiração.

—Peço mil perdões se estou incommodando! Mas na escada encontrei-me com o senhor Jeronymo Guerreirô, e elle disse-me que podia subir.

—Vossa paternidade dá-nos sempre muito gosto —accudiu o erudito.

—São esmolas que agradeço... Como está a santinha d'esta casa, a senhora Magdalena da Gama? No oratorio com as suas devoções? E' o que julguei. Trago-lhe um presente que ha de estimar; para ella tem grande valor... e para todos que somos christãos e catholicos pela graça de Deus. E' um rosario tocado na ara benta do santo sepulcro de Jerusalem. Chegaram-me tres de Roma; reservei um para a senhora duqueza de Cadaval, o outro para

sua alteza o principe real, e o ultimo para ella.

—Beijo por tanta bondade as mãos a vossa paternidade...Magdalena fica de certo louca de contente...

—A santinha!.. tomára eu os seus merecimentos. E' um anjo que tem na sua casa; a virtude em pessoa. E a nossa noiva aonde está que a não vejo? Não preciso perguntar: menina e moça está ao espelho cuidando em se fazer formosa... Feliz edade!

—Passou por aqui ha poucos minutos; e adivinhou vossa paternidade, foi-se fechar no toucador...

—N'estas coisas é facil ser propheta, senhor Lourenço Telles!— tornou o padre com um sorriso—Dá-me um coração novo e sem malicia, conta o adagio, e eu te direi no que elle cuida. A proposito: acho aqui alguem de menos, e espero que não seja por motivo de desgosto...

—Meu sobrinho Philippe?

—Tambem nos faz muita falta; mas tinha na ideia o senhor conde de Aveiras.

—Mandou as suas desculpas. Está de serviço e foi com sua alteza á real quinta de Alcantara. El-rei parece que não passa melhor, e principia a dar muito cuidado...

—Aqui temos o senhor Diogo de Mendonça que nos dará noticias frescas...—insinuou o padre Ventura.

—Por ora—observou o ministro cruzando a vista com a do jesuita—os medicos ainda teem esperança. Sua magestade esta manhã descansou algumas horas, e ficou mais alliviado. Desde que trouxeram para o seu quarto a

bemaventurada imagem de Nossa Senhora das Necessidades, continuam as melhoras. Confiemos que não parem para satisfação e gloria d'estes reinos...

A redacção official do boletim mereceu o credito costumado. Todos olharam uns para os outros, inclinando a cabeça em signal de assentimento; mas entendendo que D. Pedro II, se não estava morto, estava em perigo de vida.

—Elevemos o espirito a Deus!—disse o visitador, depois de uma pausa de alguns momentos—Elle fará o que fôr servido. Espero que a nossa menina bonita do convento tambem nos faça companhia.

—Cecilia?... Deu-lhe sua mãe licença para acompanhar D. Catharina. São grandes amigas. Sabe, senhor padre Ventura! Tenho medo ás vezes d'aquella criança. No meio das travessuras do seu genio, sai com acertos que me admiram. Depois é tão fraquinha de compleição, tão franzininha de corpo, que se tivesse desgosto forte...

—Deixe-a crescer; ella se fará mulher... O corpo parece fraco, mas a alma é grande, e o coração tambem. Ha de poder com a vida, asseguro-lhe!... Em Santa Clara sei que á força de vontade e de espírito era capaz de vencer até os impossiveis. Cuidado com alguma paixão infeliz! Extremosa e decidida, ninguem póde prever aonde chegaria a sua dor.

—Por esse lado estou tranquillo. E' muito nova ainda...

—Faz mal. A's vezes o amor não espera pelos annos.

—E' verdade. Eu mesmo (e estou falando!) aos dezeseis annos já tinha as minhas primei-

ras proezas como o duque de Richelieu, filho do meu antigo amigo...

—Mas o senhor Lourenço Telles, pagando o tributo ás verduras da edade, com a reflexão ficou no prologo?—accudiu o jesuita, sorrindo-se.

—Prouvera a Deus!—redarguiu o erudito com um ar de fatuidade deliciosa, que lhe tornou a physionomia quasi juvenil—Infelizmente n'este sentido as minhas verduras acabaram muito tarde... Fui grande peccador. Mas no meio dos meus erros quiz a fortuna que o coração nunca me tomasse conta da cabeça; por isso estou aqui são e salvo de mais de um naufragio.

—Mas Cecilia, se hoje amasse, entregava-se á paixão inteiramente, e não queria outra vida, nem outro amor—disse o visitador serio e quasi triste.—Consumia-se de magoa e saudade sem se queixar, sem verter lagrimas que se vissem... Não sabe a grandeza e a sensibilidade da sua alma. Não calcula a ternura d'aquelle coração que julga ligeiro, d'aquella cabeça que parece endoidecer por qualquer coisa. Eu que a estudei, é que posso medir o abysmo e tremer!

—Então acha perigo? Receia?.. —exclamou o commendador assustado, e interrogando ancioso o seu interlocutor mais com a vista ainda, do que com as palavras.

—Eu? Não achei nada; não disse que receio... sómente observo que todo o cuidado é pouco. O futuro está na mão de Deus; não podemos prevel-o, nem remedial-o... Senhor Diogo de Mendonça, esteve hontem na côrte real, já sei, e beijou a mão ao principe?

—Demorei-me perto de uma hora com sua alteza.

—Diga antes que sua alteza o demorou... Por signal me asseguram que o recebeu com toda a estimação, fazendo-lhe perguntas sobre o estado do reino e a sorte das armas portuguezas em Castella... Posso dizer-lhe, e de boa fonte, que o principe ficou agradado de o ouvir, e se lhe mostra muito favoravel. Assim o esperei; e escuso accrescentar que o estimo. O senhor Lourenço Telles conhece de perto sua alteza?

—O principe era muito pequeno quando lhe beijei a mão pela ultima vez. Depois não o tornei a ver. Ha dez annos seguros que não frequento a côrte.

— E de sua casa ninguem o conhece?

— Ninguem. Vivemos quasi em clausura até agora. Magdalena suppunha-se viuva, e não fazia senão gemer e rezar pelas suas contas. Eu, aborrecido e velho, metti-me com os livros, e deixei o mundo... talvez para que elle me não deixasse primeiro. Criadas com sua mãe, as pequenas tiveram uma educação recatada, não sahindo de casa senão para a egreja. De sorte que dos festejos e cerimonias da côrte não ha uma a que assistissemos. Quem já beijou a mão a sua alteza foi Jeronymo Guerreiro.

— Assim o suppuz. Não estranhe a pergunta. Estou certo de que se frequentasse a côrte, não o deixavam tanto tempo socegado com o seu Horacio. Admira-me que o senhor Diogo de Mendonça o não desafiasse para ir ao paço!

—Mais de cem vezes! Mas os velhos teem as suas teimas. A minha foi esta. Não me dei mal.

— Ahi vem o nosso capitão! — atalhou o secretario apercebendo Jeronymo Guerreiro á porta do escriptorio — Acho-o triste de parecer. Costumava ser mais alegre.

— Amúos de namorados—respondeu o commendador. — Thereza é caprichosa, e Jeronymo entre ovelhas não sabe ser leão.

Effectivamente o mancebo vinha ainda pallido e desfeito do abalo por que passára na sua conversação com Thereza. Observando-o com a sagacidade usual, o jesuita leu-lhe no semblante uma dor funda e sombria, tanto mais cruel, quanto se concentrava no silencio e quietação apparente. Percebeu-lhe na magoada tristeza dos olhos vestigios d'essas lagrimas de sangue que a alma derrama como fogo sobre o coração, para lhe queimarem em poucos dias a frescura das illusões. Desde logo entendeu que o golpe fôra mortal, porque a esperança, fugindo, deixava em trevas a vida do mancebo.

Jeronymo, assim que entrou, conduziu de parte a Diogo de Mendonça, falando-lhe cheio de animação. O visitador, attento, descobriu no rosto do ministro, primeiro o assombro, depois o pesar, e finalmente uma resistencia quasi paternal. No aspecto do noivo de Thereza ia-se caracterisando cada vez mais aquella resolução ferrea, aquella vontade firme e inabalavel que o fazia terrivel na peleja e sublime nos perigos.

—Sempre o receei!—murmurou comsigo o padre—O mundo é assim. Uma criança, um grão de areia, um sopro derrubam o gigante quebram a machina, ou desarraigam a arvore. Altos juizos de Deus! Este homem, que na

flor da edade olhava para a morte como os heroes antigos, deixa agora o pé delicado de uma mulher pizar-lhe sem dó o coração, e sujeita-se... O seu amor fel-o tão debil, que não se atreve a existir com a saudade e a dor por companheiras! Não tem animo para carregar com a vida!... Eu lh'o darei. Uma desgraçada paixão não m'o ha de abater obscuramente; sou como segundo pae, porque o levei nos braços ao altar aonde se consagrou ao instituto... Não posso deixal-o assim!... Veremos quem vence; se os caprichos de uma donzella incapaz de avaliar o thesouro que despresa, se os conselhos e o amor de quem trabalha pela gloria de seu filho... Contei com elle; a companhia precisa de homens da sua grandeza... Não quero que vá procurar uma bala de proposito, e morrer de desgosto no fosso de alguma das praças de Andaluzia.

Em quanto reflectia d'este modo, encobrindo a agitação do espirito e sopitando os impulsos da alma, que elle proprio julgava menos activa na amizade, Diogo de Mendonça, cortando de repente o colloquio, voltou-se para os seus amigos, e disse ao commendador com um sorriso forçado:

—Temos grande novidade, senhor Lourenço Telles! Telemaco quer fugir da ilha de Calypso!... Não adivinha o que me pedia agora o senhor Jeronymo Guerreiro? Deseja ser mandado reunir ao exercito do marquez das Minas, porque está por dias rompendo-se uma batalha! O que diz Nestor.

—Nestor—accudiu assombrado o erudito—diz cheio de pesar que os rapazes d'este seculo não se entendem. Queixa-se da ingratidão do

seu pupillo em se separar d'elle quando o deixa com os pés na sepultura!

—E mais não se tocou ainda na magua de Ariadna por Theseu ausente?!—ajuntou o diplomata,

—Ariadna ha de consolar-se!—redarguiu o mancebo com ironia.

—Não o deixe partir!—murmurou o jesuita ao ouvido do ministro—Elle não vae á guerra para combater, vae para se matar. Observe aquelles olhos e diga se me engano.

— Tem razão... mas isto o que é? — perguntou o secretario das mercês.

— Voltas do mundo! Um grão de areia que fez estalar a roda. Note, senhor Diogo de Mendonça, que nos homens de maior alma quasi sempre ha uma cousa em que são mais crianças do que as crianças. Acredite-me; tracte de evitar esta desgraça.

— Não tenha cuidado. Nós o entreteremos. *Festina lente!* é a minha divisa. Não faltarão pretextos para o demorar sem lhe dizer que não... mas que vêspa o picou?

— Sempre a historia velha! — tornou o visitador, encolhendo os hombros e acerando o riso á flor dos beiços — Sansão e Dalilla; Dido e Armida! A tradução vivente do *Saucia cura* da Eneida de Virgilio...

— Ah; julguei peior! Então acha que não passa de ciumes?...

— O ciume em homens assim... paga-se caro. E' capaz das maiores loucuras. Se o visse risonho desafiar os tormentos e esperal-os serenamente... não se admirava.

— Este rapaz, pelo que observo, excita o interesse de vossa paternidade!

— Senhor Diogo de Mendonça, estou velho, e julgo que me fará justiça não me suppondo propenso a grandes leviandades; estimo o que é nobre e digno do poder de Deus... Este mancebo tinha nascido para ornar Sparta ou Roma; não digo mais. O que sei d'elle, o que avalio do seu coração e do seu espirito... para que hei de disfarçar com um amigo? E' verdade: préso-o tanto, que se fosse preciso punha para o salvar em um dos pratos da balança a fortuna da companhia sem me arrepender!

— Com effeito?... E' mais do que interesse, agora vejo — replicou o ministro meditativo — E de vossa paternidade, juiz tão competente!... Muito bem. Entreguemo-nos nas mãos de Deus. Theseu não fugirá aos carinhos de Ariadna; fie-se de mim.

— Pelo contrario. Permitta a providencia que sim, mas sem desgosto ou perigo... O maior inimigo da gloria de Jeronymo é esta menina. Solteiro não vê senão pelos olhos de ella; não respira senão pelo seu amor. Depois de casado imagina que o seu coração ficará o mesmo? Com um sorriso, com cadeias de rosas ha de atar-lhe as mãos, e não o deixará ser senão esposo.

Em quanto isto se passava entre os dois alliados, frei João e Lourenço Telles trabalhavam debalde por despersuadir o noivo de Thereza. As suas respostas firmes e concisas guardando o segredo da donzella e occultando sempre o verdadeiro motivo, tiraram toda a esperança ao erudito e ao seu amigo.

Um signal disfarçado do secretario das mercês ao commendador, e duas palavras do jesuita ao ouvido de frei João fizeram cessar

a contenda, parecendo que todos condescendiam com os desejos do mancebo.

— O nosso Marte não os quer ouvir! — disse o ministro, batendo-lhe no hombro com a maior cordialidade — Não o contrariemos. Por fim não é uma desgraça. Irá pela costa até encontrar o marechal de Berwick... que lhe dispensa a visita, aposto eu! Por hoje basta de negocios. Como diz Horacio, mais amigo do falerno do consul Opimio, do que das fadigas da gloria militar: *Nos humilem feriemus agnam*... Mas ahi vem as graças, e com ellas os sorrisos, como quer certo poeta... frade do teu convento, frei João. Estamos no paraizo!

E adeantando-se com a galanteria e o garbo de um cortezão perfeito, Diogo de Mendonça beijou a mão de Catharina, deu um osculo na testa de Cecilia, que se fez vermelha, e beliscou de leve a orelha de Thereza com a intima confiança de um amigo que a trouxera ao collo.

—Fomos pontuaes?... —disse rindo ao commendador a noiva do conde de Aveiras—Ah, o senhor padre Ventura! Sabe que lhe ia querendo mal? Não me tornar a vêr desde que estou aqui!

—Deus a abençôe, filha, e a faça tão feliz como desejo!—respondeu o jesuita, dando-lhe a beijar a manga e sorrindo-se para ella—Então diz-me que por um instante estive em risco de me perder a amizade?

—De certo... Uma ausencia tão longa!

—Os ausentes esquecem, é do mundo... E a minha donzella Theodora, a menina bonita está mal commigo tambem, e faz-se vermelha?

—Eu, senhor padre Ventura!...—respondeu Cecilia abaixando a vista deante dos olhos prescrutadores do visitador.

—Pois quem? Não pergunta, não deseja que lhe diga nada desde que nos não vemos?

—Sou tão pouco amiga de saber!...

—Quando sabe?... Ora pois! E da cabecinha como vamos? O coração vejo eu nos olhos... sempre bom e compadecido. Muito bem!—E chegando-se mais de modo que só ella ouviu —Meditou no que lhe disse em Santa Clara aquella tarde? Estão entretidos, perca o susto! Não entregue nunca a sua alma antes de conhecer a quem. Depois as lagrimas nada remedeiam.

Entretanto frei João inquiria Thereza, contando-lhe o que acabava de acontecer com Jeronymo. Ella, dissimulando, respondeu que ignorava, promettendo dissuadir o noivo.

Ao mesmo tempo levantou a vista, e, encontrando a do mancebo, achou-a severa e sombria, fez-se branca, e passou-lhe pelo coração um frio tão grande, que a teve quasi desmaiada.

Lourenço Telles chamou por Jasmin:

—Aonde foi meu sobrinho; que é feito d'elle? —perguntou—Porque está invisivel?

—Ia a sahir agora da copa—disse laconicamente o escudeiro.

—Da copa?...O que foi elle lá fazer?

—Não sei. O senhor capitão prohibiu que o acompanhassem.

—Sobre queda couce!— disse o erudito a frei João em meia voz—Philippe não se deita sem me transtornar alguma coisa.

—O abbade que se acautele!—redarguiu o frade encolhendo os hombros.

—Ah, frei João, quasi que tenho pena que Philippe não morresse. Assim como assim, o desgosto passado estava, e escusavamos de o aturar. Seja feita a vontade de Deus! Chegou finalmente sua magestade.

A ultima phrase alludia á entrada do capitão da *Sereia*, que se apresentou homisiado na casaca talhada para tres larguras suas, amortalhado nas rendas dos punhos, da tira e da gravata; e litteralmente carregado de bordaduras tão exoticas e assarapantadas, que Lourenço Telles de as ver ficou fóra de si. Diogo de Mendonça mordeu os beiços, e esgueirou pelos cantos da bocca um meio sorriso, que foi casar-se com um geito ironico que afilava os labios do jesuita; frei João soltou uma gargalhada cordial; e o inventor do livro dos Pavões deixou fugir pelo rosto perplexo uma visagem ainda mais duvidosa do que a sua erudição.

—Eis-me aqui aos seus pés, querido tio da minha alma! Mestre mandar, preto obedecer! Aqui venho a todo o panno! Esperem. E esta? Vou ferrar nos segundos rinzes este demonio. —Era a gravata, cujas pontas insolentes lhe accommettiam o beiço inferior.—Senhor padre Ventura, um seu criado. Agradeço-lhe muito o Santo Antonio que deu a Magdalena; cada vez está mais tola com elle. Tenciono um d'estes dias pendural-o pelo pescoço dentro do poço, só com a cabeça fóra d'agua... Quero ver se o ladrão do Santo manda chuva, ou me deixa seccar o cebolinho...

—Cala-te, impio!—gritou frei João irado.

—Impio é elle! Cuidas que não se sabe que te mettes no coro a dar graças a Deus em peccado mortal?

—Philippe — exclamou o commendador— advirto-o de que está com as pessoas que vê...

—Se eu as vejo, se ellas me veem, todos nos vemos, tio. E' claro como agua.

—Bem. Então espero que se lembre das minhas recommendações.

—Fique descansado. Meu amigo—gritou o marido de Magdalena, apontando grosseiramente para o abbade, que se encolheu deante do gesto provocador—não me escapa. Os trocos d'aquellas continhas são para outro dia. Não os perde por esperar—Voltando-se para o padre Ventura, que lhe cahira em graça, ajuntou muito alto.—Vê aquelle caracol, para não dizer seresma! Philippe me não chame, se elle não tragar gato e lagarto, e não fôr moido com um sacco de areia até Judas gemer=Jesus!

—Philippe!—exclamou severamente o erudito ouvindo a jaculatoria.

—Ah, padre mestre, o selvagem cada vez está peior!—suspirou o auctor da carta a Lucio Floro.

—Ha de passar-lhe!—respondia o jesuita com sorriso obsequioso—Sua illustrissima, de proposito, era incapaz de o offender...

— Qual! Aquillo é um alicanço! Ainda hoje... por amor d'elle foi posto na rua o Domingos, o melhor criado que tenho tido. Ha de endoidecer-me o tio.

— Não se cegue sem razão. Veja primeiro...

— Vejo como um lince, acredite, senhor pa-

dre Ventura. Aquelle demonio some-se na cova de um dedal. Um dia ainda hei de ir a levantar a tampa á terrina, e elle saltar-me á cara! D'ahi, tambem se mette a bôbo. A primeira vez que o vi, fez de mim palito das suas graças, chapando-me na bochecha: *Medoro torce il nazzo.* Sem nariz fica elle um dia. Não me tente!

O áparte dito uma oitava acima, foi geralmente ouvido, e deu em resultado pôr escarlate o abbade, roxo o dominico, e quasi apopletico de vergonha o commendador.

— Vamos para a mesa! — disse o velho sabio devorando a raiva — Passe adeante, Philippe. Muito obrigado, senhor Diogo de Mendonça, Cecilia podia ir só, e escusava de o incommodar. A minha bella inimiga concede-me a honra de a guiar; o senhor abbade irá ao nosso lado para rebater as murmurações do mundo! — concluiu com um sorriso — Senhor padre Ventura, confio á sua bondade o nosso doente frei João... Sem cumprimento!

— *Rodolet fragrantia mella!* — exclamou o procurador de S. Domingos, a quem o estomago de convalescente principiava a convidar. Vossa paternidade sabe que lendo as bucolicas de Virgilio tenho verdadeira pena de que o pagão se não salvasse?...

— Não podemos dizer... A misericordia de Deus é infinita. Como estamos a respeito dos arcos?

— Beijo mil vezes as mãos de vossa paternidade... O senado já fez recolher os vendilhões, e o hospital prometteu entrar comnosco em accôrdo. Os homens pagam!

— Não lh'o dizia eu?

— Assim vai tudo optimamente. A paz é uma santa coisa.

— Ás vezes... A habilidade consiste em a ajustar a tempo — replicou o visitador com um sorriso fino.

Conversando e rindo amigavelmente, os dois padres entraram na casa de jantar, seguindo o resto da companhia.

## CAPITULO XXXII

### Um fio no labyrintho!

O erudito estava radioso. A apostrophe de Philippe contra o abbade carregou-lhe o rosto de uma ligeira sombra, mas já estava desvanecida inteiramente. Confiava na efficacia de suas advertencias, e sobre tudo na rasoavel distancia a que os dois contendores se achavam um do outro. Ao lado de Diogo de Mendonça, o jesuita dava a esquerda ao commendador. Jeronymo assentava-se entre a sua noiva e o auctor da maravilhosa biographia de Viriato. Defronte d'elle frei João tinha de uma parte a senhora Magdalena da Gama, e da outra o Sindbad portuguez, cujas explosões aggressivas fôra encarregado de conter. Cecilia e a noviça, uma ao pé da outra, fechavam o circulo, sorrindo e segredando, como fazem por costume as meninas que se estimam.

A mesa, pelas roupas da India adamascadas, pela profusão de louças da China e do Japão, e pela riqueza e lavor das pratas do serviço,

podia competir com as mais opulentas e primorosas. Solteiro, esmerado, e desfrutando grandes rendas, Lourenço Telles nada poupava para unir o gosto ao esplendor. A cosinha e a copa rivalizavam com a escolha e o mimo das preciosas garrafeiras, sequestradas ao Baccho vulgar dos profanos para só alegrarem os dias festivos. Jasmin, o discipulo predilecto de Fontange, o adorador fanatico do illustre Vatel, recordando os exemplos e as tradições dos mestres na disposição dos ornatos e das jarras, na symetria caprichosa dos fructos e flores, parecia ter convertido tudo em um jardim, aonde a frescura e o recreio principiavam pelo banquete dos olhos os prazeres da gula.

Erguido no meio com tropheo a Comus, via-se o que então se chamava *triumpho*. Era uma galé de alcorce, coberta de festões e grinaldas, enfunando as velas de purpura, tremulando, nas vergas douradas um sem numero de flammulas de côres alegres. Os licores mais exquisitos, em pequenas redomas de crystal, occupavam o convés. A' pôpa dois anjos de azas extendidas e vestes candidas pareciam rasgar o vôo para os espaços luminosos. Os remates e figuras da prôa não eram menos vistosos e bem traçados.

Os pratos, alinhados em ordem de batalha, seriam capazes de abrir o appetite a um defuncto, como exclamou o capitão Philippe ao assentar-se. Em pequenas salvas via-se a manteiga em fôrmas lavradas, flanqueada de infinita diversidade de acepipes de marisco, de achar e de conservas, no meio das inevitaveis alcaparras e do teimoso perrechil. Cor-

belhas de prata arrendada ostentavam as suas pyramides de laranjas entre coroas de limões doces. Covilhetes enramados de salsa excitavam a sêde com as rodas de paio e de presunto, offerecidas ao lado de pequenos melões de inverno em açafates de porcellana. Os vinhos rivaes de Hespanha, de França e de Portugal, em garrafas de crystal, mostravam os topazios e os rubis mais ou menos claros do seu amor. Pucaros de louça cheios de relevos e figuras chinas, de curtos em curtos intervallos, patenteavam o manjar branco passado, os doces cobertos e os deliciosos picatostes de requeijão folhado.

Afamosa «Arte de cosinhar» composta e accrescentada por Domingos Rodrigues, mestre das ucharias de sua magestade o senhor D. Pedro II, não encerrava uma só receita curiosa, que deixasse de estar aproveitada. Jasmin e o abbade, pessoas de conselho e de paladar, combinando com a philosophia precisa a consonancia e a sympathia dos molhos e picados, souberam compôr um jantar, cujo artificioso ecletismo não consentia que se formasse um desejo que logo não se visse satisfeito. As grandes lições de Vatel, executadas com applauso do incansavel annotador de opusculos, inspiraram ao escudeiro francez algumas iguarias delicadas. As massas e folhados, brazão da cosinha italiana, cobriam de capas tenues, saborosas e alouradas, o fino recheio das tortas e empadões. As potagens e fricassés francezes podiam desvanecer um gastronomo consummado. Era por isso que os dois ediles, mirando-se na obra e achando-a digna, se mostravam impacientes por che-

garem ao momento critico em que o enthusiasmo lhes havia de coroar a fronte dos louros culinarios.

Philippe entretanto ia preludiando com energia, capaz de hombrear com a voracidade attribuida aos Cyclopes. Uma das mãos fez prêsa no primeiro melão de inverno que encontrou, em quanto a outra, profanando as virentes capellas de salsa, forrageava nas tiras de presuntosinho de Melgaço e no real paio alemtejano. Dois cães pouco amaveis, inquietos e felpudos, invadiram a sala, fazendo escolta ao capitão, e tomaram posições junto da sua cadeira, associando-se ao banquete com signaes nada equivocos de usurparem uma parte activa no espectaculo.

Confrangido e perplexo, frei João procurou chamar o amigo á observancia do decoro; mas o pae de Thereza, carregando a bocca de solidas munições, respondeu-lhe, sem se interromper, com um «não sejas crianças!» que deixou o padre vermelho e nervoso como as beatas accessiveis ao convulso.

—Accudam ao nosso capitão!—exclamou Diogo de Mendonça perdido de riso com a ingenuidade do honrado Philippe—Que pena empregar-se mal um appetite assim! Santo Deus! E' admiravel!... Lamento a ociosidade em que o deixam.

Lourenço Telles a este tempo discutia cheio de regosijo uma ode de Horacio com o padre Ventura, e nunca se vira tão feliz. O italiano concordava com elle, e o erudito batia o compasso á cadencia das citações, tendo o garfo e a faca aprumados cada um em sua mão.

Interrompido pela exclamação maliciosa

do secretario, volveu de repente os olhos para o logar do sobrinho, e enfiou. Uma pilha de cascas meio roídas, despojos do infeliz melão, formava o monumento accusador. Envergonhado e offendido, o erudito trocou um olhar com frei João, não menos confuso, e passou a afogar a dor e ira na mais pausada e estrepitosa de suas pitadas. Era o recurso habitual contra os primeiros impetos da Cólera. Depois, contendo-se com esforço, deu ordem a Jasmin para principiar o jantar.

Os manjares foram os da epocha, e parecenos que pouco lisongeariam o gosto dos modernos gastronomos. Resentiam-se d'aquelles temperos oleosos e ás vezes rancidos, que um cortezão francez aborrecia, declarando-os tão abominaveis como o córte das vasquinhas, e a armação dos toucados com que se desfigurava a belleza e a graça natural das damas portuguezas. Os proprios titulos das iguarias eram ciladas ao paladar. A sopa, chamada *á italiana*, por exemplo, sob apparencias substanciaes e innocentes, occultava a peor de todas. Quem visse as rubras tiras de presunto, e as vermelhas rodas de paio com estufado de carneiro e quartos de limão, nunca esperaria que o caldo em que se aboberavam fosse um mixto nauseante de gemmas de ovos, assucar e canella! A sopa á franceza, coroada de pombos, adens e meias linguas de porco, sorteados de olhos de alface e de chicoria no meio de capellas de cheiros e de cebollas cravejadas, recommendava-se pelo defeito opposto, ardendo em especiarias que faziam voar a bocca!

Estes pratos foram seguidos de duas gal-

linholas recheadas sobre um calvario de sopa de queijo, com cintos de alcachofras passadas e de chuletas de vitella. Logo a par a vista encontrava uma potagem de coelhos e perdizes á caçadora, guarnecidas de cartuxas de alcaparras; e um montanhoso fiambre de javali, enfeitado de laços e recortes dignos da reputação europeia do presunto de Westphalia. Em presença d'esta provocação picante o dominico dilatou as azas do nariz, compoz o barretinho, e correu leve o lenço pelos beiços humidos e titilantes. O abbade, não menos famelico, porém mais reconcentrado, mas cheio de importancia silenciosa, cresceu sobre os joanetes, extendeu a mão em palla sobre os olhos, como se cada prato fosse um astro rutilante, e com o garfo e a faca no ar, em continuo movimento, principiou o melindroso officio de trinchante, desempenhando as sortes e requebros do estylo. Os convites cruzavam-se; as perguntas e respostas repetiam-se; e a pouco e pouco o silencio, apoderando-se de todos, attestou a actividade attenciosa com que todos rendiam as suas homenagens aos guizados.

— Delicioso! — disse em fim o jesuita respondendo a Lourenço Telles — A' mesa do cardeal Beroni, em Roma, que ha de ter ouvido citar, não se está melhor, e direi até sem lisonja que nem tão bem. A grande difficuldade d'este prato, tenho ouvido aos mestres, é conseguir que o doce se sinta, mas não enjoe. Está excellente.

— Não duvido! — replicou o ministro arguindo a sopa elogiada com uma visagem epigrammatica — Mas nunca fui apaixonado

de pombos em gemmada! Antes algum amargo... Em Hollanda cose-se uma sopa em cerveja fervida...

— Medonha? — accudiu o visitador sorrindo.

— Horrorosa, sem lhe fazer injuria! E depois acha-se-lhe um agro-doce de botica... Arripio-me só de me lembrar. Deram-m'a a miudo; e comi... não havia remedio! Resignei-me a ponto de no fim me vingar dos meus perseguidores. Sabe, senhor padre Ventura, que no anno de 1692 um prato d'este pão remolhado em tisana custou aos estados geraes nada menos do que oitenta mil patacas?

— Não parece barata, devo confessar. . — disse o jesuita com malicia.

— Duas semanas, por esta conta, arruinam uma nação! — accudiu Lourenço Telles.

— Perdoe o meu antigo amigo! Sáe-lhes de graça por via de regra. Mas n'um jantar para que me convidaram como enviado de Portugal, taes elogios fiz da sopa, e tanta cerveja fervida entornei no estomago, que os meus amphitriões assentaram que eu era ainda mais hollandez do que elles. Deus sabe como sentia as estranhas! No fim ouviram-me e deram-me razão. Os piratas de Flessinga perderam as prêsas tomadas contra direito, e a indemnisação andou por oitenta mil patacas!... E como tudo isto em grande parte resultou da amizade grangeada pela adhesão á tisana fervida, digo que nunca se comeu na Hollanda, nem no mundo, sopa por este preço..

— O que prova como das pequenas coisas se chega ás grandes — observou o jesuita. — Sem a cerveja...

— Não tinhamos as patacas — redarguiu o diplomata rindo-se — Não se faz ideia do que são aquelles hollandezes em negocios de dinheiro... peores do que hebreus modernos. Meu rico senhor abbade, faz-me favor de repartir commigo d'esse bom vinho de barra a barra?

— Escusas de te cansar — exclamava Philippe para o procurador — hei de dizer tudo. A mim ninguem me mette uma rolha na bocca. Comi cobras, macacos e lagartos, isso entende-se; mas não lhe deitavam assucar, homem! Não posso calar-me. E' cem vezes peor do que os ninhos de andorinha da China temperados com oleo de mamona. Pombo doce! Pato com canella! Que tal?! E ainda por cima caiaram tudo de gesso. Não lembra a uma preta! Pedes ao abbade uma pernita d'essa gallinha que tem alcaparras?... Deus te pague. Ora vamos a vêr... Fóra com o logro; é outro lambedor! Sabe a mel! O' frei João, quem fez esta pouca vergonha? Aposto que foi aquelle seresma? Se elle metteu o nariz na copa e na cosinha! Rebuçados de frango!... Mil bombas!

— Philippe — gritou o commendador exasperado — Advirto-lhe que está á mesa, ao altar de Deus, em companhia de senhoras e de pessoas de respeito...

— Aonde eu estou é dentro d'uma barrica de melasso! — bradou o capitão enxaguando a bocca com vinho da Madeira — Nunca vi cozer gallinha em calda.

— Se não gosta, não coma...

— Obrigado; mas tenho fome, e não estou

para jejuar. Não almocei senão duas perdizes. Sinto-me fraco.

— Com razão! — accudiu o secretario, cheio de malicia — O que são duas perdizes a um almoço? Ha de estar cahindo com debilidade!... Quer um mau conselho? Se não gosta de assucar na carne, e eu confesso o mesmo peccado, o senhor abbade tem alli deante umas cartuxas de vitella e umas perdizes, que lhe recommendo... E' amador?

— Eu? Gosto de tudo principalmente. Sou capaz, com fome, de roer até uma caveira de jacaré... mas sem melasso. E tu, sonsinha, porque estás com os olhos espetados no tecto e o prato ás moscas, em ar de Santa Margarida de Cortona? Jeronymo, obrigue-a a comer; é sua noiva, pertence-lhe. Olhe que mulher com fastio é peior do que o gafanhoto na seara... sei o que digo! Frei João, dás-me vinho, ou o que fazes? Bebeste o meu, e deixas-me arribar em sêcco!

— Nem lhe toquei! O ultimo foi o que deitaste no teu copo...

— Pois sim, dize que fui eu, mas dá-me vinho. Tudo me sabe a xarope. Malditos pombos!

— Estas perdizes são de molho de Miguel Dias, e as alcaparras levantam-lhe o sabor — disse o abbade. — Dá-me licença, senhor padre Ventura, que lhe offereça d'ellas?...

— Dou, e agradeço. Parecem-me appetitosas... Pelo que noto, este Miguel Dias era doutor em perdizes?

— Em tudo de cosinha! — tornou frei João — Conheci-o muito; fomos amigos de tu. Tinha receitas preciosas. Por exemplo, aquella

perna assada, guarnecida de linguiça sobre sopa dourada... foi elle quem achou a combinação.

— E merecia um habito de Christo! — accudiu Diogo de Mendonça, levantando o copo, aonde no licor alambreado da Madeira se viam ferver os atomos de ouro — Qualquer das coisas só era boa, porém juntas ligam-se em uma consonancia admiravel. Pediria ao meu amigo frei João mais um boccadinho, se não lhe désse incommodo.

— O que tem aquelle prato? — perguntou o abbade.

— Não sei; parecem mariscos.

— Hei de provar. Faz favor de uma pouca de lebre assada?

Philippe, que estava roendo com delicias um pollegar de vitella guarnecida de descahidas, suspendeu as evoluções, e olhou com cuidado para a bocca e para o prato do auctor da carta a Lucio Floro. A esse tempo frei João cortava para si egual porção da lebre, e servia-se do marisco.

—O presunto de Westphalia tem jus á sua fama—observou o secretario—mas o bom presunto portuguez desafia todas as invejas. Agora o ros-beef dos inglezes...

—A escorrer em sangue?—gritou Lourenço Telles—Nunca o pude supportar. Senhor abbade, que vinho é esse?

—Bordeaux legitimo!

—Vou renovar saudades... Cecilia, offerece á minha bella inimiga d'esses melindres. São ovos, herva doce e assucar... suaves como o seu coração. Thereza, deante de ti está o que preferes; Jeronymo que te córte

d'essa capella imperial das freiras. Estas meninas, padre mestre, assentam que se vive só de amor.

—Pollegares de vitella?—respondia o jesuita a Philippe—Agradeço. Não sei porque, lembram-me os pollegares de urso que se fazem na Allemanha.

—E então?— perguntou Diogo de Mendonça.

—Sempre é urso. Assemelham-se a mãosinhas de criança.

—E' como os macacos no espeto, que se comem no Maranhão—gritou Philippe radioso.—Olhe, senhor Diogo, são exquisitices, nada mais. Tanto faz gato como lebre; tanto vale um mojangé de caracoes e rans, como um prato de marisco.

—Não nos esteja a horrorizar!—atalhou Lourenço Telles com desabrimento—Coma serpentes e bugios, mas guarde o segredo.

—Deixe-se de historias, tio! A scisma é que faz o mal. Pergunto: isto é lebre, ou foi gato?—clamou rindo, e mostrando uma cabeça felina escondida debaixo da tampa de um covilhete—Quem saboreou estas rans e estes caracoes achou-os enjoativos?—E apresentou o corpo de delicto descobrindo outro prato.

Ouvindo a revelação aterradora, a faca e o garfo cahiram ao procurador de S. Domingos e ao abbade. Por impeto commum os dois gastronomos afastaram com horror o guisado escandaloso. O capitão, subindo a voz duas oitavas, tremulava em triumpho a cabeça felina no meio do silencio geral. Não é possivel descrever a nausea e a desconfiança que se

pintaram de repente no semblante dos convivas. O secretario olhou para frei João conservando no ar a garfada que levava á bocca. O padre Ventura em um exame calado, mas pertinente, verificava a lealdade das iguarias que tinha consumido. Lourenço Telles, convulso, e meio cego de ira, virou o copo cheio sobre um prato de alcachofras recheadas, administrando-lhe um baptismo de vinho de Bordeaux.

De subito, o investigador das bexigas doidas sahiu do espasmo, em que parecia uma estatua, quiz balbuciar alguma desculpas, e como um foguete partiu da casa de jantar. O dominico, roxo e quasi apopletico, limpou o suor do rosto, procurando socegar o estomago por meio de repetidas libações. Vendo apparecer inopinadamente a cabeça do gato, e os restos mortaes das rans, as tres meninas soltaram um grito, e levantando-se ao mesmo tempo, sahiram todas da sala sem proferir palavra. A cabeça de Medusa causaria menos pavor, do que o tropheo erguido por Philippe.

Este, lisongeado do estrepito, tomava posse da solidão devída ás suas proezas, e disputava com Magdalena, demonstrando que tudo aquillo se reduzia a um curso de philosophia practica. Rindo estrondosamente das visagens de frei João, e do olhar enviezado com que este o fulminava, o capitão da *Sereia* trinchou, ou antes esquartejou a perna assada, passou para o seu prato uma alentada porção, e cruzando os joelhos, principiou a despachal-a com uma beatitude capaz de attestar uma innocencia completa. Este rasgo de impeni-

tencia final levou ao apogeu a exasperação do commendador. O erudito estava persuadido de que Minette fôra a victima sacrificada, e sentia nos olhos as primeiras lagrimas derramadas em memoria da amizade.

Pondo-se de pé, e fazendo tremer o sobrinho deante do olhar, Lourenço Telles deu ordem a Jasmin de procurar Minette por toda a parte. Depois, conservando-se em pé, com as mãos sobre a mesa, e o corpo debruçado, ficou esperando a volta do escudeiro com sombria gravidade. O mensageiro pouco se demorou, tornando logo com a grata noticia, de que o gato valido, em vez da receada decapitação, cozia serenamente enroscado a digestão do seu almoço. Tranquillo sobre este ponto, o velho erudito pôde articular, em fim, e expressar em severos termos a cólera que o suffocava.

—Philippe—gritou o commendador—a sua ultima brutalidade exgotou a minha paciencia. Adverti-o; cansei-me a prégar-lhe o respeito das pessoas, que não merece acompanhar. Com vossa mercê tudo é perdido. Saia immediatamente da minha presença, e não inquiete os poucos dias que Deus ainda me deixar viver. Está muito velho para se fazer criança, e cada vez acho mais pesadas as suas graças. Aqui não é matto, nem sertão; aqui não se comem feras adubadas, nem reptis! não faz caso de seu tio; mas eu o obrigarei a mudar de costumes, e a conter-se. Esta casa não serve de pateo das comedias, nem de balouço de arlequins. Saia!

O capitão, com os olhos esgazeados, e o pesar impresso no rosto, parecia assombrado.

Nunca suppoz que dar gato por lebre ao abbade incitasse o commendador a romper em tanta ira. As repetidas amnistias tinham-o costumado a julgar-se inviolavel; e ouvindo o mandado de despejo em tom, que não soffria replica, perdeu o juizo, e vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Estimava o velho sabio sinceramente, e como succede aos homens, cuja casca é tosca e grossa, o seu coração no fundo era excellente. Enrolando machinalmente a toalha da mesa no braço, com grande perigo de juntar aos outros erros o terremoto provavel da louça, Philippe contristado e perplexo saudou com um pescoção valente o hombro do dominico, dizendo-lhe ao mesmo tempo:

—Anda, fala! Dize alguma coisa a meu favor. O tio está assanhado como uma vespa.

—Não falo!—replicou o frade vermelho e tremulo. Cada vez estás peior; promettes emenda, e ámanhã tornas...

—Em nome de seiscentos milheiros!

—Pragueja agora como um marujo!.. Depois de nos metteres no estomago a arca de Noé, afunda a casa com blasphemias. Não te falta mais nada.

—Não sejas asno! Dize ao tio que foi graça... senão falo eu, e vae tudo por pó do gato.

—Se me promettes?...

—Não te dar caracoes ensopados? Nunca mais. Mas quem te mandou ser guloso, tu, um homem velho?

—*Mea culpa!*—gemeu o frade quasi aplacado—Não deixas de ter razão. Não minha edade a gente não deve arriscar-se em terra estranha... fica-me de lição.

—Ainda bem! O gato vinha para o abbade, e vais tu, e fazes-te á véla na mesma derrota!

—Podias ter-me avisado!... suspirou meio convencido o padre mestre.

—Sim para elle não comer?! Menos isso. Então falas?

—Por esta vez. Olha que é a ultima.

—Já te disse. D'aqui em deante estou calado e quieto como um defuncto. Verás!

—Deus o queira.

Entretanto Diogo de Mendonça com uma seriedade á prova de riso, e o padre Ventura com as suas maneiras affaveis, manobravam no sentido de consolar o commendador, afflicto e offendido da irreverencia do capitão.

—O meu antigo amigo dá licença? E' um conselho de homem velho. Gato por lebre tem-se dado a muita gente; esta não é a primeira vez, nem será a ultima provavelmente. Eu por mim não sei quantas m'o terão feito comer... O Alemtejo tem fama, e Lisboa pouco lhe ficará devendo. O senhor Philippe juntou-lhe as rans e os caracoes, porque são medicinaes?... Não acho caso para tanta bulha. O nosso abbade parece-me nervoso; a lembrança tem mais sal do que vinagre. Vamos, senhor Lourenço Telles, nada de me perder a serenidade, que lhe fica tão bem. Socegue. Entremos nos preliminares da negociação, e ponha-se a tristeza na rua.

—E' um selvagem, não faz ideia!—exclamava o erudito—Bebe-me o *Lacrima-Christi*, arrebata-me até os chambres de sêda e serve de capa aos lacaios para me saquearem o

doce... Ultimamente possuido de um odio bruto, envenena o abbade, e faz da minha mesa um açougue de anthropophagos... Se o deixo almoça o meu papagaio, e enchuga-me a garrafeira... Se tivesse em casa um regimento aboletado, não me inquietava tanto.

— Senhor Lourenço Telles, elle promette moderar-se — accudiu frei João intercedendo.

— Ah, meu rico frei João, não creia, *finis coronat opus!* E' um poço de malicia!... Verá.

— Tio — gritou o accusado — não me chame nomes hereges. O abbade é um mono, um alicanço enredador. Sei o que digo.

— Vossa mercê não sabe o que diz, nem o que faz. Assente-se. Largue essa toalha, para não me obsequiar quebrando os vidros e a louça, e depois falaremos. Senhor padre Ventura, tenho de lhe pedir mil perdões, assim como ao senhor Diogo de Mendonça. Jasmin, diga á minha bella inimiga e ás meninas, que as estamos esperando. Frei João, como companheiro na desgraça, quer encarregar-se de consolar o abbade, e de o trazer comsigo? A nuvem passou; mas desde já o advirto, Philippe; se não deseja perder a amizade de seu tio, ha de comportar-se de outro modo d'aqui em deante.

— No fim de tudo — observou o jesuita sorrindo para o secretario — o nosso abbade pagou a pena de talião. Tem mettido tanto gato por lebre, que foi justiça tirar-lhe uma vez a lebre e assanhar o gato.

— O pobre do frade! — redarguiu o ministro com tristeza comica — se fosse menos devoto de S. Bartholomeu, dizia eu que o demonio anda agarrado aos habitos de Frei João!

— Nunca peior lhe succeda! — atalhou o visitador — Olhe como Jeronymo está pensativo, e fóra d'aqui! Parece que não vê, nem ouve. Digo-lhe que dentro d'aquelle coração a tormenta é grande. Logo saberemos.

As tres meninas entraram ainda escarlates do riso que tinham desafogado; d'ahi a pouco appareceu a opulenta figura do dominico, trazendo quasi a reboque o auctor da carta a Lucio Floro. A magra e longa pessoa do archaista, com cinco ou seis camadas de indignação na physionomia, era um verdadeiro cartel á hilaridade. O proprio Lourenço Telles custou-lhe a conter-se. O abbade, assim que tomou assento, extendeu a mão solemnemente, como se emprazasse deante de Deus um inimigo poderoso, e esburgando as palavras.

— Senhor Lourenço Telles — disse elle — se condescendi com as supplicas de sua reverendissima foi em attenção ás respeitaveis pessoas com que estava. Seu sobrinho jurou a minha morte, e não descança sem a conseguir. As sevicias e os ultrajes repetem-se; e agora começam os venenos... Tomo o senhor Diogo de Mendonça por testemunha das brutalidades a que me exponho, e faço responsavel o dono da casa por todas as consequencias.

— Meu querido abbade, não lhe deram senne, nem agarico macho; foi gato por lebre e rans de molho; coisas saudaveis, posto que exquisitas na minha opinião.

— Senhor Lourenço Telles, eu não sou tigre, nem lobo, sou um homem grave e de bem. Se faz da sua mesa um banquete de selvagens, tenha primeiro a bondade de prevenir os hos-

pedes... Nem todos querem voltar á cozinha de Nemrod! Os seus animaes arranham-me; bebem-me o sangue; e faltam-me ao respeito. Seu sobrinho saqueia-me a casa, e aggrava todas as proezas com um attentado sem exemplo...

— Não exageremos! — exclamou o commendador — Um marechal de França, como sabe, estando sitiado, achava deliciosa uma coxa de cão preparada com ortigas... Parece-me que é peior do que as rans.

— Achava mal, respondo eu! — tornou o abbade seccamente — Não estou no costume de matar gatos para o meu assado.

— Vamos — accudiu o secretario das mercês — passemos ao segundo acto. Amnistia completa, indulgencia plenaria, todos precisamos d'ella... até sua illustrissima por nos querer deixar. Estes arteletes de vitella não enjoam; consolemo-nos com elles. Senhor abbade, sabe que estava capaz de lhe pedir de esse leitão tão bem assado! Ah, Ceciliasinha, como os bons costumes ficam! Sempre fiel aos pasteis folhados de coelho?

— E' massa italiana, e os de Florença passam por excellentes... — disse o jesuita — Hei de provar d'estes.

— Faz muito bem. Eu prefiro os linguados recheados com azevias; o molho é castelhano, e muito meu conhecido de Madrid... O vinho de Xerez não se póde dispensar com este prato. Frei João, um copo d'elle, se te apraz?

— Senhor Diogo de Mendonça — observou o erudito suspirando — mal sabe o que me lembram estes recheios á franceza? Recordam-me os jantares de Régnard na quinta de

Grillon. Que alegres quintilhas cantámos á mesa, e que famosos vinhos se beberam!...

— Faço ideia. Era a convivencia *inter pocula*, a mais agradavel que se conhece. Vi em Hollanda a Mr. Régnard, quando lá passou, mas pouco nos tractámos...

— E' pena! Ainda tinha mais graça falando, do que escrevendo. Que saudades me faz esta cantiga, que elle metteu depois na sua viagem á Normandia:

Surtout bon gite, bon lit,
Avec du vin de Champagne;
Surtout bon gite, bon lit,
Belle hôtesse, bon appétit.

E a voz tremula e falha do velho commendador desafinava o estribilho jovial da aria franceza, cuja musica parecia inspirada pela furia sonorosa de um Baccho. Despejando depois o copo até á ultima lagrima, Lourenço Telles assentou-lhe o pé com força em cima da mesa, e ficou triste.

— *O navis quo te referent fluctus!* — exclamou o secretario — Que pintor admiravel das vicissitudes da vida não é Horacio! Senhor abbade, vossa illustrissima, tão curioso por indole e estudo, ha de saber, porque sabe tudo, a razão que leva o homem a lembrar-se tanto do que passou, e a desgostar-se quasi sempre do que vê, por melhor que seja?...

— O motivo é simples — atalhou o jesuita — de desejos vive o homem, e depois de obter aborrece. Creio que será tambem o voto de sua illustrissima.

— Certamente; vossa paternidade o disse!

— accudiu com uma inclinação solemne o illustre inventor de casos raros.

— Muito bem, estou conforme! — proseguiu o ministro — Por signal alli temos o senhor Jeronymo Guerreiro, que ha um mez todo era impaciencia de abraçar os seus amigos, e agora parece magoado e abatido, como se estivesse suspirando pela hora de se ver longe d'elles.

— Quem, elle? — gritou Philippe com a boca cheia — Conheço-o de dentro para fóra. Eu é que o entendo...

Thereza fez-se pallida, e Jeronymo sobresaltou-se. Depois, reflectindo, replicou com um sorriso:

— Não entende, senhor Philipe da Gama. Certas coisas nem eu proprio cheguei ainda a percebel-as.

— Qual! Para cá vem brincando. Não preciso de candeia para vêr á noite; tenho olhos de gato. Tudo aquillo são saudades do mar. O peixe morre fóra da agua. Quer um ruim conselho? Faça como eu; case-se e ponha-se ao fresco. Até, se m'o pedir, torno a ir puxar pelas barbas ao Cabo da Boa Esperança, maldito nome que lhe deram! Sei o que digo.

Todos se riram, e Lourenço Telles acabou de se aplacar com o sobrinho. O jantar continuou com alegria entre saudes e finezas ás damas, remoques ao abbade, e anecdotas do secretario das mercês, que tinha o dom de contar com graça, e de inventar com acerto. Levantada a mesa, cada um veiu esperar o café, conversando e entretendo-se. Mais animado um pouco do que se estivesse em rigorosa abstinencia, o commendador, segurando

Cecilia de repente, e dando-lhe ao de leve um beliscão na orelha, disse rindo para o jesuita:

— E esta feiticeira não ha de ter um noivo? Este coração que está a pular e a fugir como uma andorinha não lhe armaremos um laço que o socegue? *Amour volage, tes chaînes sont les roses!* Qual é o seu voto, senhor padre Ventura?

— Receio que fique mal commigo — redarguiu o jesuita sorrindo.

— Cecilia tem juizo... mais do que parece. Diga.

— Como quer!... O meu voto é que a deixemos escolher; mesmo porque leio nos seus olhos que não gosta de ser constrangida. Póde morrer, mas não amará senão quando o coração disser que sim. Bem vê; ri-se; não me desmente. Sabe que é verdade.

— Pois de véras ainda acredita que se morra d'isso? — observou Diogo de Mendonça, mettendo-lhe o braço e levando-o para um vão de janella mais afastado, aonde ficaram sós.

— Acredito! — replicou o visitador com certa melancolia na voz, e grande vivacidade no rosto — Vossa senhoria é sabio e tem noticia dos reinos da natureza. Na America ha flores que murcham de dia, parece que o sol as mata; mas em o zephyro refrescando, em cahindo as sombras da noite alegram-se, renascem e perfumam tudo. A's vezes o espirito humano é como ellas. Fecha-se mais consigo do que se cuida. No silencio e na saudade, que são as suas noites, a esperança floresce e a alma reanima-se. Explique naturalmente as coisas, e hão de parecer-lhe simplices.

A sensibilidade na mulher assemelha-se aos anjos, mas com o perigo de a fazer desgraçada. O coração não é só um orgão, é a vida. Tire-lhe o amor ou qualquer dos grandes affectos, e diga-me o que lhe fica! Encha a alma de acção e de desejo, e veja se a desvia para outro lado! Sendo feliz, o amor com a saciedade desengana-se de muitas illusões; mas sujeita-se e não se queixa, por mais pesada que seja a cruz. Se comprimir o coração, e cortar as azas á vontade, o que espera? Como a vida não é só do corpo, a magoa cansa o animo, e as lagrimas, sumindo-se dos olhos, porque rebentam para dentro, alimentam as dores incuraveis, que pouco se vêem, porque se calam, e não se suavisam, porque a morrer se reduz a sua esperança. A mão é gelo como a alma; o espirito um preso que suspira pela liberdade; e o peito (o vaso) cheio de tanto fogo interior, fraco de si, e com a dor a gastal-o, estala de repente, convencendo o mundo de que chamou existencia aos movimentos do automato... Aqui tem senhor Diogo de Mendonça, o que sei de experiencia e de ideia, que succedeu, e ha de succeder... Santo nome de Jesus! Agora reparo. Não estive, Deus me perdoe, a falar de paixões profanas? Vale-me ser medico da alma; e ella não se allivia, nem se consola sem lhe conhecermos o mal. No fim, qual de nós aos dezoito e aos vinte annos não fez o seu romance? E a quem não lembra elle? Uns sempre com saudades; outros para fingir que se esquecem; e alguns, e os fortes de espirito... para crerem que verdadeiro é só o amor de Deus, porque fumo e pó são todas as vaidades do seculo! Até eu, que tão pouco

vivi n'elle (e foi de mais infelizmente!) se não estivesse amortalhado e sepultado na minha tunica... podia citar-lhe exemplos, e dizer-lhe coisas, que o haviam de persuadir. Mas a carne é fraca. Não é bom abrir os tumulos, nem inquietar os mortos!

— Estou pasmado do que ouço a vossa paternidade!... Se o conhecesse menos acreditava que a sua tunica... é que insinua, uma mortalha! Nas suas palavras ha ainda um ar de saudade...

— De saudade é muito; mas de memoria, de arrependimento, porque não? Ninguem nasce perfeito... Não me envergonho de confessar que não cheguei ao porto sem naufragio. Falemos de outra coisa. Aproveitemos a occasião. Elles estão em litigio de latinidade com o padre mestre, e estes minutos são para nós. Então, com certeza o que sabe de el-rei? O que me diz da molestia do senhor D. Pedro II?

— Até agora nada de cuidado. Sua magestade está gravemente doente, mas os medicos não desconfiam. Capitulam a molestia de uma constipação forte apanhada na picaria...

— E vossa senhoria acredita os medicos?

— Desejo acreditar. Elles da outra vez não se enganaram.

— Quer que falemos como alliados e amigos?

— Até o pedirei a vossa paternidade, se é preciso...

— Pois então eu digo. O que el-rei padece é um pleuriz, e não o levantam da cama senão para o deitarem ao lado de seu pae em S. Vicente de Fóra. O doutor Lopo Gil, o physico

da sua camara, que tem bons olhos e é todo nosso, avisou em segredo o padre Sebastião de Magalhães. A quantos estamos hoje?

— A sete de dezembro. Mas nunca suppuz...

— Devia suppor. El-rei o mais que pode durar é até ao dia nove. Sirva-lhe para se prevenir. Vamos entrar em um reinado novo, e é preciso prepararmo-nos, porque a campanha não ha de ser pequena, e as primeiras horas decidem de tudo. O seu defeito... quer que fale com sinceridade?...

— Vossa paternidade faz-me grande favor. Somos espelhos uns dos outros.

— Muito bem! O senhor Diogo de Mendonça, como quasi toda a gente aqui, pecca por indolente, deixa tudo para ámanhã. E' um erro, um perigo immenso, porque nosso e seguro, só temos o presente... o futuro ninguem conte com elle. Cesar se lesse os avisos, que lhe mandavam, e não dissesse: ámanhã! não ia ao senado, e não morria... Não se esqueça d'este, e de outros exemplos.

— Então vossa paternidade entende que ha perigo?

— Não sei se ha; mas sinto que póde havel-o; para mim basta. As grandes batalhas nunca se ganharam dormindo.

— Estou de accôrdo, porém, assim de repente, confesso que não acho senão difficuldades, e que não sei descobrir o caminho mais curto...

— De repente? — disse o jesuita sorrindo — pois tendo dois dias de seu, quero que seja só um dia util, visto declarar-se depois da ámanhã a verdade, diz vossa senhoria que é de repente? Creia em Deus e em si! Vinte e

quatro horas aproveitadas, com os amigos que tem, e o genio do principe que vai reinar, nas mãos de um homem habil faziam primeiro ministro qualquer desembargador do paço, quanto mais o secretario das mercês...

— Perdoe vossa paternidade, mas invejo a sua confiança. A mim o que me custa é achar a entrada. Não sei por onde hei de entrar.

— Entre pela porta. Tudo o mais é estreito e pouco seguro. O senhor D. João v (dou-lhe já o titulo com que em poucos dias será acclamado) foi sempre orgulhoso, gosta de fausto, precisa de amar, e deseja ser um grande rei, e emquanto não o prova, quer parecel-o. Propoz-se Luiz xiv por modelo; tenho-lh'o ouvido exaltar; e sei que o livro por onde estuda é a historia do governo de sua magestade christianissima. Uma só d'estas inclinações entrega o homem; todas juntas veja o que será! Na mocidade, em que sobe ao throno, e com o poder absoluto, que mesmo herdado sempre causa suas vertigens, o que espera que elle faça?... A edade ha de doidejar; é verde; o coração ha de entreter-se; tem ardor e sensibilidade; resta a cabeça, a imaginação; e essa aos dezoito annos, ajuiza dos homens pelas palavras, sonha de dia com os planos de grandeza, e de noite com as illusões do amor... O homem fórma-se depressa no throno, ha de dizer-me? N'aquella altura o ar e a vida são outros? A corôa de metal pesa; o velludo e os arminhos do manto opprimem; e os cabellos brancos vem primeiro aos reis, do que aos mais? A experiencia nos que teem as qualidades de sua alteza amadurece cedo?... Pois sim; tudo será certo; mas pagará primeiro o

seu tributo; e as ondas não são mais inconstantes, nem as aves do céu mais incertas, do que a affeição, ou o odio de um soberano moço nos primeiros tempos. Conte com isso.

— Vossa paternidade faz-me tremer! Esse foi sempre o meu juizo, e o meu receio a respeito de sua alteza; mas tão claro e tão exacto ainda ninguem leu no coração de um principe...

— De um mancebo, diga! A grandeza modifica o caracter, mas a essencia fica. Acredite que o verdadeiro livro na arte de governar é o coração humano. O *nosce te ipsum* dos antigos queria dizer isso... Mas não nos desviemos. Estou-lhe fazendo o roteiro da jornada, e olhe, no principio, parece-me que se ha de fatigar.

— Receio mesmo não passar das primeiras legoas...

— Nada! Indo só e ao acaso, talvez; mas em boa companhia, e com praticos seguros chegará depressa, e sem incommodo. O caso todo é levar o rei...

— De certo; mas para o levar?...

— E' preciso entreter o mancebo e attrahir o poeta...

— Pois sua alteza faz poemas? Tanto peior.

— Faz poemas em prosa. Idyllios para as suas tapadas; governos de Salento para o estado, como no Telemaco; e odes saphicas para o seu coração... O que todos nós faziamos aos dezoito annos, quando cuidavamos que o paraizo era a dois passos da imaginação...

— O meu temor são as poesias politicas. A utopia de Salento a ferver na cabeça de um rapaz!...

— Deixe. Luiz XIV, que entendia menos mal de governo, não se assustou tanto. E' verdade que mandou o mentor, Mr. de Cambray, descansar dos planos reformadores na paz do episcopado. Sua magestade sabia, que tres dias de reinado bastam para a novella ficar... julgada.

— Assim mesmo! Tenho muito medo de Salento!... Acha vossa paternidade, que devo aprender a parte de mentor?

— Nos primeiros mezes. Falemos serio. O principe tem orgulho, grande orgulho; infelizmente a instrucção não corresponde. O padre Luiz Gonçálves, seu mestre, não foi diligente como devia. Sua alteza, dotado de muito caracter e de engenho, affronta-se do seu fraco saber, e não gosta, como rei, que lhe lembrem que estudou pouco em principe... A mocidade agradece que a ensinem, mas não se lhe deve dizer que é lição... O senhor D. João V, a sua primeira vaidade será fazer-se absoluto; figurar que elle é o governo e o estado, que não tem, nem quer ministro do despacho universal. . Luiz XIV começou assim. Ria-se comsigo, e deixe passar atraz do orgulho do rei a vontade do ministro. Peça-lhe as suas ordens; e não o aconselhe nunca. Limite-se no principio ao papel de informador. Conhece melhor do que eu como a boa informação faz os negocios.

— Vossa paternidade nasceu para governar um imperio!

— Assim mesmo o nosso não tem nada de pequeno; é maior até do que desejo! Não o govérno, bem sei, mas ajudo. Vivemos com tanta gente, entre povos e soberanos tão diffe-

rentes, que estamos acostumados. Tudo vai do habito. Sabe caçar?

— Desde criança. Porquê?

— Porque um bom tiro não mata só a lebre, ou o coelho, mata ás vezes um inimigo... Não se assuste: o tiro é metaphorico. O caçador está ao pé do rei, e os ministros não percebem que ha occasiões...

— Diabolicas! Percebo.

— Portanto o meio de ser primeiro ministro do senhor D. João v consiste em figurar que o não é. Sua magestade reina, o secretario de estado governa, mas entre os dois o segredo deve ser tamanho, que o rei nunca chegue a sonhal-o.

— Admiravelmente! Tudo me convence de que Roque Monteiro perde as graças de el-rei dentro de uma semana...

— Está arriscado! Quanto ao fausto que sua alteza estima, reduz-se tudo a deixal-o gastar, e a apromptar-lhe o dinheiro. O resto é com o seu confessor... Conhecendo que o rei é homem, ponha-se sempre bem com o homem; e não receie.

— Estou maravilhado! Mas ha ainda um penedo na estrada. São os malditos papeis... As cartas da rainha e do prior Spinelli.

— Ah! Não me occorria...

— Pois a mim não me esquecem, nem a Roque Monteiro! O orgulho do principe não me revelará nunca a negligencia, com que expuz a familia real...

— Agora reflecti. Ha um meio; ouça até ao fim. Com outro principe era arriscado; com este respondo pelo exito. Logo que Deus chamar o senhor D. Pedro II, peça uma audiencia

ao novo rei, lance-se aos seus pés, e diga-lhe a verdade, toda a verdade. Accuse sem receio a Roque Monteiro, e peça-lhe conselho sobre a maneira de reparar o mal...

— Mas!...

— Não me interrompa. O senhor D. João ensoberbece-se vendo um homem do seu saber dependente da clemencia real, e, o que é mais, do conselho do rei. Crê mais em si, e enche-se de confiança. Desde que nota que o senhor Diogo de Mendonça se vale, não do seu poder, mas da sua opinião, perde o receio de que intente dominal-o, e agradece-lhe interiormente o conceito que forma do seu talento. Este modo indirecto de lisongear é o mais efficaz. Verá que sua alteza toma o negocio a peito. O amor proprio interessa-se; e a partida não é já senão entre um rei moço e orgulhoso e o ministro Roque Monteiro. Depois o principe é rapaz, animoso e dotado de instinctos nobres; e na sua edade a traição detesta-se, e a perfidia horroriza... Podiamos obrigar o seu emulo a entregar os papeis sem o senhor D. João saber, mas perdia-se contra elle o effeito d'este lance. E' natural que sua alteza queira que lhe conte o modo por que o masso foi roubado ao seu deposito...

—Agora me estava occorrendo. O peior é que eu ainda sei menos do que sua alteza!

—Socegue. Se perguntar, abra este sobrescripto, e dê-lhe o papel que está dentro, beije-lhe a mão e retire-se. Acredite-me; a casa de Roque Monteiro fica a arder... Se o não incommodar depois, e quizer, duas linhas de aviso para S. Roque não seriam más. Encarrego-me do resto.

—Vossa paternidade julga que devo ir ao paço esta noite beijar a mão de sua alteza?

—Não vá. O principe esta noite sáe, e não gostará que se saiba, sobre tudo estando el-rei de perigo. Então?! Como lhe dizia, quinta ou sexta feira ha rei e ministro novo. Creio que a nenhum de nós faz mal a alliança offensiva e defensiva?

—Cada vez conheço mais a generosidade de vossa paternidade. Mas as noticias são tão graves, que preciso retirar-me para dispôr...

—Não se descubra. Esteja acordado, mas não acorde os outros. Digo-lhe que é partida ganha.

O ministro approximou-se outra vez dos seus amigos, e o visitador, tomando de parte a Jeronymo Guerreiro, procurou sondar-lhe as dores, e prescrutar os motivos d'ellas. Depois de muitas perguntas indirectas, e de algumas respostas ambiguas, pondo a mão no hombro do mancebo com auctoridade, o padre disse-lhe:

—Para que me está enganando, se eu leio na sua alma e a vejo chorar? Irmão Jeronymo, faltou á companhia, escondendo d'ella os seus pensamentos! Sei o que padece, e adivinho o que me occulta. Um homem, Jeronymo, e um homem com o seu coração não tem remorsos e pejo da fraqueza de meditar o suicidio, e de o pedir a Deus?

—Ah, padre Ventura, se soubesse o que sinto, se conhecesse a dor que me traspassa!... Cuida que posso existir assim, e levantar a cabeça, tendo sobre mim este peso de desenganos e magoas! Se de repente a luz da sua

alma se apagasse, e a alegria da sua vida lhe fugisse, o que fazia em meu logar?

—Pedia constancia a Deus, e no calvario do martyrio arvorava a esperança duravel, a esperança divina. Cuidei que não ignorava que no mundo quasi tudo são lagrimas e illusões; devia saber que a dor e a desgraça são companheiras do homem, e nunca largam o seu lado... Tenho-lh'o ensinado.

—A sua alma é forte!... Mas eu é que não tenho animo. O que fiz e consegui não era para mim. Julgava que o coração d'ella se uniria ao meu nos trabalhos e nas esperanças... Nunca senti os braços carinhosos tão suaves para os outros. O meu berço foi um berço de orphão; e amei-a, padre, amei-a com o extremo de filho, de irmão e de amante! Hoje, que me desenganei, morro, porque estou só.

—O homem nunca está só! E a mim quem me acompanha, quem me esforça e me ha de cerrar os olhos com ternura e amizade? Julga que não sei os tormentos da saudade, e que não ouvi dentro do peito os mesmos gritos da paixão tambem louca, tambem cheia de magoa? Porque me vê amortalhado cuida que não vivi, que fui velho sempre de espirito e de coração?... Sonhei do mesmo modo; e ao accordar, procurando a alma, encontrei-a banhada de prantos sobre um tumulo! Era pouco?... E não me abracei por isso com a morte, não commetti o crime de procurar o suicidio!... O peso do infortunio prostrou-me como a todos; a afflicção tentou-me, mas a vontade venceu, e tudo se calou... Sabe como o homem forte se ergue d'estes golpes? Mu-

dando de paixão, pondo os olhos no céu, e crendo em Deus. Hoje... não me lembro senão de que o desterro ha de ser curto; e no dia em que for chamado irei descansar contente ao lado da minha cruz, supportada sem queixume, e no seio do Senhor, aonde chorei sem desesperação...

—Mas é que vossa paternidade não é um homem como os outros! Admiro os seus exemplos, mas não posso seguil-os!... Como quer que esqueça, se o coração não sabe e não diz outro nome? Se a alma não está commigo, mas com ella?

—E' porque não manda ao coração que se cale, e á alma que veja outra coisa. Se fossem seus obedeciam-lhe.

—Ha tantos annos, padre Ventura, que a vida não é minha! Entreguei-a desde criança; e agora mesmo chamo-a e não me ouve! Se não parti é porque me disseram que esperasse. Mais seis mezes, e no fim d'elles!... Não me illudo, não me entristeço, sou livre, ficarei tranquillo...

—Morrendo com medo do infortunio!... —interrompeu severamente o jesuita—Bem! Disse tudo? E' a sua ultima resolução?

—Disse!—respondeu o mancebo deixando pender a cabeça—A vossa paternidade não occulto nada.

—Então se o não amarem?

—Não posso viver.

—Hão de amal-o.

—Não, meu padre! Diz-me o coração que a minha vida acabou aqui. Depois o desengano veiu d'ella! Sei que me estima, mas o seu amor... passou. Tenho a prova.

— Já me viu prometter de leve, irmão Jeronymo? Ora bem! Se nós pudessemos fazel-o forte, o instituto ganhava a maior victoria. E' filho de S. Ignacio pelo voto; creio que o seu espirito é menos fraco do que o seu coração; quem pecca é a mocidade... Essa ha de passar e emendar-se! Entre perdel-o por uma paixão obscura, e salval-o satisfazendo-lhe o erro, por que é só erro, prefiro que viva. Conheço que do homem que era a minha esperança, e em que punha a futura gloria da Companhia, só ficará o espirito comnosco, por que, por mais que faça, não pode tornal-o pequeno... assim mesmo com o coração captivo e a alma longe de nós espero que se a Companhia o chamar...

— Ainda que Thereza me pedisse de joelhos!

— Não diga palavras temerarias. Se ella mandasse, ficava. O escravo não pode prometter: eu farei! A vontade é do senhor.

— Padre visitador, não mereço.

— Merece! Acha amarga a verdade? De que se queixa? Quem se desgosta e entrega a vida ao amor voluvel d'uma mulher, o que ha de negar depois? Hoje quer morrer, por que não tem animo para supportar a dor; ámanhã o que fará para não perder a felicidade?

— Vossa paternidade é severo!

— Engana-se. Sou justo.

— Não é uma paixão leviana; é o amor do meu coração desde que o sinto bater no peito...

— O amor é natural, não o accuso. O que estranho é a fraqueza.

— A fraqueza! Vossa paternidade não acredita! Não me disse já que não sou atreito a virar as costas? Bem viu se a morte me assustou?

— Cuidei; mas foi engano. Não tremer da morte é o menor valor; ha casos em que o animo consiste em poder com a vida. O homem que medita o suicidio, porque a magoa o afflige, ou porque a esperança anoiteceu na sua alma, outro dia tem medo de morrer se for feliz!... O valor que honra o coração e o espirito é a serenidade no infortunio, e a constancia na adversidade. Ora aqui a adversidade veiu, e o homem fugiu: diga, uma criança faria menos?

— Padre Ventura, é preciso todo o meu respeito...

— Então sempre julga covardia matar-se ou expor-se voluntariamente á morte, que é o mesmo, porque achou rigor em uns olhos aonde esperava sorrisos? Cuidei que lhe parecia natural!

— Eu não disse...

— Que sò no mundo, sem ella, não queria viver? Suppuz! Ainda bem que foi equivoco. Já crê então que Deus não nos concedeu o precioso bem da vida só para o amor profano, esquecendo o serviço na idolatria das paixões mundanas? Ora pois! Veiu aonde queria. O que disse foi para lhe pôr deante da loucura um espelho, e convencel-o. Seja homem! O amor é um bello sentimento, mas nasceu para nos dar a vida, e não para causar a morte. Medite, fortifique-se e tome posse do seu coração e da sua alma; vença-os com o espirito, que tem mais poder, e verá que lhe obede-

cem... depois de alguma dor. Costume-se a tomar conselho da razão, e a moderar os impetos... A magoa e a alegria, em excesso, são delirios... Tenho que escrever para Castella. Quando parte, irmão Jeronymo?

— Quando vossa paternidade disser! — replicou o mancebo, inclinando a cabeça e cruzando os braços.

— Muito bem! Vamos melhorando pelo que observo. Então fica em quanto eu não disser o contrario?

— Depois da promessa de vossa paternidade... o logar é-me indifferente.

— Dê-me um abraço, e confie em Deus. A'manhan falaremos devagar.

D'ahi a poucos minutos o jesuita sabia da bocca de D. Catharina as particularidades relativas aos amores de Jeronymo e aos receios de Thereza. Encolhendo os hombros e sorrindo-se, exclamou a meia voz:

— Suppuz outra coisa. Podia ser peor!

## CAPITULO XXXIII

### Dentro e fóra

O banquete tinha acabado havia muito; e depois do sol posto não existia um só dos convidados na sala de Lourenço Telles. O primeiro que, allegando urgencia de negocios, se havia retirado, tinha sido Diogo de Mendonça; o ultimo que sahiu, bastante formalizado de alguns gracejos do erudito, foi o abbade Silva. O inventor do livro dos Pavões,

empunhando a bengala historica pelo precioso castão de Cleopatra, e ensaiando as articulações e os nervos flexores em passos bastante largos, meditava sobre a composição de novo opusculo para romper as hostilidades com um golpe que aterrasse. Estava disposto a não parar em quanto não acabassem por uma vez as sevicias de Philippe, e os remoques impertinentes do commendador.

Fazendo a Lourenço Telles as ultimas despedidas, deixou correr pelos beiços franzidos aquelle sorriso singular dos doutos, tão prenhe de ameaças, e tão fecundo em folios assassinos. Felizmente para elle e para os outros d'esta vez queria pedir á risonha e travêssa Thalia o desaggravo da dignidade offendida!

Bem afastado de prever a tempestade imminente, Lourenço Telles não deu por concluidas as suas benevolas attenções, senão quando o jesuita pegou no chapéu e tomou as suas ordens para o collegio de Santo Antão. Seriam luzes accesas; e havia mais de uma hora que o honrado capitão da Sereia e o procurador de S. Domingos tinham ido espairecer os fumos do jantar; frei João levava pendurado no braço o pae de Cecilia; e este, marinhando com viveza pelo venerando busto do seu amigo, fazia-o victima da ladainha de improperios, em que era inexgotavel a lingua maritima de Philippe contra o auctor das proezas de Viriato!

Sem dizer uma palavra a Thereza, sem cruzar a vista sequer com a d'ella, Jeronymo, depois da sua conversação com o padre Ventura, esquivou-se desapercebido, desceu ao jardim, e abrindo a pequena porta (que dava

para o *pateo da estalagem*) foi encontrar-se com um vulto que o esperava, e que á sua chegada se coseu ainda mais com a sombra do escuro passadiço por onde os dois partiram, desapparecendo immediatamente.

Vista a distancia, e mesmo de escorço, aquella figura torcida sobre a ilharga, descrevendo semi-circulos de parafuso com os pés, e prodigalizando saltos curtos e numerosos, parecia-se muito com o nobilissimo personagem Domingos José Chaves. Talvez não fosse, mas a similhança não podia ser maior.

Magdalena recolheu-se ao oratorio, e cheia de devoção pelo rosario tocado na ara santa do sepulcro, principiou e concluiu as duas novenas d'esta semana, rezou a oração do justo juiz e o cantico de *Magnificat*, e passada á casa uma revista escrupulosa de boa governante, tractou de descansar um pouco, esperando por Philippe.

Da sua parte Lourenço Telles achou forte de mais para os seus oitenta annos o vinho generoso. Recostado na poltrona, e balanceando o corpo sobre o pé escorado na travessa da mesa, cerraram-se-lhe a pouco e pouco as palpebras cansadas. Atraz de seu amo, Jasmin esgazeava os olhos para os não fechar, e com affectada negligencia recostava os cotovellos no espaldar da cadeira, receando adormecer em pé e faltar-lhe de repente o equilibrio. Ao vai-vem do corpo do erudito correspondiam as cortezias suspeitas do escudeiro; e cada abrimento de boca mal reprimido determinava no provecto confidente uma contracção para conter egual bocejo.

N'estes termos o dialogo não podia ser lon-

go, nem seguido. Os dois no fim de tudo o que queriam era salvar as apparencias. Depois de algumas perguntas pueris, feitas com frequentes pausas, o commendador declarou-se vencido, e passou ao seu quarto na companhia de Jasmin; e as ultimas palavras que ouviu acordado foi o nome de Domingos José Chaves. Os sonhos apoderaram-se d'ellas, e toda a noite luctou com extravagancias em que o aborto sempre representava papel conspicuo.

Em quanto um depois do outro, os differentes actores da scena antecedente, se mettiam na cama e resonavam, as tres meninas tinham-se juntado no toucador de D. Catharina. Sorrindo e conversando com animação, a noviça procurava ler na alma de Thereza, penetrando as recentes magoas que a via calar comsigo por orgulhosa ou por discreta. A' mesa notára que nem ella, nem Jeronymo se falavam; depois n'um momento em que o mancebo julgava que o não observariam, a filha de D. Luiz reparou no volver de olhos carregado de tristeza, que o amante deixára escapar, tendo impressas no semblante as sombras da desesperação. Aquella vista, rapida como o pensamento, chorava de ciume e de agonia! O que havia de novo entre os dois? O segredo tinha-se rompido; e Jeronymo sabia já que o amor da sua vida não passava de um sonho? Seriam os primeiros suspiros de acordado, achando de menos a esperança e a ventura?

A noiva do conde de Aveiras não podia perceber! O sorriso gelado nos labios de Thereza parecia-lhe mais cruel do que a mesma

dor; a apathia do rosto assustava-a pela expressão pungente, immovel e como aberta em jaspe das feições; e as lagrimas, mal escondidas, que ás vezes cahiam das pestanas, desenrolando-se pelas faces, confessavam-lhe que dentro do peito, e apesar do silencio da bocca, a lucta era terrivel. A irman de Cecilia olhava, mas sem ver; movia os beiços e falava, porém sem perceber. As pupillas de esmeralda ora luziam tanto, que a chamma deslumbrava; ora, como cegas e apagadas, eclipsavam logo depois o brilho em névoas de amargoso pranto. O agitado seio, palpitando, trahia o combate que o espedaçava.

Em quanto Cecilia, brincando, lhe tirava os enfeites do toucado, mettendo em papelotes de cores os anneis das tranças, D. Catharina, pensativa, não tirava os olhos d'ella. Se no semblante de Thereza eram faceis de conhecer os signaes do enlevo pezaroso e as penas do coração, na physionomia da educanda notava a inquietação febril e desacostumada, que umas vezes lhe abrazava as faces e fazia scintillar os olhos, e outras lhe prendia a voz, cobrindo o rosto de pallidez, e a vista de um véu. Este desassocego de espirito, que seria visivel mesmo a quem adivinhasse menos, para ella não admittia duvida. Na alma de Cecilia havia tambem lucta e hesitação!

A amiga da sua juventude tinha um segredo, occultava-lh'o, e aquelles afagos redobrados eram para melhor o dissimular! Dir-se-ia em algumas occasiões que as confidencias queriam voar dos labios de rosa para o seu ouvido; mas uma força occulta, mais pode-

rosa do que a amizade, tornava a sopeal-as, denunciando a anciedade no riso, no olhar, e até no tremor da fala!

Thereza, desculpando-se com o cançasso, arrancou-se ao martyrio de não poder chorar em silencio; e a noviça, vendo-a sahir, e sentindo no rosto o frio dos seus labios, quando a beijava, meneou a cabeça com melancolia. Depois, voltando-se de repente para Cecilia, que lhe despregava o fio de perolas do collar, e attrahindo-a aos seus braços com o carinho de uma irmã, e o impeto de uma commoção irresistivel, deixou correr calada e por alguns momentos as lagrimas sobre as faces da sua amiga. Esta, confusa e suspensa, empallideceu, córou, e, desfazendo-se em osculos e branduras, exclamava:

— Choras? O que te afflige?

— O teu coração não t'o diz, Cecilia? — accudiu a filha de D. Luiz de Athaide, limpando os olhos, e encarando-a com tristeza.

— Não! — atalhou a educanda, vermelha e perplexa — De que te queixas, e o que te fiz?

— Para que dissimulas, querida? Vivemos juntas tanto tempo, e a nossa alma uniu-se de modo que sabemos os segredos uma da outra, mesmo sem falar.

— Não te escondo nada! Quem te disse?...

— Os olhos, Cecilia, cuidas que não sei ler n'elles, ou que me esqueci? Porque foges com a vista? Tens um segredo! A tua vida, a tua honra...

— Um segredo!... Accusas-me injustamente. Não merecia... A primeira que sabe que nunca fiz mysterios és tu.

— Nunca senão hoje.

— Não me impacientes, não me faças chorar! Custa-me ouvir-te assim.

— E conhecer a razão não custa mais ainda?

— Olha, adoro-te, e no que me pertence nunca tive reservas. Queres que diga a verdade? Sim! Tenho um segredo, um grande segredo... mas não é meu.

— Pediram-te que não o dissesses?

— Pediram!

— Prometteste guardal-o?

— Prometti!

— Já o sabia!

— Tu?... Quem t'o disse?... Não o conheces...

— Adivinhou-o quem ama mais do que elle.

— Minha mãe?

— O amor das mães nem sempre vê tudo.

— Minha irmã?

— Thereza? Os seus olhos estão turvos de chorar.

— Foi então?...

— O coração de uma amiga, que te estima ainda mais do que a si propria! Não era preciso que me dissesses, Cecilia, para eu adivinhar... Cumpre a tua promessa; guarda o teu segredo; não me queixo. O amor faz esquecer tudo. Só te peço que não dês algum passo, que seja a dor e o remorso da tua vida; refugia-te antes nos meus braços; sabes que são fieis! Não entregues assim a alma, lembra-te de que ha no mundo quem te ama e te quer tanto como se fosse sangue seu. Deixa-me servir-te de mãe e de irmão: de mãe para teres um coração sensivel que entenda o teu; de irmão, para, chorando, e compadecendo-me, te salvar de ti, e não ceder senão certa de que és amada, e acharás a felicidade que mereces... Promettes?

—Juro! Perdoas, agora, o meu segredo?

—Anjo da minha alma, não vês que sei, e por mim sinto o poder do amor? Não te disse que era mãe e irmão para chorarmos juntas?

—Olha, Catharina, ás vezes tenho medo que elle conheça que o amo tanto!

—Viste-o outra vez?

—Não.

—Mas esperas vel-o cedo?...

—Não sei; não digo!—interrompeu ella sorrindo-se, e lançando-se-lhe nos seus braços toda vermelha e com os olhos nadando em lagrimas—Dá-me um beijo! Outro! Somos amigas, muito amigas, não é verdade? Vês? Depois d'elle e Deus, ninguem te quer mais do que eu, Catharina!... nem o conde.

—Oh! se elle te ouvisse!...—accudiu a noviça, sorrindo-se, e beijando-a.

—Dizia que não, e acreditavas.

—Mas no fim de tudo o conde não tem segredos para mim—observou a filha de D. Luiz com malicia.

—Julgas?—respondeu Cecilia com a vista animada de um geito gracioso.

—Creio e espero!—redarguiu a noiva do conde—Mas deixemos isso. Queres que nos levantemos cedo ámanhã, e demos um passeio pelo jardim, sósinhas, ao romper do dia? Podemos falar de vagar, e tenho tanto que te dizer!

—E se eu, acordando-te, fizer voar algum amor, pousado nos teus sonhos, ficarás pensativa e séria como ás vezes?

—E' cousa dita? Não?! Antes de prometteres, de decidires...

—Perguntarei ao teu coração! Ha de querer o que o meu deseja.

—Cecilia, já resaste ao Anjo Custodio? Não sei o que me diz, que elle e Deus te hão salvar!

—Boas noites, meu amor!

—Cuidado! Essa cabeça é tão viva, e esse coração é tão bom! Não te esqueça: ámanhã ao romper do dia!

Apenas ella sahiu, e fechou a porta sobre si, Catharina encostou a cabeça a uma das mãos, e com o braço curvo sobre a mesa do toucador deixou fugir o pensamento e os sentidos em uma d'essas meditações extaticas, que nos arrebatam. Passado tempo, e desafogando a oppressão em um suspiro, chegou á janella por dentro dos vidros, e fitou os olhos no céu, que estava sereno como n'essas bellas noites de primavera, enlevo do clima do meio dia.

—Quando baixava casualmente a vista para o jardim, assustou-se, porque de repente lhe pareceu que um vulto branco atravessava com precaução para o lado do mirante. Affirmou-se, duvidou, e convenceu-se por fim. Pallida e convulsa, ia já chamar por soccorro, quando a suspendeu uma subita reflexão. Foi uma suspeita, e tão forte que a tornou immovel. Todas as forças do espirito e todos os receios da amizade lhe acudiram juntos a um tempo, avivando-lhe a luz das pupillas, que attentas e penetrantes seguiram os movimentos do objecto que temia conhecer ao clarão do luar.

Em quanto a noviça quasi suffocava a respiração, apurando o ouvido para colher o menor som, observemos o que fazia a sua amiga

desde que se apartou d'ella com o sorriso á flor dos labios, mas tão magoada interiormente. Que segredo era aquelle, cujo alvoroço o semblante não podia conter, nem sabia disfarçar?

Entrando no seu quarto, Cecilia poz a luz em cima do pequeno velador, collocado ao pé do leito; e rendida pela commoção assentou-se, cobrindo o rosto com as mãos, e deixando correr livres as lagrimas, mais doces do que pezarosas, que em fio lhe rebentavam dos olhos. O inquieto coração pulsava tão ancioso, que parecia querer estalar o seio. Similhante á avesinha, que bate as azas para fugir, não podia socegar senão unido ao coração que o chamava.

As rosas, desmaiando, e avivando-se nas faces, pintavam as incertezas do pudor e da ternura. A imagem radiosa do amor com a chamma sublime e espiritual, que faz uma só de duas almas, trazia-a comsigo sempre, ouvia-a, que lhe falava a cada instante. Não via a todas as horas o sorriso, que a namorava; não escutava a voz, que a estremecia? Longe, ou perto, acaso estavam nunca separados? Para deixar de penar a ausencia, não sabia que bastava conversar com o seu coração?

Assim vôa este rapido periodo, em que o affecto se nutre de promessas, e a memoria não serve de tormento, mas de companhia. Mais tarde, depois dos desenganos, é que ella chora inconsolavel sobre as ruinas de tantas illusões. Até alli a irmã de Thereza tinha sempre achado a vida ligeira; e apanhando das primeiras flores que esparge a juventude, não lhes sentia os espinhos, que tão cedo ferem.

Era-lhe tão suave adormecer com o doce nome sobre os labios e a extremosa ideia no pensamento! Os leves sonhos que visitam o leito virginal murmuravam-lhe bem ternos segredos, afagando com as azas de oiro a phantasia que os beijava! A alma julgava-se tão feliz, entretida com esta saudade, suave como se a distancia fosse uma chimera, e a ausencia um erro dos sentidos! A paixão aos dezoito annos, fundindo a existencia de dois entes no arrebatado enlace d'esta adoração, seduz tão prompta; os cuidados encantam por tal modo; e a esperança diz lisonjas tão agradaveis! Com a exquisita sensibilidade, que a tornava irresistivel, Cecilia queria ás vezes acreditar que o ceo era menos ditoso do que a terra, que nos primeiros sorrisos do amor só jubilos e venturas lhe offerecia! O espirito não suspeitava ainda que podessem cahir sobre esta luminosa aurora as sombras com que o ciume e o infortunio a anoitecem de repente. Nos curtos annos que vivera ainda não provára senão prazer; esquecia que o absintho estava no mesmo vaso.

Em quanto se embebia n'este sonho de accordada, supremo deleite dos que amam commoções interiores, passando rapidas pelo seu rosto, retratavam-se n'elle como na superficie de um espelho. Umas vezes a esperança scintillava-lhe dos olhos, e sobresaltando-a córava-lhe as faces; outras a ternura suspirava languida, abrindo apenas entre lagrimas aquelle sorriso dubio, que brilha na pupilla avelludada como a perola de orvalho sobre as plantas inundadas de sol.

Desabotoando-se a medo, a bocca, á maneira

da flor que principia a desembuçar as folhas, mal deixava escapar os timidos murmurios do coração assustado. No desleixo adoravel, em que esquecia o corpo; na graciosa expressão da physionomia pensativa; e na melancolia expressiva do gesto, quem não adivinharia um d'esses raros momentos, em que a alma crê e espera tanto, que é mais feliz antes, do que depois da realidade?

Assim entretida e enlevada, a irmã de Thereza estremeceu ao ouvir soar lentas e compassadas as dez horas no relogio da egreja proxima. Carregou-se-lhe o semblante de uma nuvem apenas acabou de as contar, e a mão tremia-lhe ao pegar na pequena lanterna, que tinha accesa. Hesitou um momento—um só.—Depois, ao de leve, como se o som dos proprios passos a assustasse, foi direita á porta, e lançou com precaução os olhos pelo corredor que ficava deante. Tres vezes deitou o pé para sahir, e tres vezes recuou, porque os joelhos sem força se negavam a sostel-a. A commoção, agora lhe desbotava as faces, brancas como as alvas rendas da gargantilha; logo as encendia nas vivas cores da purpura. O peito oppresso e a bocca suffocada não a deixavam soltar nem um gemido!

Luctou assim por alguns minutos. Depois, em um impeto de arrebatamento, depondo a luz, ergueu as mãos ao céu, e de joelhos levantou uma oração cheia de fé e perfumada de pureza, d'essas que os anjos ouvem. Prostrada deante da Virgem, modelo do amor, prostrada deante da mãe extremosa, que debaixo da cruz sentiu a dor da espada, e filtrou pelo coração todo o sangue do sacrifi-

cio, a donzella pediu-lhe força para amar sem crime, e graça para resistir ao delirio da paixão. Figurou-se-lhe então que via sorrir os labios da imagem, e que uma voz interior lhe respondia: crê! Antes de soltar o coração, e de lhe dizer: és livre! abraçada com a innocencia, refugiava-se aos pés de Deus, rogando-lhe que lhe désse azas ao amor para se não precipitar. Quando se levantou, estava mais serena; já não tremia. O conforto da oração, e a esperança que lhe infundíra, tinham-lhe inspirado valor. Ia aonde a chamava a ternura, mas não ia só. Invisivel, não levava ao lado o anjo da infancia, o cherubim dos innocentes e castos pensamentos, que a não desamparava? Se o coração vacillante, se a alma timida ainda receassem, contava que a pureza, vida do verdadeiro affecto, entregue á guarda do céu, nada tinha que temer; por isso sósinha no meio das trevas, sem mais defeza do que o respeito de um homem, julgava-se tão segura como se a espada de todos os cavalheiros da côrte a protegessem. Demais, amava; e o amor tudo suppõe facil. Se um instante pudesse crer o mancebo capaz de uma villeza, esse instante veria o ultimo suspiro da paixão!

Alongando a vista pelo corredor, e applicando o ouvido, a educanda revestiu-se de animo, e com a luz na mão, pé ante pé, passou pelo quarto de Thereza, e logo adeante deteve-se momentos deante da porta de Catharina.

O silencio era completo. Apezar d'isso, a sombra do corpo, seguindo-a na parede, quasi que a assustava. No fim do corredor estava a escada por onde Jeronymo subira de ma-

nhan para saber da bocca da sua noiva, que não lhe promettia amor, mas só affecto.

Cecilia apressou o passo, desceu, e não tardou que entrasse na casa que dava passagem para o jardim. Gemeu a chave, dando volta; rangeu a porta, abrindo-se; e o ar fino da noite bateu nas faces ardentes da donzella.

Antes de esconder a lanterna, e de atravessar a rua coberta de sombra, por onde se ia ao mirante, a educanda tornou a hesitar e a deter-se. Foi preciso empenhar novo esforço para não voltar atraz.

A noite estava linda! Fresca, e não humida, a viração como que soluçava, tremendo, por entre as folhas, que se buliam com sussurro manso, similhante á voz sumida de dois amantes. O céu, recamado de estrellas, cobria-se a miudo de alvas nuvens, que fugiam esfumando-se no azul, e rasgando-se em fórmas caprichosas voavam rapidas, ora escondendo as estrellas, ora abrindo-se, e deixando-as scintilar. A lua começava a subir no horisonte toucada de vapores, e aclarava de um resplendor mais vivo o firmamento em torno d'ella. A meiga luz, que despedia, era como um sudario branco lançado sobre as arvores e os maciços de buxo e de verdura, e sobre o chão, que beijavam os ramos dobrados dos chorões, descabellando-se junto do lago. Sobre esta claridade suave torciam-se, ou estiravam-se as grandes sombras dos troncos, ou dansavam as leves e recortadas manchas das folhas que a brisa meneava.

O ruido abafado, que mesmo no repouso da noite é como a respiração de uma grande cidade, ouvia-se ao longe; e o som dos passos

amortecidos na relva acordava um ecco debil como elle. Era uma noite cheia de sublimes harmonias, que não esquecem, porque a vida parece recordar saudosa o mundo invisivel de que foi desterrada; e porque o coração, deante da immensidade que o espanta, olha para dentro de si, e commovido chora as illusões esfolhadas com o amadurecer da edade. Devia ser debaixo de um céu assim, banhados pelo mesmo clarão de lua, que Julieta e Romeu, unindo a alma no primeiro beijo, deram as mãos para descer abraçados ao tumulo pelo rapido precipicio do amor. A claridade não seria mais doce, nem a viração mais terna quando a Graziella, enxugando as lagrimas do delirio, fitava os olhos, em que a desesperação ardia, sobre as enroladas vagas do mar de Napoles. Um perfume vago exhalava-se das flores. Uma tristeza consoladora, como a da resignação, enlevava tudo ao redor. Na profunda paz que a cercava, a donzella, escutando, podia ouvir as pulsações do agitado coração palpitando de esperança e de receio !

Cecilia, chegando, olhou em volta de si, e por um gesto de infantil requebro saccudiu sobre o collo os anneis do cabello que a brisa desassocegava, e apressando os passos subiu resoluta as escadas do mirante. Deante do assento tapetado de relvas, e forrado de jasmins e madre-silvas, outra vez lhe faltaram os joelhos. Conhecendo que as forças a iam desamparar, sosteve com a mão o peito, e, recolhida no seu pensamento, assustou-se com a vista fita na pequena porta que abria sobre o becco da Imagem, e era opposta á que dava sahida para o pateo da Estalagem.

Assim ficou esperando calada e quasi immovel; mas ao menor ruido de fóra as faces animavam-se de repente, e os olhos brilhavam com uma chamma subita. Em oração, ou em tremor, os labios não cessavam de se agitar; e o ouvido attento procurava distinguir, mesmo ao longe, os passos que anciava adivinhar. Bateram onze horas na torre proxima; repetiram as outras o mesmo toque; e o signal não se dava ainda! Tudo continuava no mesmo silencio.

Em quanto a donzella contava os minutos, um vulto de capa embuçada ás canhas rondava, desde as dez horas da noite, do pateo da Estalagem para o becco da Imagem, umas vezes levantando os olhos ao céu, outras deixando pender a cabeça, e sumindo quasi o rosto na ampla dobra do capote. Os seus gestos eram de quem se achava absorvido por dolorosas meditações. A miudo corria-lhe pelo corpo um estremecimento visivel, como se o sobresalto da commoção em algumas occasiões fosse mais forte do que a vontade. A volta da capa escondia-lhe as faces até aos olhos, aonde a chamma sombria e intensa tomava por vezes o brilho fixo, que revela o ardor das paixões. De espaço em espaço um suspiro repassado de magoa rompia do peito gemendo, e mal suffocado assimilhava-se ás rajadas seccas e abafadas de vento, que passam por cima das aguas, precursoras do temporal, que de perto as segue bramindo, e deixando atraz de si o mar em serras.

A mão convulsa amarrotava em contracções nervosas um papel pequeno. Logo depois ao tremulo clarão da alampada, accesa deante do

retabulo, tornava a abril-o, estremecia, ameaçava com o gesto um inimigo invisivel e tornava ao primeiro posto. Os seus passos então eram rapidos, e as pupillas fazilavam mais vivas, sentindo-se bater o punho sobre os copos da espada.

Assim permaneceu immovel alguns minutos, até que ouviu cada vez mais proximo o som de uns passos que desciam pela viella contigua, e se apressavam na direcção que elle guardava. D'ahi a pouco um vulto, tambem embuçado, desemboccou, roçando-lhe quasi pelo hombro, e foi encostar-se á esquina opposta, d'onde parecia vigial-o. Os olhos dos dois homens encontraram-se, e ambos ao mesmo tempo apalparam o punho dos espadins. Passados rapidos momentos de desconfiança e observação, o recem-chegado resolveu-se primeiro. Apertando a capa adeantou-se dez ou doze passos, e em tom meio jovial, meio levantado, exclamou:

—Seja Deus comnosco, cavalheiro! Que linda noite para um passeio! E' pena estar clara. Não acha a rua estreita para dois? Isto de espadas é quizilento. Mau é encontrarem-se pela ponta, não ha remedio depois senão soltal-as pelo punho.

O embuçado, a quem falava, encolheu os hombros, e proseguindo na sua ronda, contentou-se em responder laconicamente:

—Se a rua é estreita e a noite clara, na sua mão está o remedio. Procure um largo, e embuce-se melhor!

—Santa Catharina do Monte Sinay!—redarguiu o interlocutor rindo, e medindo as passadas pelas d'elle; não me entendeu ou fa-

lei gago? Em duas palavras me explico. Se não tivesse prisão aqui, fazia grande favor a um devoto, deixando-lhe a rua livre por uma hora. Sabe o que são lances?...

—E se tivesse prisão, ou guardasse o passo justamente por uma hora ou duas?—replicou o primeiro, parando de repente, e medindo-o com os olhos suspeitosos.

—Bom catholico, como me prézo de ser, e temente a Deus, perguantava-lhe se a sua oração era á imagem do painel, ou á santa encoberta que está por cima?

E dizendo isto indicava o retabulo, e a jelosia da janellinha aberta nas costas da casa, cuja frontaria deitava para a rua principal.

—Sou tão devoto—atalhou o interlocutor, que não rezo com distracções; e tão discreto que não soffro que indaguem qual é a santa da minha oração. Ainda mais: para não responder tenho o cuidado de nunca perguntar. Boas noites, cavalheiro. Ao virar da esquina achará uma rua larga, e menos claridade, se gosta de sombra!

—Valha-me Deus! Começo a receiar que adoremos ambos a mesma divindade, e a sentir que um de nós tenha de ficar, apezar do outro não querer! O que lhe parece, senhor embuçado?

—Que a noite está fria, e que parados, os ares finos podem constipar. Até á meia noite o passo está guardado! Deus o acompanhe!

—Amen!—redarguiu o outro—Até á volta. Ainda tenho duas palavras que lhe dizer, e um favor que lhe pedir.

—Se leva pressa, estou ao seu dispor.

—Nada. Deus me livre de ser pesado.

E subindo com desempeno os degraus do becco, foi sahir á rua das Arcas, aonde se fez encontrado de proposito com a ronda, que o mandou parar com a costumada voz: «quem é, e para onde vai, da parte de el-rei?»

—Um estudante, que se recolhe a sua casa.

—Estudante? Poh! Não me cheira—accudiu um alcaide, cujo volumoso ventre parecia vacillar sobre as escanelladas pernas, á maneira de uma talha de bojo sobre dois espeques fracos—Como se chama?

—Como disse meu padrinho e minha mãe que me chamassem na pia do baptismo.

—Ah, o senhor estudante diverte-se com as justiças de el-rei? Cuidado! Olhe não pague a musica.

—Não que o carro nunca andou adeante dos bois! Sua mercê é curioso de *bolero?* Não me diga que não. Esse pé está-lhe saltando pelo sapato fóra!

Todos os homens da ronda desataram a rir, menos o magistrado, que ficou vermelho como lacre.

—Poucas graças!—gritou offendido no amor proprio—Diga o nome, ou prepare-se para me acompanhar.

—Escolha o senhor alcaide, e ponha-me o que quizer. Dou por todos em não sendo André.

—Magano!—clamou o alcaide quadrando-se para manter em equilibrio a sua rotundidade—Lembre-se de que por muito rir póde chorar na cadeia! Como se chama? Pela terceira vez lh'o pergunto!

—Mas, senhor alcaide, de noite nem sempre

trazemos o nome na ponta da lingua. Faça de conta...

—Basta de chufas!—disse o meirinho, ingerindo-se na polemica—A lua está clara; descubra-se. Os homens não se conhecem pela capa, conhecem-se pela cara.

—E se me constipar, paga-me o senhor meirinho a botica?

—Allon! E' escolher! Obedeça, ou...

—Esse *ou* rendeu-me! Mas da parte de quem é toda essa curiosidade?

—Da parte do corregedor do crime do bairro do Rocio.

—Ora como o demonio as tece! O meu maior amigo! Sabe que o prézo tanto, que não lhe dóe a cabeça a elle sem a minha logo o sentir?

—Este homem não é o que parece!—gritou o meirinho, virando-se com importancia para os seus officiaes—A teima de não destapar a cara!... Olho n'elle. Cerquem-n'o! Desconfio...

—Não levante falsos testemunhos, senhor meirinho. Ha inferno.

—No inferno o metto eu, se não se cala!

—Então boas noites!

—Alto! aonde vai?

—Não me mandou calar? Os mudos não dizem nada.

—Bem! fóra a capa; e para cá os papeis. Apalpem-n'o.

—Da parte do corregedor do bairro do Rocio digo que não me levam os papeis.

—Essa é bonita! Veremos se levam!

—Estive agora com elle, e não deu tal ordem.

—Dou-a eu em seu nome, e basta! Acabemos. Diga quem é, e a sua occupação.

—Só se fôr ao ouvido. E' um segredo...

—Arredem-se! Guardem bem a rua. Agora estamos sós: o seu nome?

—Caetano José da Silva Sotto Maior! (1)—disse o embuçado mysteriosamente, e concluiu por uma risada estrepitosa.

—O senhor corregedor do crime!—acudiu suffocado o official de justiça, tirando o chapéu.

—Não lhe dizia eu que similhante ordem não déra? Senhor meirinho, se não conhecer melhor os seus filhos do que o ministro com quem serve, tenho pena do que póde succeder-lhe...

—Senhor, eu!...

—Está bom. Ponha o chapéu. Menos cortezias, e mais attenção para outra vez. Deixe-me traçar a capa. Não quero dar-me a conhecer. Ouça. Vá de vagar, e dê a volta do costume. Se chegar á entrada do becco da Imagem, e vir um homem parado ao pé da alampada, não entenda com elle; é um devoto da santa. Se ouvir espadas tinindo, não faça caso, e passe de largo; de noite todos os gatos são pardos. Espere-me aqui depois. Ando n'uma diligencia de segredo.

(1) A introducção de Caetano José da Silva Sotto Maior, por antonomasia o *Camões do Rocio*, pecca contra a historia quanto ao cargo, que se lhe suppõe já n'este anno. Entretanto o auctor julgou-se auctorizado a commetter esta inexactidão, prevenindo sempre de que ella existe. E' quanto deve bastar para os escrupulosos.

A ronda continuou em passo de enterro, e os officiaes, pasmados da subita mansidão do meirinho, principiaram a urdir conjecturas, e a deitar o anzol para ver se apanhavam alguma explicação. Entretanto, o corregedor ao depois tão conhecido pela alcunha popular de *Camões do Rocio*, apenas viu que dobravam a esquina tornou para o becco da Imagem, e parou outra vez na esquina. O seu desconhecido ainda passeava com a mesma paciencia.

—Quem se quer bem sempre se encontra! —disse o Camões, batendo os pés com força no chão, como se os tivesse dormentes, e interpellando o vulto—Não lhe parece que a noite espertou? Sinto as mãos e os pés gelados. Se não tivesse medo de o incommodar, pedia-lhe um favor.

—Peça!

—Occorre-me uma ideia. Se em logar do senhor passear, em quanto eu assopro os dedos, nos divertissemos correndo alguns passos de espada preta? Passava o tempo e aqueciamos!

—D'aqui a duas horas, o mais tardar, com mil vontades!

—Mas ahi é que o ponteiro não regula. Duas horas? Quando dentro de menos de meia preciso de fazer as minhas orações?

—Muito desejava servil-o, porém!... Diga-me: a sua devoção é com aquella imagem, ou sobe mais alto? Em duas palavras: tenciona escalar os muros d'este jardim?

—Os muros? Eu? Essa pergunta?!...

—Serve para o meu governo. Sendo com a imagem, ou debaixo d'ella, póde rezar toda a

noite; não o perturbo. Agora, se é curioso de flores, e tracta de as apanhar no jardim, acha-me ás suas ordens com duas estocadas.

— Agradeço, mas não acceito. Então a sua ronda?

— È para aqui!—disse o embuçado, indicando os muros do jardim de Lourenço Telles.

— Famoso! E para o lado da imagem?

— Absolutamente nada.

— Pois, senhor embuçado, agora vejo que o melhor sempre é entender-se a gente. Póde guardar as duas estocadas para outra occasião. Eu fui sempre grande respeitador de muros e ratoeiras. Deus me livre de visitas pelo telhado dos visinhos, ou pelos espigões das cercas. Aborreço os saltos mortaes, e não gostei nunca de me pegar com as paredes. Tenho fracas azas, e nenhuma vocação para as carregar de pau. Sou muito pesado para subir ao ar.

— Bem! Ficamos entendidos?

— Até á paz geral, meu amigo.

— Basta; tem o passo livre.

— Mil graças! E se vier alguem estando eu rezando?

— Darei signal. Se for do seu lado, guarde por lá.

— Que horas espera?

— Onze por instantes.

— Entrego-lhe a esquina, e pego-me com a imagem.

— Boa fortuna!

— A mesma!... Já lá está?

— Já.

— È que vamos ficar em trevas.

— Á sua vontade.

D'ahi a nada o companheiro da esquina ouviu-o bater as palmas de vagar, e a gelosia abrir-se. Logo depois apagou-se a alampada de repente. N'este momento uma nuvem que passava cobriu a lua. A escuridão tornou-se completa. Principiou depois o murmurio cauteloso de duas vozes conversando.

Quando acabava de soar a ultima pancada das onze no sino da freguezia, o ouvido do Camões sentiu rumor de passos da parte da ingreme e estreita viella, que lhe ficava sobre a esquerda. Dizendo duas palavras para cima, cozeu-se com a parede, tirou a espada, e com ella na mão debaixo da capa esperou pelo que désse a aventura. Quem quer que vinha trazia pressa, e uma singularidade (que o não era para o corregedor) fazia que andando rijo lhe dessem estalos altos as articulações dos pés. O Camões, escutando-os, saccudiu a cabeça pouco satisfeito, e enrolou-se ainda mais no seu capote. Por este signal mostrou conhecer perfeitamente a pessoa que chegava.

— Hum!—murmurava elle—Moiros na costa? Aonde irá o chaveco! Já vejo: a ronda tem trabalhos esta noite. *Con su pan se las coma!*

N'este momento o vulto, dobrando a esquina, descobriu-o parado, e veiu direito a elle. O escuro e o chapéu de largas abas resguardavam-lhe o rosto.

— Salve-o Deus, cavalheiro!—disse em tom arrogante.—Faz alguma coisa ahi parado?

— Guarde-o Deus, cavalheiro!—replicou o ministro, imitando-o—Vai salvar alguem da morte n'essa corrida?

— O passeio aquece. Parado fóra de horas com este frio só quem furta bolsas, ou rouba corações. Qual das duas quer?

— Deixo-lh'as ambas! Siga seu caminho, e não se importe com os mais.

— Ah, ah! Fala-se por aqui muito alto!

— Que mais?

— Vamos a ellas?—disse o outro, arrancando da espada, e já com a capa enrolada no braço.

— A minha prompta estava, mas ha uma difficuldade...

— Qual?

— Vai longe?

— Porquê?

— Porque d'aqui a dez minutos estava mais ao seu dispor.

— Verdade falando, tambem eu d'aqui a meia hora...

— Bello! Então primeiro a obrigação, e depois a devoção. O que diz?

— Estou combinando..,

—Combine á vontade.

— Scismo, porque preciso de que não vejam para onde vou.

— Estamos eguaes. Nem eu quero que vejam aonde fico.

— Ah! Então?...

— Temos o caso arranjado. Voltamo-nos ambos para a parede, e rezamos tres credos. No fim d'elles...

— Estou pelo ajuste. Mas á meia noite?...

— Vamos a ellas!

— Palavra de homem honrado?

— Palavra de rei, se é mais sagrada.

— Bem. Comecemos.

—E voltando-se costas com costas, o Camões tornou para a janella da imagem e o desconhecido dirigiu-se para a portinha do jardim, que deitava para o becco, metteu uma chave, e desappareceu n'um instante, fechando-a sobre si. N'este instante o desconhecido, encoberto defronte com a volta da esquina, tinha-se avisinhado ao de leve, e chegando ao pé do corregedor, tossiu baixo.

—Ouviu?—disse o Camões.

—Tudo.

—O que tenciona fazer?

—Passar-lhe as duas estocadas promettidas.

—Quer um conselho? Não pegue em brazas, que se queima.

—Isso é commigo.

—Olhe que nem sempre pelo habito se conhece o monge. Este homem é muito mais do que parece. Cuidado!

—El-rei que fosse... era o mesmo.

—Pois sendo el-rei?...

—Bem sabe; de noite não se vê... E um rei a escalar fóra d'horas os muros, roubando aos seus vassallos mais do que a vida e os bens, porque lhes rouba a honra, não seria rei, mas um ladrão.

—Pois não tinha duvida?....

—De metter a espada até aos copos no corpo do ladrão? Nenhuma!

—Então não faz differença entre o sangue real e o dos vassallos?

—Faço. O rei é como Deus. Amo-o e venero-o. Mas se descesse a confundir-se com os mechanicos, como podia conhecel-o? Sobre tudo de noite, e saltando muros!...

—Acho a distincção perigosa.
—Quer fazer-me um obsequio?
—Diga!
—Sinta o que sentir não accuda...
—Se eu aqui ficar sou surdo.
—Boas noites!
—Com que sempre desencova a raposa?
—Ella é tão agil e o muro tão baixo!
—Deus o leve em sua guarda.
—Amen!

– Acabado o dialogo, tomou o vulto pelo lado da Estalagem, metteu outra chave na porta do jardim, que abria sobre o pateo, e entrou com precaução, cerrando-a de vagar.

O Camões embainhou a espada, e meneando a cabeça, disse, dirigindo-se para o sitio que emprazára á ronda:

—A comedia está armada e vai optimamente. Tracta-se agora de impedir algum lance de tragedia. Servirá vossa mercê de Senhora de Paz, senhor Camões! Quando fôr tempo desça da nuvem e faça o milagre. Como sua alteza real não rirá ámanhã em sabendo tudo!

E esfregando as mãos apressou o passo para se unir aos seus officiaes.

## CAPITULO XXXIV

### Ao luar

Cecilia, com a face recostada na mão, e o cotovello pousado no joelho, tinha a vista fita na pequena porta, que dava para o pateo da Imagem, e o ouvido attento ao menor som.

Como dissemos, o silencio em volta d'ella era tão profundo, que poderia sentir bater as pulsações do assustado coração. Quem a visse com os anneis das tranças soltos em desalinho, e os olhos cheios de luz; quem a admirasse com o esbelto corpo n'aquelle desleixo todo graças, accusando as roupas sob as pregas a rara elegancia das proporções, e brincando-lhe no timido sorriso uma doce esperança, entristecida de receio, havia de suppôr que as ficções da poesia tomavam vulto e que a mais bella fada, de puro enlevo adormecida debaixo das ramadas sombrias, por onde o luar a medo golfava um raio esquivo, estava esperando que as azas de um sylpho a despertassem.

De repente a irmã de Thereza agitou-se; o sangue, accudindo ás faces, tingiu-lh'as de viva purpura. Tinha-lhe soado, mais ainda no coração do que ao ouvido, o timbre de uma voz, que entre mil era capaz de distinguir, porque a harmonia d'ella era um cantico para a sua alma.

Levantando-se com impeto, e cedendo á primeira commoção, extendeu as mãos, e quiz precipitar os passos para correr ao encontro do amor. Um instante depois, as faces desmaiando, e os braços descahindo, obrigavam-n'a a sentar-se, tomados os movimentos, e quebradas as forças pelo alvoroço, em que o desejo e o pudor luctavam juntos.

As pupillas, ora ardendo radiosas, ora apagando-se em deliquios de meiguice, pintavam as phases do sentimento, e as contradicções da paixão, incerta e suffocada pelo excesso da alegria.

Em quanto durou fóra o curto dialogo entre o corregedor do crime e o mancebo, o rosto da filha de Philippe mudava de côr e de expressão a cada momento. A mão tremendo sobre o seio, como que intentava reprimir-lhe as apressadas palpitações; e o corpo debruçado com anciosa inquietação, retratava a agonia do seu silencio.

Depois que as vozes se calaram ainda houve para ella alguns instantes de afflicta suspensão. Devorada de impaciencia e pallida, Cecilia, quasi unida á porta, desejaria que os seus olhos pudessem romper os obstaculos para descobrirem o que passava. Tinha-se retirado o seu amante, receoso de levantar uma contenda que a deshonrasse, ou cego pelo caracter impetuoso preparava-se para abrir o caminho á ponta da espada? Quem era o desconhecido que o detinha, e a quem ella já aborrecia como inimigo de muitos annos? Assim combatida de encontrados pensamentos, agora queria vel-o aos seus pés, custasse o que custasse; logo accusava-o pela imprudencia de um arrojo, que podia perdel-os a ambos! N'este conflicto de receios e desejos, não soube soster o grito abafado, que lhe fugiu dos labios ao sentir-lhe uns pés tenteando o limiar da porta, e o ranger da chave na fechadura.

Esquecida de tudo, escrava só do seu extremo, recuou, suspendeu-se, quiz voltar, e, sem saber como, achou-se fascinada e extatica perante o mancebo, que ajoelhava deante d'ella, pagando com um sorriso os cuidados da ausencia, e os sobresaltos da ternura.

—João!—exclamou, resumindo n'este nome todos os thesouros do affecto.

—Cecilia!—murmurou elle ao mesmo tempo n'aquelle tom meigo e intimo, tão doce de ouvir quando se ama.

E ambos irresolutos e como atados ao logar d'onde se viam, sem falta, sem movimento, abertos os braços, e inclinado o rosto, uniram a alma no mimoso sorriso, que é a flor do amor virgem, e disseram tudo com os olhos, porque os labios não sabiam dizer nada.

Este silencio, que dá a medida da suprema felicidade, ou da infinita dor, quando o coração trasborda, foi mais eloquente do que todas as palavras. Pouco ciosa de os esconder, em um lance rapido, a vista revelou os segredos que a paixão deixa adivinhar, mas não confessa. Sem abrir a bocca, e antes de articular um som, tinham-se ambos queixado e tinham perdoado!

D. João admirava-a com a maviosa suspensão, mais lisongeira do que as promessas e os juramentos, porque nem a vontade a póde occultar, nem o engano a sabe fingir.

Na ternura d'aquelles olhos, que pareciam beber nos seus a vida, Cecilia achava a mesma saudade, que lhe servia de companhia na solidão. O que elles lhe diziam e lhe contavam, tinha-o tambem sentido, e sentia-o ainda com egual poder.

O seu rosto, umas vezes agitado, outras risonho e animado, não era menos indiscreto do que a vista do mancebo. Desde que chegára, nenhum dos dois ainda se movêra. A curta distancia que os separava parecia um muro levantado, que tremiam ambos de trans-

por. Elle, porque lhe custava a crer que tanta ventura não fosse um sonho; ella, entre a innocencia do affecto, e o recato do pudor, porque receava a cada instante patentear a vehemencia do desvelo, denunciando o dominio a que não podia resistir!

O clarão da lua esfumava a seus pés as sombras recortadas dos ramos, que a viração bulia com manso sussurro, e córava de luz pallida o semblante dos dois amantes, que juntos no mesmo transporte, e ebrios de egual sentimento, na immobilidade exprimiam o impeto da paixão, e na mudez, cheia de eloquencia, levantavam dentro da alma as melodias sublimes do amor, quando novo e puro toma da esperança os vôos, e pede á fé a força para ainda subir mais alto do que o desejo e a illusão!

A donzella foi a primeira que accordou do extasis. A brisa, refrescando, doidejava travêssa pelas tranças, espargindo-lh'as; e a mão impaciente, em um gesto infantil, ora desafogava a fronte do veo, que a cegava, ora debruçava as madeixas sobre o collo, d'onde tornavam a soltar-se em anneis confusos.

Na descuidada posição, mixto gracioso de requebro e timidez, atraiçoava as intimas sensações, umas vezes parecendo querer acceitar os braços do mancebo e estreital-o contra o peito; outras figurando que suspeitosa e irresoluta escutava em redor, como a avesinha, para romper o encanto, e escapar ao perigo, que a fascinava.

Que rara expressão a dos seus olhos negros! As palpebras, como que invejosas do coração, lançavam de repente a sombra das pestanas

sobre a chamma, que tornava a vista irresistivel; mas compadecidas, um logo depois erguiam-se, e a voluptuosa suavidade com que sorria a pupilla humida, avelludando os raios, parecia um suspiro, uma queixa da ternura, que não podia já conter-se! Como as folhas em volta, o seio arfava tremulo. O rosto, entre serio e jovial, entre apaixonado e tocado de meiga ironia, reflectia os raptos e o jubilo em que a alma se perdia. Achando delicias na suavidade d'esta pausa, nenhum dos dois tinha pressa de interromper as confidencias, que sem falar revoavam em torno d'elles. Prolongando esta anciedade, repassada de doçura, sabiam que respiravam o raro perfume de uma flor, que só é dado colher e gozar uma vez na vida.

Por fim a voz de Cecilia, cuja melodia insinuante parecia um cantico, suspirou, mais do que proferiu, algumas palavras, em quanto as rosas se accendiam e desmaiavam nas faces, e os olhos, timidos e baixos, se desviavam para calar o segredo, que o seu disfarce trahia.

—João—disse em um tom, que debalde quiz tornar seguro—pediu-me que o ouvisse, e consenti; aqui estou. Sei que fiz mal, que posso ser accusada... e apezar d'isso vim. Promette não se esquecer de que tive tanta confiança no seu amor, como uma irmã na ternura de outra irmã? Não me fará lembrar de que sósinha e de noite, só tenho a sua honra e o seu respeito em minha guarda?...

Falando assim, a vista cheia de confiança estava contradizendo a bocca.

—Cecilia!—exclamou o mancebo com cer-

to pezar na voz—eu não merecia!... Se fosse capaz!... Entrego-lhe a minha espada em penhor...

—Não preciso. Se o não acreditasse, não tinha vindo aqui fiada na sua palavra. Basta que se não esqueça de que a sua honra fica no meio de nós para me defender. Não peço mais. Bem vê! Se duvidasse, não o amava; e de que servia enganal-o então?... Mas tardou tanto! Cheguei a cuidar que faltasse. Não foi a sua voz que ouvi ainda agora? Não disputava com alguem?

—Falava alto. Assustou-se?

—Tremi! Se por minha causa se levantasse um desafio?!... Eu aqui, a dois passos, e sem poder accudir-lhe, sem ter meio de o salvar?!

—Combatendo ao meu lado como as amazonas?—perguntou elle, sorrindo com ar meigo, e beijando-a no seu olhar de immensa ternura.

—Não! Pedindo a Deus com o coração, e aos homens com as lagrimas—respondeu a educanda com adoravel singeleza.

—Cecilia, se soubesse que a amo tanto, que até ciumes tenho d'essas lagrimas, e que as faria correr de sangue para a vingar!...

—Quer que tenha medo dos seus zelos? Não o julgo cruel!

—Crê que a dôr mate?—interrompeu elle precipitadamente.

—Nos homens não sei—replicou a irmã de Thereza com malicia.

—Se amasse como eu, acreditava...

—Que estou aqui a sós com um homem, e de um instante para outro sujeita a descobrir-

se o meu erro, e a ver a minha fama pelos dentes da calumnia... Tem razão! Eu é que não amo! Quem sabe se no intimo do seu peito me julga tambem leviana, e me accusa!

—Accusar-te!... Anjo da minha alma, eu devia morrer de alegria aos teus pés, porque me fazes o ente mais feliz.

E unindo ás palavras a acção, arrebatado poz o joelho em terra, cobriu de ardentes osculos a mão que lhe davam para se levantar.

—E' demais agora!—accudiu ella rindo, e córando—não sou nenhuma sancta, para ajoelharem deante de mim... João, não quero ver isto! Bem sabe, tanto se pecca por falta de fé...

—Como por falta de caridade?—atalhou o mancebo adoçando com o soriso a sua queixa—Se tivesse commigo mais deixava-me pedir perdão de joelhos, e adorar...

—Não se adora senão a Deus. Vamos. E da esperança não me fala? Haverá salvação sem ella?—observou com ironia branda.

—A esperança, querida, desde que te amo, tem sido a minha vida. Como havia de soffrer a saudade, se uma voz do céu não me dissesse, que a minha pena tambem era a tua? Se soubesses o que imagino para te poder unir para sempre a este coração, que não vê nem sente senão pensando em ti?! Olha, Cecilia, não avalias, não suspeitas o que sou capaz de tentar para um dia, escravo, e escravo orgulhoso, beijando os ferros, chegar a possuir-te, e comtigo ao lado...

A' face da egreja, posta a mão na minha, meio arrependido, e meio satisfeito, repetires

aquellas palavras, que assustam sempre, segundo dizem. Pois eu não! havia de ter valor, e dizer alto o sim. Sei que é o laço que nos liga para sempre... Que tens? Que tristeza repentina é essa?... Não estamos na egreja ainda, nem estaremos talvez nunca!..

E o sorriso gentil e travesso, com que principiára zombando, fundiu-se logo em um ar pezaroso e quasi magoado. Da sua parte o mancebo, ouvindo-a, tinha-se feito branco; calado e sombrio fôra accommettido de subita preoccupação. Tomando-lhe depois a mão com extremo, lançando-lhe um olhar prescrutador, que pareceu penetrar-lhe até o mais secreto pensamento, respondeu:

—A's vezes o que mais se deseja custa caro, e não se consegue.

Ella deixando cahir a mão sem a retirar, e seguindo com a vista inquieta a repentina mudança no rosto do amante, guardou silencio. Era tal a innocencia que toda a physionomia respirava, e pintava-se tão sincera nos seus olhos a suspensão da ingenuidade, que o mancebo, afugentando a nuvem que por um instante lhe obscureceu a fronte, accrescentou:

—Se um principe estivesse em meu logar, e se conhecesses que te amava com ternura, pondo a corôa aos teus pés, e offerecendo-te a mão para subires ao throno... o que lhe dirias? Se de joelhos exclamasse: Sem ti o sceptro é um peso com que não posso; o solio um desterro; a grandeza uma solidão... vem ser a doce companheira, a luz, o enlevo da minha vida; vem trazer-me o que não dá a ambição e o poder—a felicidade e o amor! o que lhe respondias, querida?

Suspensa, enleiada, a donzella ainda mais commovida pela agitação revelada na voz do mancebo, do que pelo estranho sentido de suas phrases, recuou alguns passos, deixou escapar do rosto ancioso d'elle para o chão uma vista cortada de hesitações.

Contendo o seio palpitante, e procurando simular no tom certa segurança desmentida pelo tremor, a irmã de Thereza, com um sorriso que forcejava por tornar alegre, redarguiu-lhe:

—Ah, um romance de principes encobertos e de moiras encantadas!? Por acaso serás algum d'esses reis disfarçados dos contos, e eu a feliz belleza que o ha de captivar? Queres que responda assim mesma, sendo fingido? Entendo os teus olhos, e obedeço! E as mulheres só é que teem caprichos, direis vós; e ellas só é que teem ciumes extravagantes! Em penitencia de me fazeres a pergunta não te quero dizer nada, em quanto pela propria bocca não confessares...

—Que te amo, que tenho zelos até da mais leve ideia que te distraia o pensamento!?... Estás satisfeita?

—Não! Ainda não confessaste todos os peccados!

—Que te hei de revelar mais? Pois sim; foi para te experimentar, para saber o que pensavas, e o que farias, se outro homem mais rico e poderoso, mais nobre te offerecesse em troca de um coração, que não tem preço...

—Uma promessa sem valor? Até que disseste tudo! Cioso! Devia agora castigar-te! Um principe aos meus pés! Uma corôa e um sceptro! E se eu fosse mulher, como dizem

que ellas são, e me cegasse com a vaidade? Se creasse ideias loucas, e te enganasse dizendo o que não sentia? Não o merecias? Sorriste; negas? Merecias! Olha, João, ha coisas que não é prudente lembrar. A imaginação e o orgulho exercem grande poder, e correm mais fogosos do que pensas; e nós vivendo sós, e conversando muito com a nossa alma, e pouco com o mundo, estamos sujeitas a sonhar... impossiveis. Agora o que devia era teimar em não querer por amante senão um principe!... Havia de ser bonito.

—Procurava fazer-me principe para te merecer!—accudiu elle rindo, e beijando-lhe a mão—Vês, Cecilia; sei o coração que tens, e posso medir a tua alma pela minha. Leio n'ella como em um livro aberto.

—E' orgulho, João. Só Deus vê o coração de todos. Se eu mesma, ás vezes, não sei entender o meu! Agora, por exemplo, sinto-o triste, inquieto, e mais tudo isto é gracejo e brinco. Estavas zombando, não? Socega-me; dize-me quem és; e o que esperas pelo teu nascimento?...

—Com uma condição, digo.

—Qual?

—Responderes á minha pergunta.

—Para que, se é tudo falso?

—Não importa.

—Devo então suppor, fingindo, que és principe?

—Sim!

—Que vaes reinar?

—De certo.

—E que me falavas assim (vê se digo bem!): o throno é um desterro, a grandeza uma soli-

dão. Vem ser a companheira, a luz, o enlevo da minha vida; vem trazer-me o que não dá a ambição e o poder—a felicidade e o amor! Esqueceu-me alguma coisa; disse tudo?—ajuntou com um ar de innocencia, a maliciosa, que era seductor.

—A gloria e o orgulho da minha côrte!—accudiu o mancebo, ajoelhando com fervor, e tornando a apoderar-se da mão, que ella lhe extendia, e que não furtava ás suas caricias.

—Ha pouco não disseste isso! Mas seja. A gloria e o orgulho da minha côrte. Foi de certo agora?... Devo responder?

—Peço!

—E suppor que tudo é serio e verdadeiro?

—Sim.

—Pois a minha resposta seria esta: se me pegasse na mão, tirava-lh'a, e olhando para elle com este modo frio e secco de uma menina que se estima, e foi enganada, dizia-lhe...

—Fazes-me tremer com esse ar, Cecilia! O que lhe dizias?—gritou elle com anciedade.

—Não é comtigo! Dizia-lhe: os reis quer Deus que não tenham senão um amor: o seu povo. Uma corôa vale muito, mas a vossa mão com ella é nada para mim, senhor, porque aos meus olhos deixou de ser a mão de um cavalheiro. Para rainha falta-me o nascimento; para amante de el-rei sou muito nobre!...

—Ao rei falavas d'essa maneira?—interrompeu o mancebo inquieto e alegre ao mesmo tempo.

—Falava. Ouve!—e continuando accrescentava—Não vos conhecendo, dei-vos o meu amor; a paga foi trahires-me. O meu affecto entrega-se, mas não se vende. Sendo principe, ainda que vos amasse, nunca vol-o dizia. Para me colher o coração foi preciso mentirdes. Sois rei, e os reis estão muito alto; levantai-vos, senhor! Eu é que devo ajoelhar e pedir-vos perdão de não saber ha mais tempo, que sois soberano e eu vassalla!... A corôa que esperei de vós não era de ouro, era de flores; Deus vos não tome contas, porque m'a pozestes de espinhos. A mão, que offereceis, apertou a minha para me enganar; como quereis que a torne a acceitar? E' impossivel! Ameivos, ainda vos amo, hei de até ao ultimo suspiro amar-vos... Bem vêdes que não occulto nada. Só vos asseguro que el-rei nunca o saberá! O homem, que eu adorei, morreu hoje... aqui! Sou a sua viuva. A saudade, e o infortunio de toda a minha existencia...

—Mas se elle te amasse?...—accudiu o mancebo.

—Tinha medo que me enganasse outra vez, como quando jurava falso.

A pallidez, que nas faces da donzella fôra substituida pelo carmim, tinha passado tambem para o semblante de D. João. Escutando-a, sentia frio no coração. A commoção que experimentava chegou a ser tão forte, que os movimentos não obedeciam á vontade. A expressão das feições alteradas, e o olhar pasmado e vago, pintavam o transe afflictivo de quem a custo encobre uma dor moral.

Sem saber porquê, os dedos convulsos abriram-se, e deixaram fugir a mão de Cecilia de

entre as suas. A' medida que a escutava, sem ser senhor de o disfarçar, o seu rosto, mudando, exprimia todos os sentimentos, que a resposta da donzella lhe poderia agitar no peito, se fosse verdadeiramente o principe. Um ar de orgulho e de prazer, a par de certa magoa, animava-lhe ás vezes a physionomia amargurada. Era facil perceber, que perante as sinceras confissões de um coração que não sabia mentir, se reputava ditoso e infeliz ao mesmo tempo.

Apenas ella se calou, houve uma pausa, em que a vista dos dois encontrando-se, disse muito, em quanto mudos os labios quasi que receavam deixar fugir a respiração.

Logo depois, por um esforço rapido, o mancebo tomou com impeto a mão de Cecilia, que o observava apprehensiva, e beijando-lh'a com mais respeito (se é possivel), do que ternura, exclamou:

—Os anjos não são mais puros! Tens razão, querida, vale mais esse coração do que todas as ambições e grandezas... Feliz aquelle que o merecer e possuir.

Ella, ouvindo-o, sentiu vontade de chorar, e com tristeza respondeu-lhe:

—Pareces o principe encoberto do romance. Dizes-me isso tão serio, que a despedida do rei pouco mais verdadeira poderia ser.

—Se eu fosse principe, Cecilia—accudiu elle alegrando os labios com um sorriso contrafeito—não me despedia, ficava!

—Ficavas?—atalhou ella—Não querendo eu! Dizendo o que ouviste?

—Sim! Se não levantasses do chão a corôa, e não quizesses subir commigo os degraus do

throno, primeiro o homem do que o rei, antes a felicidade do que o poder. Que a apanhasse quem quizesse; que fosse reinar quem a desejasse! Como cavalheiro ficava para veres que não mentia, nem enganava; como amante para conheceres que tinha um coração capaz de entender o teu.

—Ficavas? Não eras rei?—gritou ella com enthusiasmo, lançando-lhe cheia de enlevo o collar dos lindos braços em volta do pescoço. Pondo-se depois séria, e mudando de tom, accrescentou:—Mas eu não devia acceitar! Eu seria indigna, se o meu affecto te fizesse perder um reino...

—Tinhas um meio facil. Estimada, ditosa, e nos meus braços, irias fazer um paraizo da solidão do throno, d'onde só desceria para me unir a ti.

—Que loucuras, que estamos dizendo!—exclamou ella rindo—Tu a falares como principe, e eu quasi a julgar-me uma rainha!... Porque não acabamos o nosso sonho?

—Em um instante. Não percebo como podendo ser ambos ditosos preferias a infelicidade!

—Nada mais simples. Passado o primeiro impeto, quem me assegurava que te não arrependias da desegualdade, achando que o coração de uma mulher não valia a corôa que lhe pozesses na cabeça?

—Era impossivel!

—Era natural. Sou orgulhosa, bem vês!

—E se não achasse o throno ainda bastante para a immensa ternura do meu amor? Se por meios occultos, mas irrecusaveis, soubesses que te estimava o homem, e não o rei?

—Como te defendes!... Mesmo que isso fosse verdade, recusava!... O futuro depende de Deus, e a corôa, quando é maior do que a cabeça, cáe sobre os olhos, e cega!... O padre Antonio Ventura (que é prudente), disse que os principes nunca se casam segundo o coração; e que sempre os viu infelizes quando se esqueceram do interesse do seu reino. O povo alvoroça-se; a inveja e a calumnia clamam; e lagrimas e desgraças são por fim o desengano. Por signal, conta a historia de uma rainha de Inglaterra, que era dama e não princeza, subiu, é verdadde, os degraus do throno; porém d'ahi a pouco tambem subiu os degrus do cadafalso. Acabou degolada. Chamava-se?... elle diz o nome! Chamava-se?...

—Anna Bolena?—accudiu o mancebo mordendo os beiços.

—Anna Bolena, sim. Essa ideia nunca mais me sahiu do pensamento!

—Não sabia o padre Ventura tão curioso de historias!—ajuntou o amante.

—Sabe muitas, e todas tristes. Parece que vemos as figuras que elle descreve; que estamos ao pé d'ellas.

—Ah! E' uma prenda que lhe invejo. Sabes que vou tendo ciumes do padre Ventura?—repetiu o mancebo no mesmo tom—Sou capaz de jurar que sua paternidade não parou na historia de Anna Bolena?

—Tambem contou a morte de D. Ignez de Castro. Até me disse uns versos tão suaves!... Chorei de magoa, porque não era má e altiva como a outra...

—Historias velhas, querida!—interrompeu elle—Hoje os reis não degolam as damas;

adoram-as, e pedem-lhes que os façam felizes...

—Mas quando casam escolhem princezas.

—Conforme! Bem poderoso e soberbo monarcha é el-rei Luiz XIV, e não duvidou offerecer a mão de esposo a madame de Maintenon, segundo dizem.

—E ella acceitou, porque ama o rei, e não o homem. Mas o casamento (disseram-me) nunca se fez publico. Ella não é rainha.

—O padre tambem contou isso? E' muito sabio, e sobre tudo muito previsto...—accudiu D. João com ar pesado.

—E eu—accrescentou a educanda sem reparar—um homem (rei, ou principe) que tivesse vergonha de me chamar sua mulher á face de todos, tendo-me dado esse nome em presença de Deus, não tornava a amal-o!

—E se o tivesses amado?

—Esquecia-o!

—E se não pudesses?... Davas a mão a outro?

—A mão sem o affecto?... Nunca. Para desgraçada bastava eu!... Amando o rei, sem esperança, morria para o mundo, e vivia só para o meu coração e com a minha saudade. Tinha em Santa Clara uma cella para me enterrar, e um véu para me esconder...

—E que freirinha galante para nos tentar da grade!... Mas antes de pôr termo ao nósso romance, e de dizermos adeus aos principes encobertos, confessa: sou curioso, não te enfades: se fosse menos do que pareço?

—Amava-te como agora, porque mais não posso.

—Suppõe um instante, só por fingir, que era eu o principe, em que falamos?

—Já respondi. Amava-te. A minha vida desde que te vi não é já senão amor; mas amava-te como se chora a memoria cheia de lagrimas do que se perde. O rei não havia de sabel-o.

—Sendo eu?

—Sendo tu.

—E's cruel. Querendo-te ao seu lado, fazendo-te rainha do seu reino e senhora da sua alma?

—Não, não, e não!—gritou ella rindo, e negando com um gesto infantil e seductor—Não vences!... Mas dize: estamos para isto aqui? Pediste-me que viesse: escreveste-me que não podias viver se não me visses; e eu com remorsos do encargo da tua morte—ajuntou sorrindo—obedeci. Quanto tempo queres que espere para ouvir o teu segredo? O que desejas dizer-me?...

—Que te amo; que não posso estar longe dos teus olhos...

—E depois?—interrompeu com outro sorriso repassado de ironia e de petulancia juvenil.

—O que sinto adivinha-o; não sei dizer-t'o!

—E se perguntar, responderá com verdade.

—Como a Deus!

—Em que tens pensado, desde que não me vês?

—Em ti, só em ti, no desejo da minha alma!

—Certo? Não me enganas? Tenho um dedo que adivinha! E se lhe perguntar, e elle me disser?...—accudiu cheia de meiguice.

—Que nem um momento sáe do coração a tua imagem?...—exclamou o mancebo arrebatado—Se te disser que amo tanto, que não quero viver senão porque a vida me deixa ver-te e adorar-te, não achas, Cecilia, que diz só a verdade?

—Era tão feliz se assim fosse!—suspirou a donzella timida.

—Ouve o teu affecto e julga o meu! Não sentes, não crês que a alegria, a felicidade que posso ter no mundo só de ti me póde vir?

—Não sei—ajuntou ella com fingida indecisão—O coração é tão facil de illudir... O que se deseja engana!... Olha, tenho horas de receio e de tristeza; tenho medo ás vezes de mim e do nosso amor!... Não sei porquê, ha occasiões em que choro pensando em ti!...

—Lagrimas! magoas!... Sabes que de longe reinam os teus olhos pela saudade?

Lagrimas sim, mas lagrimas de amor! Não ouviste, que amargam menos do que as outras, e nos consolam apesar de tristes? Vamos! Conta-me tudo. O que tens desejado; que pensamentos têem sido os teus, depois que nos apartámos?

—Querida, o meu unico pensamento era ver-te.

—Sempre? E o meu dedo a dizer-me que ás vezes?...—accudiu ella sorrindo.

—O teu dedo é um mentiroso, um travesso, e vou punil-o com um beijo.

—Lembras-te de mim então?

—Sempre! O que fiz foi para te ver unida a mim; o que desejei foi ser senhor da terra para te dizer: o teu amor torna-me mais ditoso. E' que o throno sem ti...

—O throno sonhado é tão differente do throno verdadeiro!—redarguiu a educanda com malicia.

—O throno far-me-ia grande para os homens, e desgraçado para mim... Cecilia, nem todos os sonhos são mentira...

—E sonhas que és rei?—interrompeu meia sorrindo.

—Ás vezes—respondeu elle.—Ainda mais. Tambem sonho que és rainha, e que te vejo ao meu lado...

—Ah!—acudiu ella com arrebatamento—Digo-te que se fosses rei, não me vias ao teu lado...

—Quem sabe!

—Tornamos ao romance?—exclamou rindo—Se não te calas com os principes encobertos, faço-me tambem fada, e desapareço. Mas deixemos os gracejos, João, tenho que te falar serio. Aqui não; debaixo d'aquelle mirante, aonde nos vamos sentar... Não reparas como estou animosa e como te amo? Estamos sós, ninguem me defende senão a tua honra; ninguem me guarda senão o teu amor; encosto-me ao teu braço socegada, como se fosse ao braço de meu pae. .

E dizendo isto com uma candura cheia de pudor, entrava com o mancebo no mirante forrado de verdura, e cheio de sombra, e obrigava-o a sentar-se com branda violencia. Pegando-lhe depois na mão com um requebro casto e uma ternura expansiva, e illuminando-lhe a alma com aquella rara chamma dos olhos, que só a paixão accende, disse-lhe em tão sumidas palavras, que a voz parecia um suspiro:

—Amas-me, João?

Elle sobresaltou-se, empallideceu, e levantou a vista para ella.

—Amas-me?—insistiu a educanda fitando a vista na sua, e parecendo querer infundir-lhe a sua alma no coração—Se me enganasses, ou eu me enganasse, não sabes que não sebrevivia á dor de te perder?

—Cecilia!—exclamou suffocado.

—Responde! com a tua mão na minha, aqui sós, em presença de Deus, juras-me pela memoria de tua mãe, pela esperança da tua alma, que me amas, que é verdade o que me dizes?

—Cecilia!—tornou o mancebo tremulo, e arrastando-se quasi a seus pés.

—Vês!—accrescentou ella com tristeza—é melhor desenganar-me. Antes morrer hoje, do que deixar-me padecer mais; se tenho de morrer, que seja aqui.

—Se te amo!—exclamou elle, pondo-se de pé com um impeto cheio de ardor e delirio. Não vês, não sentes? O coração que geme de te ouvir, não te diz que amo?

—Sim!—exclamou radiosa, pallida de jubilo, e curvada ao excesso da sua ventura.

—Perdoa-me! Sabia que amavas; que eras incapaz de mentir... mas sou tão feliz de o sentir, de ler no fundo da tua alma!... João, não tenho outra vida: e quero-lhe tanto porque é tua!

—Anjo da minha luz!... De joelhos, tu!... E eu que devia!...

—Perdoas-me? Não desconfiei nunca; mas fui louca; fiz-te padecer para dar ao meu coração alguns momentos de felicidade—accrescentou erguendo as mãos, e devorando na

chamma da vista fascinante as duas lagrimas lentas e suaves, que pendiam das palpebras do amante, de joelhos tambem ao seu lado.

Depois erguendo-se e deixando cahir dos olhos um raio avelludado, meigo e amoroso, levantou-o com extremo, forçou-o brandamente a sentar-se, e pondo-lhe a mão sobre o seio palpitante, disse com um sorriso adoravel:

—Estes dois corações estão unidos, fazem um só, não é verdade? Hão de viver e morrer juntos, sempre os mesmos, promettes?

Houve uma pausa, durante a qual nenhum falava, porque as palavras eram nada deante do extasis do espirito. Enlaçadas as mãos; quasi pulsando o peito de um sobre o peito do outro, o pranto extremoso, e não apercebido, cahia-lhes em fio sobre as mãos, e misturava-se; a respiração, como um suspiro, murmurado nos labios, adejava perfumada e inebriante, augmentando o delirio, e fundindo n'um sentimento unico os doces raptos em que ambos se abraçavam.

—Que noite serena! Que luar tão claro! Não te faz saudade ver o céu? — disse ella no fim, como acordando, e fitando os olhos no firmamento.

—Ao pé de ti sinto-o, não o vejo! — respondeu o mancebo imprimindo um osculo timido na mão esquecida entre as suas.

—Cuidas que uma noite d'estas esquece nunca? — tornou ella baixando a vista sobre o amante, e agradecendo-lhe com um sorriso.

— Não! A alma lembra-se até ao fim dos instantes em que foi ditosa.

—Sabes que ás vezes chego a ter inveja aos

rouxinoes, que veem cantar aqui alegres como a aragem que os afaga!... Se pudessemos voar tambem com o pensamento, deixando fugir o coração!...

—E se estes momentos fossem dias, e se estes desejos fossem a nossa vida, e se como os rouxinoes alegres não fizessemos senão cantar o nosso amor, querias mais ventura, querias outra sorte?— exclamou elle beijando-lhe a mão.

—Não me faças chorar! A alegria ás vezes é uma dor!

—E sentir na tua a mão leal do homem, que Deus fez o companheiro, o amigo da tua existencia? Duas almas em uma só vontade; dois sorrisos em um beijo de eterno amor! Ser nos teus olhos o que deseja o coração; dizer a tua bocca o que o meu pensamento anceia; tudo isto, que só de imaginal-o está o peito a pular-me de jubilo, tudo isto, que tornaria o homem tão ditoso, que até os anjos o invejariam, não vale um sacrificio, um pouco de orgulho abatido, um ardor de ambição refreado

Falando assim, o mancebo ajoelhára e pegava-lhe na mão. Ella com o rosto inclinado sentia o halito do amante sobre os cabellos; e o brilho dos olhos, humidos de paixão e quasi desfallecidos de amor, fazendo-se turvo ao sopro inebriante d'estas palavras, a cada instante esmorecia mais em um deliquio encantador.

Os labios de rosa, anhelantes, pareciam chamar os do amante; e presos pelo pudor da innocencia avivavam o coral, ora vencidos de pejo, ora abrazados de desejos. O «sim» tremido á flor dos beiços com que respondia, apenas

passava á flor dos labios e no rosto palido, e alternadamente encendido, mil esperanças e temores renasciam e se apagavam. N'este delirio invencivel, vendo aquelle sorriso que tinha medo de se abrir, o mancebo arrebatado de paixão uniu a sua bocca á d'ella, e o osculo louco e tremente, o osculo delicioso do amor voou-lhe da alma, deixando escapar em torrentes a ternura, que já não tinha força de se conter.

Quando a commoção asserenou, vermelha como uma rosa, e assustada, a donzella arrancou-se dos braços que a sostinham, e com os olhos quasi lacrimosos, e as mãos cruzadas sobre o seio, em um gesto de ineffavel pudor, disse com voz tremula, mas irrritada:

—Um irmão não fazia isto a sua irmã!

—Não foi!...

—Vim aqui fiada na tua palavra; certa de que para me defender encontraria a honra de um cavalheiro!... Sou mulher, sou timida, estou só; peço soccorro ao respeito e á fé que me juraste!... Se as esqueceres não me amas; e ha uma coisa a que não hei de sobreviver, é ao desprezo que merecesses.

Estas palavras, cheias de dignidade, obrigaram o mancebo a pôr o joelho em terra, e tirando a espada, a offerecer-lh'a pelo punho, dizendo com os olhos baixos, e o rubor nas faces:

—Se um desejo vil, se a sombra de um ultraje me despontasse no coração... tinha esta espada para o punir antes de me deshonrar. Entrego-t'a. Ella que te guarde, já que a minha palavra te parece pouco.

N'este momento um ruido nas folhas que,

as fez agitar, cahindo algumas, sentiu-se por de traz d'elles no mirante. A lua tinha-se coberto, e a escuridade era completa.

—Escuta!—disse ella, apurando o ouvido assustada—Este rumor? São passos?

—Não! Alguma coisa que passou. O vento que boliu nas arvores.

—Tenho medo.

—Ao pé de mim?—disse elle queixoso.

—Foi mal feito; não devia ser!... Envergonhar-me assim! E eu ainda aqui!

—Perdoa uma loucura... a ultima. Juras, se me amas, que fazes o que vou pedir?

—Juramentos?!

—Promettes, que no dia em que eu vier offerecer-te a mão, e chamar-te esposa, me seguirás, quem quer que eu seja, para onde quer que eu vá?

Ella hesitou. As folhas á roda tornaram a agitar-se

—Não sentes?—accudiu Cecilia. Vento não é.

—Foi a minha capa, roçando, que te assustou. Juras?

—Meu Deus—exclamou a educanda, unindo as mãos.

—Não me amas!—disse elle com amargura—Se pedisses uma prova como esta, cuidas que duvidava!

—Mas quem és, porque te occultas?! insistiu a pobre menina quasi delirante.

—Se amasses, querias-me pelo que sou—redarguiu o mancebo cruzando os braços.

—Sabes que não! Mas este segredo que me escondes?

—Já me déste o direito de t'o revelar? Pe-

di-te, que no dia em que viesse, e te chamasse a companheira da minha vida, me recebesses, quem quer que eu fosse, e para onde quer que te levasse! O que respondes? A quem amas? Se fosse a mim...

—Ingrato!—murmurou ella.

—Se fosse a mim—proseguiu D. João no mesmo tom—seguias o coração.

—Que me occulta...

—Que está prompto a dizer tudo, com tanto que o não enganem.

Houve um momento de silencio. Cecilia com a fronte pendida e o seio arquejante calava-se. O mancebo, sombrio e mudo, aguardava. Passados poucos minutos ajoelhou, e commovido, pondo a bocca tremula sobre a mão d'ella, que ainda tremia mais, exclamou:

—Era uma illusão!... Era um sonho!...E accordar, perdel-o assim, e não morrer aqui! A dor não mata!... Pelo nosso amor, por toda a ternura que juraste... Basta! Disse demais a quem me não escuta. Senhora—accrescentou erguendo-se, e cortejando-a friamente—possa o verdadeiro amor de outro homem, mais feliz, fazer a ventura de um coração que eu não era digno de possuir. Adeus!

E suffocado, vacillante, e com a vista a fugir-lhe dos olhos deu alguns passos direito á porta da sahida.

Cecilia não se movia; mas dentro d'alma era medonha a lucta.

—Adeus!—tornou elle, voltando-se com um suspiro.

Já a mão virava a chave, já a porta se entreabria, quando a educanda, de um impeto,

veiu cahir-lhe nos braços, chorando mais do que proferindo estas palavras:

—Não, não! Irei se me chamares. Mendigo ou nobre, cavalheiro ou mechanico, a minha vida sempre será tua.

Apezar do extasis em que esta promessa o lançou, e da perturbação em que ficaram ambos, pareceu-lhes que uma especie de rugido concentrado respondia ao grito de jubilo de D. João. Suspensos escutaram, comprimindo a respiração, mas o silencio era completo.

Em roda as trevas não deixavam aperceber o menor vulto.

—E agora dir-me-has o teu segredo?—accudiu ella com meiguice.

—Deante de Deus, que nos ouve, protesto revelar-t'o dentro de dois dias. Até lá confiarás em mim?

—Não vês! Mas porque não m'o dizes já?—insistiu ella pensativa.

—Porque para o dizer...

—Era preciso inventar mais uma falsidade!—interrompeu uma voz, que parecia sahir d'entre as folhas de um maciço de verdura, proximo da porta ao pé da qual estavam.

—Oh, agora!...—gritou o mancebo, cujos olhos faiscaram—agora quem quer que seja!...—e tirou a espada.

Do meio da escuridão brilhou outro ferro, que tocando no seu o fez inclinar.

Cecilia soltou um grito agudo, e fez-se branca. O seu primeiro movimento foi correr, e separar os dois; o segundo soster pelo braço a D. João, não o deixando adeantar.

O pasmo e o assombro do subito encontro, quasi que tinham paralysado tambem a este.

A mão do mancebo largou a chave, e a porta do jardim abriu-se toda. A espada ameaçou o desconhecido, em quanto os olhos ardendo em ira, o buscavam na obscuridade.

A pouco e pouco a figura do seu contrario sahiu da sombra.

—Não me esperavam?—disse elle com ironia—Se não fosse um resto de compaixão por... ambos, tinha sahido: não os interrompia. Mas vendo-os enganados, e sem saberem que estavam a illudir-se...

—Basta!—clamou D. João estremecendo de zelos e de raiva. De que servem palavras, quando temos espadas? Em guarda?

—Jeronymo! E' Jeronymo!—murmurou Cecilia desfallecendo, e erguendo as mãos com um gesto supplicante.

—Cada um no seu logar!—replicou o capitão friamente—Esta senhora sabe...

—Eu?—accudiu Cecilia em voz fraca.

—Somos tão pouco estranhos, que me conheceu logo, apezar da escuridão da noite. Temos passado tantos annos juntos!—accrescentou amargamente.

D'onde estava, Jeronymo não podia descobrir o semblante da donzella, que atraz de D. João sentia uma dor trespassada a cada palavra, com que elle lhe rasgava o coração.

A pobre menina ainda não percebêra que o amante de Thereza a tomava por sua irmã. Confusa e tremula, julgou que o cuidado da sua honra, e a amizade da infancia tinham attrahido o capitão; e a sua maior apprehensão consistia na maneira de o convencer da innocencia do seu amor.

—D. João, entretanto, mordia os beiços

cheio de ciumes. Não podia entender como aquelle homem alli viera, nem que dominio era o seu sobre Cecilia. Parecia-lhe evidente, que o desconhecido pertencia á casa, e hesitava por isso em levantar o braço antes de se desenganar. O silencio em que todos se conservaram por alguns instantes foi terrivel. Cada minuto accumulava seculos de odio e de agonia no peito do mancebo.

—Estou esperando!—exclamou batendo o pé, e rouco da oppressão.

—Socegue! havemos de conhecer-nos bem!... —procurando depois disfarçar o tremor que lhe agitava a voz: proseguiu:—Se percebi bem, ha pouco, disse-lhe esta senhora que o amava?

—Se ouviu não precisa de resposta! accudiu D. João—Os espiões...

—Logo tractaremos d'isso—redarguiu Jeronymo.—Vejamos! Ella ama-o; assegurou-lh'o?

—Bem ouviu!—respondeu o mancebo.

—Ouvi! E o seu silencio ainda o confirma —continuou o amante de Thereza com accento doloroso.—Acredita-a? Crê nas suas promessas?

—Como em Deus!

—Tenho pena!... São falsas.

—Jeronymo!—disse a educanda suffocada.

—Falsas... como as que me fez a mim.

—Eu?—gritou ella recuando.

—Com a mesma voz e a mesma commoção!... Ainda a acredita?—tornou voltando-se para D. João.

—Mais do que nunca.

—Faz mal. Ainda esta manhã disse a outro

homem, que não tinha amor, e que se viesse a tel-o, seria para o fazer feliz.

D. João empallideceu. Cecilia soltou um gemido, exclamando com doloroso accento:

—Eu?!

—Sim!—proferiu Jeronymo, desviando o rosto do sitio, d'onde a apercebia confusamente na escuridão. Bem vê! Se o amava, zombou d'esse homem que sem uma queixa lhe rogava que o deixasse morrer. Se não o amava, tambem, enganou os dois, rindo da sua... ia a dizer loucura, rindo da verdadeira paixão, que mostra. Eis a verdade.

O mancebo não proferiu uma palavra; mas as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos. Um soluço mal contido revelou a sua magoa.

—Não se envergonhe!—accudiu o capitão com tristeza—Tambem eu chorei, e mais devia ser forte, devia esperar o que succedeu. Ha umas poucas de horas que sabia tudo por um escripto que ella deixou perder. Assim mesmo, não tendo animo já para o aguardar de longe, quando, alli occulto, ouvi esta voz que Deus fez tão suave, como uma tentação; quando lhe jurou... e jurou falso, porque é um coração que nada sente, quando lhe jurou amor e ternura... por pouco não morri. Cada palavra me varou o peito como um punhal; cada promessa me tirou uma esperança, causando-me uma dor nova! E não acabei como pedia a Deus... Chorei! Chorei como uma criança, como uma mulher! Veja agora. O meu orgulho não me deixa limpar as lagrimas.

Apezar do ciume, D. João teve dó da inconsolavel magoa que estas palavras confessavam.

Erguendo a cabeça, e respondendo, havia na sua voz menos arrogancia do que pesar.

—Se choro é de raiva!—disse elle.

—Não se engane, chora de amor, como eu. Amava-a; illudiu-o! Ahi tem porque o seu coração não póde com a pena.

—Jeronymo!—atalhou Cecilia, erguendo a fronte com um gesto admiravel de altivez—Eu tambem não choro! O desprezo seccou-me as lagrimas. Não sei porque me persegue e me calumnia, nunca lhe fiz mal; mas Deus ha de castigal-o um dia pela deshonra de sua irmã, de sua segunda irmã, que infama sem motivo.

—Minha irmã?—clamou elle com fogo—E' verdade—accrescentou volvendo á ironia—foi o nome que me deu para me trahir, para zombar de um coração que desde que sente ..

—Jeronymo, Jeronymo! Essas palavras não pódem ser commigo. Chegue-se, veja!... Ha engano...

—Não!—gritou elle, repellindo com a mão o movimento, que a educanda fazia para se approximar—Se a visse... não lhe resistia. Sabe em que estive pensando, em quanto a ouvi occulto? Na alegria de não acabar só; de não levar a certeza de que outro seria feliz com a minha morte. Ha momentos em que me sinto capaz de lhe arrancar a vida, com os olhos cheios de lagrimas, e o coração repassado de ternura. Tenho medo do ciume. Não me tente!

—João, deante de Deus te juro, que Jeronymo se engana; nunca o amei, nem elle a mim!—exclamou a donzella.

—Meu amor—dizia o mancebo afagando-a

com a voz—obrigado pelas tuas palavras! Precisava de t'as ouvir para não enlouquecer...

—Tem razão, senhor, agora só as armas!—accudiu o capitão depois de escutar a donzella—Tenho pressa de encontrar uma espada.

—João!—gritou Cecilia quendo prendel-o com os braços.

—Como ella o ama!—murmurou Jeronymo—E para mim odio, indifferença!... E hei de morrer só?!

—João, pelo nosso amor!—insistia a educanda—este combate não póde ser. Elle é meu segundo irmão. Ha de ouvir-me; eu desfarei o seu engano, porque é engano...

—Estou esperando, senhor!—disse o capitão levantando a voz.

E' que, apezar da força da sua alma, o coração espedaçava-se-lhe, vendo-a quasi nos braços d'outro, e escutando os transportes da sua ternura.

—Bem vês!—accudiu D. João—Este combate não poderia ser n'outra parte?—accrescentou, dirigindo-se a Jeronymo.

—Não. Jurei, que só um de nós havia de sahir d'aqui. Se ella padece e chora, eu não soffri e chorei tambem?

—Agora eu é que tenho pressa—atalhou o mancebo, desenlaçando-se com esforço dos braços de Cecilia, e correndo para elle. A donzella seguiu-o; e cega, desvairada, metteu-se entre os ferros já cruzados, descobrindo o peito, e querendo-os separar.

—Não póde ser! ouçam!—gritava.

N'este momento a nuvem que encobria a

lua rasgou-se, e o clarão do astro da noite veiu allumiar uma scena dolorosa. Cecilia abria os braços, e com um gemido em que a dor e a queixa se fundiam, curvada sobre os joelhos, desfallecia, e levando a mão ao peito suspirava:

—Feriste-me, Jeronymo!

Mas os olhos do capitão, antes d'estas palavras, tinham encontrado o rosto do mancebo. Vendo-o, recuou, fez-se branco, e baixando a ponta da espada deu um grito. Depois conglobando na voz toda a desesperação da alma, exclamou.

—Devia perceber! Não era amor, era!... Meu Deus! Thereza—disse soluçando—agora vejo, agora sei. Mentias, trahiste-me, porque vendeste o coração e a honra a sua alteza real o principe D. João!

Um gemido suffocado, e a queda de um corpo no chão, obrigou-o a olhar para os seus pés. Com a face por terra, e sem sentidos, a educanda desmaiára de todo, mais das vozes que lhe ouviu, do que da ferida que a ensanguentava.

D. João, tambem alterado com a repentina revelação, entre as sombras mal desfeitas pelo clarão da lua não tinha notado o golpe, nem sentido o suspiro da amante. Ao vel-a cahir, correu e achou-a banhada em sangue, e com os olhos cerrados. Sem saber o que fazia, bramindo de desespêro, não procurou senão a morte e a vingança. Voltando-se como um tigre sobre Jeronymo:

—Covarde! Assassino! Vil!—gritava, não se guardando, e crescendo sempre contra elle.

O instincto, mais do que a vontade, dirigiu o braço do capitão. O mancebo, no seu impeto, sentiu de repente a mão adormecida; os seus dedos deixaram fugir a espada. Ao frio do ferro succedeu uma dor intensa. Quando cahiu em si estava desarmado, e o seu florete jazia no chão a dois passos d'elle. Uma estocada funda no hombro enchia-lhe de sangue a manga, e fazia-lhe pender o braço sem força.

Foi então que uma mulher, correndo cheia de agitação, passou por elles, e foi ajoelhar-se junto de Cecilia. Cobrindo-lhe a face de caricias e de beijos, com a cabeça d'ella no regaço, e as mãos nas suas parecia não vêr, nem ouvir nada, preoccupada pelo cuidado que a absorvia.

Era Catharina, que as ultimas palavras de Jeronymo tinham ferido, e que se apressára, ignorando ainda toda a extensão do infortunio que a esperava.

Na mesma occasião um vulto entrou pela porta do jardim. Levantando a mão, e dando alguns passos, disse em voz forte:

—Da parte d'el-rei!

Era o corregedor do crime do bairro do Rocio.

O mancebo chegou-se a elle, deu-se a cohecer, e mostrou-lhe com um gesto o corpo inanimado de Cecilia, o sangue que lhe tingia o braço, e Jeronymo immovel e com a vista fita como uma estatua.

—Este homem matou-a, e feriu-me, sabendo que era o principe!—accrescentou de modo que fez empallidecer o corregedor.

O magistrado inclinou-se. Com ar triste e a

passos lentos chegou-se ao capitão. Este nem pestanejava.

—A sua espada?

Elle não ouviu, nem deu signal de o perceber.

—A sua espada?—repetiu o Camões, tocando-lhe no hombro.

Sem dizer palavra Jeronymo entregou-lh'a.

—Siga-me. Está preso á ordem de el-rei e de sua alteza real!

Absorto, e branco como a tira da camisa, o capitão obedeceu machinalmente. Passando pelo sitio aonde D. Catharina procurava estancar o sangue, e reanimar os espiritos de Cecilia, hesitou; duas lagrimas arderam nas suas pupillas. Depois, meneando a cabeça, acompanhou o corregedor, e sahiu com elle.

Entretanto D. João correu para onde estava a sua amante, e ajoelhou. A filha de D. Luiz, vendo-o, e lendo na anciosa dor toda a agonia da sua desesperação disse-lhe mais pallida ainda do que a sua amiga:

—Respira! Vive!... Retire-se vossa alteza. Se não lhe pudermos salvar a vida, ao menos procuremos não lhe tirar a fama. Encarrego-me de explicar tudo...

—Não, não! Está morta. Elle matou-a!—dizia o mancebo com os olhos afogados em lagrimas.

—Vive! Respira!—insisiu ella—E eu que a amo como irmã, como filha; eu que me accuso de não vir mais cedo... peço, quero que os seus olhos abrindo-se não vejam aqui a vossa alteza. Sei que o coração da pobre infeliz não resistiria.

—Quer que a deixe expirando?

—Fica nos braços de quem a estima! Vossa alteza não tem outros deveres?—accrescentou a noiva do conde de Aveiras severamente—El-rei seu pae não estará em perigo a esta hora?

—Meu pae, meu pae!—exclamou com soluços e lagrimas—Ambos! Perdidos, mortos!

—Senhor, torno a pedir a vossa alteza!... A sua presença aqui é a deshonra d'esta menina e a infamia de uma familia honrada. Hei de... havemos de salval-a. Não vê que tenho esperança, eu que a amo tanto que morria se a perdesse?

—E' sua irmã?

—Sou o que ha de mais terno para ella.

—E eu poderei saber?...

—Amanhã mesmo...

—Então!... Mas sem a tornar a vêr!

—Cada instante que se demora aggrava o seu perigo. Com vossa alteza presente não posso chamar soccorro.

—Tem razão. Saio.

E ajoelhando pousou os beiços tremulos nas mãos da donzella desmaiada: lançou-lhe um olhar de dor e ternura indizivel; deu dois passos para sahir; voltou, e por fim em um impulso de violento esforço transpoz o limiar da porta, e desappareceu.

Catharina levantou as mãos e os olhos ao céu As lagrimas rebentaram soltas pela mais intensa agonia.

—Graças, meu Deus!—murmurou inclinando-se de novo para a sua amiga, cuja bella fronte descansava no seu seio—Respira! O

coração torna a bater!... Salva a honra, salvemos-lhe agora a vida!

D'ahi a um instante, aos gritos de Catharina accudia toda a familia, accordada em sobresalto, levando em braços a educanda para o seu quarto.

O commendador no seu aposento dormia ainda; e a filha de D. Luiz prohibiu que o despertassem. Meia hora depois Cecilia abriu os olhos, e a vista sem falar disse tudo á amiga da sua alma.

## CAPITULO XXXV

### Um raio de luz nas trevas!

Era sobre o amanhecer. Uma tempestade, cujo estampido soava ainda, mas já distante, fundia-se em torrentes de chuva, depois de illuminar a densa escuridão da noite com o livido clarão dos relampagos, estalando medonhos os trovões sobre a cidade.

O luto do céu harmonizava-se com a tristeza dos homens. Havia doze dias que D. Pedro II exhalára o ultimo suspiro pela uma hora da tarde de nove de dezembro, na quinta de Alcantara, nos braços do marquez de Marialva, seu gentil-homem da camara, que lhe cerrou piedosamente os olhos. O padre Ventura não se engánara em casa de Lourenço Telles, quando tinha revelado o segredo dos medicos ao secretario das mercês, affirmando-lhe, que o succesor de Affonso VI não torna-

ria a levantar-se do leito, senão para ir a S. Vicente de Fóra!

Nos ultimos momentos, o monarcha, chamando o herdeiro da coroa e os infantes, preparou-se como homem para o terrivel transe da morte; a sua conformidade e a grandeza d'alma com que até ao fim soube cumprir os deveres de rei, admirou até os que lhe eram menos affeiçoados. Se a sombra vingadora do irmão, remorso constante dos derradeiros dias, lhe appareceu ao lado, e lhe poz a mão sobre o peito desfallecido, soube esconder os terrores, e as cinzas da penitencia cobriram a lucta da sua alma com o passado. A vida fugiu-lhe dos labios em uma exhalação serena e quasi sem dor, como se a expiação tivesse enchido a medida da justiça, e apagado perante a eternidade a conta do crime!

O principe real achou-se, portanto, ao despontar da juventude, com o pezo de uma corôa sobre a fronte.

Sahindo do jardim, aonde a aventura tragica (descripta no capitulo antecedente) lhe avivava as magoas mais intensas da sua vida, recebeu o golpe de uma separação para que não estava ainda preparado, porque lhe disfarçaram o perigo, em quanto houve esperanças de o vencer.

O corregedor do crime, depois de mandar com boa guarda para a cadêa do Castello o capitão Jeronymo, approximou-se de sua alteza, e com o chapéu na mão, e um verdadeiro pesar estampado no rosto, participou-lhe que a sua ausencia fôra notada na côrte real, aonde acabava de chegar um aviso do paço, communicando que o estado de el-rei havia peio-

rado muito, e que iam ministrar-lhe os sacramentos.

Suspenso, abatido, e como cégo de entendimento á força de commoções dolorosas, o mancebo inclinou-se sem proferir palavra deante da perda irremediavel, que lhe dava o throno á custa da saudade e do affecto de filho. A reunião de tantas desgraças em um só dia atterrou-o; e as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos em quanto murmurava: «Meu pae!... Cecilia! ambos na mesma hora!»

Sem escutar mais nada, pediu um cavallo, e minutos depois apeava-se no pateo do palacio de Alcantara, quando os raios desmaiados da aurora principiavam a aclarar o ceu, e a adelgaçar as sombras do crepusculo matutino.

Em uma das salas o marquez de Marialva, depois de ouvir e de responder ás perguntas de sua alteza ácerca da enfermidade de seu pae, observando com espanto o parecer desfigurado do principe, e a desordem dos seus vestidos, conhecendo que estava ferido, e que o sangue ainda corria, posto elle mostrasse não o sentir, não pôde conter-se e exclamou:

—Vossa alteza teve algum mau encontro? Sente-se mal?

—Não foi nada!—accudiu D. João precipitadamente—O sobresalto, o cansaço...

—Mas o sangue?...

—Ah! Uma arranhadura! Com um jarro d'agua em poucos minutos desapparece.

Effectivamente a estocada fôra leve. Momentos depois o herdeiro da coroa, mudados os trajos, e sem nenhum signal que denun-

ciasse o combate, entrava trespassado de dor no quarto, aonde el-rei o aguardava para se despedirem.

As occupações motivadas pelos funeraes de Pedro II justificaram aos olhos de todos a reclusão do principe, encerrado oito dias consecutivos sem receber ninguem, excepto o padre Ventura e Diogo de Mendonça, com os quaes passava horas inteiras fechado na sua camara. A pouco e pouco a melancholia e o abatimento diminuiram; e um sorriso ainda pallido, ainda triste, começou a alegrar-lhe os labios. Eram as noticias que o jesuita lhe trazia, ou o effeito do tempo, sobre as affecções moraes, o que lhe levantava o animo, e lhe ia consolando o coração?

Qualquer que fosse a causa, não a disse; e mandando expedir as primeiras ordens para a ceremonia da coroação, os observadores notaram particular fulgor nos seus olhos, e uma firmeza na voz, que revelava a consciencia do seu poder. N'essa mesma tarde, dois dias depois de quebrados os escudos, segundo o antigo estylo, o novo rei convocou o conselho de estado, ordenando que se levasse aviso da sua parte ao conde de Castello-Melhor, o valido de seu tio Affonso VI, ao qual Pedro II nunca perdoára inteiramente, conservando-o longe da sua pessoa, e ainda mais afastado da participação e despachos dos negocios.

O reinado de D. João V começava pela clemencia. Era bom auspicio!

Em quanto tudo se dispunha para o joven soberano cingir a corôa de Affonso Henriques com a pompa da magestade real, na rua das Arcas, aonde o seu coração o arrebatava em

espirito tantas vezes depois da scena que terminára a ultima noite de felicidade, os acontecimentos publicos tinham passado como desapercebidos, porque os cuidados do perigo de Cecilia tornavam todos indifferentes a qualquer preoccupação que não fosse o receio de a perder.

Segundo dissemos, aos gritos de D. Catharina a familia corrêra toda sobresaltada, menos Philippe, que dormia a essa hora na cella de frei João, e o commendador, que no seu retirado aposento, e com o somno pesado da edade, nada ouvira.

A noiva do Conde de Aveiras, ajudando a levar em braços a educanda, teceu uma novella cheia de incidentes e de lances assustadores, imputando todas as desgraças a supostos atrevidos salteadores, accusados por ella sem remorso, de terem aberto a porta do jardim, e de ferirem a sua amiga no momento em que, despertando ao ruido, accudira, sem a esperar, mas depois de a ter chamado.

N'esta versão havia de certo mais d'um ponto equivoco; porém a perturbação do successo, e o receio que inspirava o estado melindroso da donzella, não deixavam a ninguem o juizo bastante livre para descer ao fundo das coisas, e analysar as contradicções e inverosimilhanças d'esta engenhosa historia.

Tinham visto as duas portas abertas; tinham encontrado as duas meninas uma desmaiada nos braços da outra; o rasto dos pés dos estranhos estava assignalado no chão do jardim; todos os indicios pois favoreciam o romance; e para chegar ao verdadeiro segredo quasi que seria necessario adivinhar.

Depois a policia n'aquelle tempo era pessima; e a segurança andava tão exposta, que o caso d'uma assalto nocturno, como o que se figurava, podia deplorar-se, mas nada tinha de singular.

Lourenço Telles, a quem o discreto Jasmin se encarregou de accordar para o dispôr a ouvir a verdade, ou o que se queria passasse por tal, era mais forte na critica de Horacio, do que perspicaz no exame dos actos da vida.

Levantando-se espavorido, esqueceu os annos e as enfermidades, pegou á pressa no espadim, encostou-se ao braço do escudeiro, e veiu juntar sua turvação ao enleio e á immobilidade dolorosa em que o estado de Cecilia prostrava sua mãe e sua irmã.

A amizade de Catharina, não menos terna porém mais decidida, é que se multiplicava em cuidados, dando as ordens que Magdalena, tolhida de espanto, e perdida da cabeça, não sabia nem articular.

Graças ao animo varonil da noiva do conde de Aveiras, foi logo chamado o medico, e, tendo examinado a ferida, capitulou-a de pouco perigosa, se a febre não sobreviesse, o que devia temer-se. Com a sentença do douto Esculapio restituiu-se a fala a todos, e o velho erudito começou a queixar-se da ausencia de Philippe, e a estranhar a falta indesculpavel de Jeronymo, concluindo por escrever duas linhas a frei João, informando-o do succedido, e rogando-lhe que o não desamparasse, e viesse acompanhal-o nos seus infortunios.

O frade acabava de se erguer quando o afunilado e beato semblante do senhor Thomé das Chagas lhe appareceu com o recado. O

andador das almas já vinha revestido das insignias do seu devoto cargo, e carregára a physionomia de umas poucas de atmospheras de solemnidade.

Lendo a carta, o procurador perdeu as côres da opulenta face, e gritando pelo chapéu e pela capa, disse para o servente:

—Quando aquelle animal accordar, ponha-lhe o almoço, e depois mostre-lhe este papel!

O animal alludido era Philippe da Gama, o qual resonava estrepitosamente.

Nem o capitão, nem o dominico oppozeram a menor duvida á historia que lhes contou o erudito, tremendo ainda, não se sabe se de medo, se de indignação, mas é provavel que de ambas as coisas.

A's onze horas do dia deu entrada na sala com rosto de tragedia a longa e gravissima pessoa do abbade Silva, carregado de pezames desde as borlas de torçal do seu tricornio até ás fivelas dos sapatos. Depois de uma fuzilaria de citações latinas e de textos dos antigos philosophos, os tres criticos (porque Philippe tractou de se esquivar ao areopago apenas assomou o abbade) concordaram *una voce dicenti*, que Portugal era a Turquia dos Estados Catholicos, que a vida estava mais segura a bordo de um chaveco argelino, do que protegida pelas leis de sua magestade.

A' hora de jantar, não sendo peiores as noticias que a miudo recebia do estado de Cecilia, o commendador principiou a inquietar-se com a ausencia de Jeronymo, attribuindo-a a alguma nova desgraça, pois viver em uma terra aonde os ladrões e os assassinos corriam as ruas e investiam as habitações como no

pinhal da Azambuja, equivalia a servir de alvo á bocca de uma espingarda, ou á ponta de um florete.

O frade tambem achava a falta do mancebo inexplicavel; e o auctor da biographia de Viriato «o Libertador» regougou solemnemente, que na ordem regular das coisas o senhor Joronymo devia ter vindo, a não se demorar por alguma causa!

Sobre a noite um bilhete de Diogo de Mendonça tranquillizou mais o erudito.

O secretario das mercês escrevia-lhe que el-rei estava em grande perigo, e que por isso não podia sahir do paço; queria com instancia noticias da sua *menina bonita*, cujo desastre deplorava sem o conhecer exactamente; e acabava, mentindo com o denodo de um diplomata aguerrido, dizendo que não tivessem cuidado no marte portuguez (Jeronymo), porque o expedira com uma ordem ao exercito, não se atrevendo a confial-a de outro official.

Já se vê que o ministro estava informado do essencial, e que se comportava com a precaução devida.

Ignorando até que ponto Lourenço Telles sabia as coisas, arriscava-se pouco, e com phrases equivocas sondava o terreno. O ardil sortiu o desejado effeito. Uma hora depois, Diogo de Mendonça tinha nas mãos o boletim minucioso do estado de Cecilia, a historia correcta e augmentada do episodio dos ladrões, enriquecida das exclamações fulminantes do seu douto collega em Minerva, e por esta maneira achava-se com os fios do labyrintho na mão, e em posição de servir os seus amigos, e

de dar mais um sopro favoravel ás vellas do navio, o qual, segundo a sua expressão, levava Cesar e a sua fortuna!

Assim tinha corrido o primeiro dia, lançado um veo discreto sobre a verdadeira causa do infortunio, e conspirando todos, uns de proposito, outros sem o perceberem, para ella se não aclarar.

Entretanto, como o medico receava, a febre tinha sobrevindo, devida mais á agitação do espirito, do que á gravidade da ferida.

Na segunda noite, Cecilia, que até alli respondia por monosyllabos a todas as perguntas, conservando as palpebras meio cerradas, padecia de uma irritação de sensibilidade tão grande, que o menor ruido a fazia cahir em tremores convulsos e em sobresaltos dolorosos. Sentava-se na cama com impeto, e accesas as faces no ardor que lhe inflammava o sangue com o sombrio fulgor do delirio nas pupillas dilatadas, levava ambas as mãos ás tranças, e desatando-as com um gesto de susto infantil, escondia com ellas o rosto, ao passo que murmurava phrases incoherentes e loucas que esfriavam de inquietação a Catharina, unica pessoa assentada a esta hora junto de sua cabeceira.

O bello rosto da educanda, pallido como cêra transparente, descobrindo as veias á flor da tez, e repassado da amargurada desesperação, que lhe envenenava a alma, estava transfigurado.

Era formoso ainda, mas d'aquella formosura chorosa e pungente, que o pincel dos mestres creou para exprimir a paixão da Virgem aos pés da cruz.

O olhar, que ella corria pelo quarto, desvairado como a ideia, pasmava a cada instante; e os labios descórados e entre-abertos torciam-se com o sorriso louco, que espedaça o peito aos que o contemplam, porque lhes diz o coração que já não póde com a agonia, e que estalando no peito afunda o espirito nas trevas da demencia.

Fitando Catharina sem a conhecer, sem a ver mesmo, poz-lhe a mão, que escaldava, sobre o braço, e inclinando-se disse-lhe n'aquella voz surda, suffocada pelas lagrimas:

—Não sabes? Morreu! Está-me chamando do céu. Disse-m'o um anjo branco com uma coroa de rosas na cabeça. Não o vês aqui á minha cabeceira?... Não o vês, não! E' verdade, tu não amas, não podes vel-o. Queriam-me enganar; contaram-me que vivia; mas eu sei que não. O sangue d'elle correu-me todo sobre o peito; o seu ultimo suspiro passou sobre os meus beiços; estava dormindo, mas ouvi...

Por outra variação repentina do delirio, mudando subitamente de expressão e de gesto, e lançando para traz as madeixas do cabello, cujo preto fechado fazia realçar a brancura desmaiada do collo, soltou um riso secco e convulso, e accrescentou falando muito depressa:

—Não ouviste o que elles falam? Chamam-lhe principe, beijam-lhe a mão!... E' o filho de el-rei!... E eu quero-lhe tanto, tanto! Ha de fazer-me rainha. Juiou-m'o! Não digas nada a Catharina; eu só é que o sei. Aonde pozeram a minha corôa?... Não a acho; elle deu-m'a!—E com a mão apalpava em redor

de si apanhando a roupa. Depois proseguiu mais socegada:—Faz um sol, que me queima!... Para que é tanta luz!... Aquelle altar cheio de flores? tanta gente á roda? Trazem-me o véu branco, e a capella de açucenas? Vem buscar-me da parte de meu esposo!?... Não vou. Quero ficar aqui! Não sou princeza. Digam-lhe que morri... com elle... hontem. E' tão doce estar morta assim, a vel-o e a ouvil-o! Não sei porque diziam que na sepultura fazia frio. Sinto um calor... aqui, sobre o coração!..

E debruçando a cabeça sobre o hombro com a graça da ave que vae dormir, abriu mais o sorriso dos labios, conchegou-se com um suspiro profundo nas roupas, e esmorecendo-lhe o brilho da vista, recahiu na agitada somnolencia da febre, articulando sons perdidos, e gemendo queixas vagas, cujo sentido a sua amiga não podia perceber.

Catharina, inclinada sobre esta immensa dor, desfazia-se em lagrimas e soluços, cobrindo-lhe as mãos de beijos e caricias.

Assim entre a vida e a morte pendeu d'um fio oito dias, umas vezes dando esperanças, outras julgando-se que de momento para momento se despedia em um gemido d'aquelle amor, que a matava.

Sua irmã, ouvindo-a no delirio chamar por um nome e dirigir-lhe supplicas maviosas, olhava para Catharina, que nem um minuto tinha desamparado esta agonia; e na pallidez e nos olhos roxos de pranto da noviça adivinhava o cruel segredo, que fôra a perda de Cecilia.

O commendador, mais envelhecido pelo

martyrio d'esta semana, do que nos ultimos dez annos de existencia, passava manhans e tardes sentado defronte de frei João e do abbade, sem proferir uma palavra, e sem enxugar tambem essas duas lagrimas, tão raras na edade extrema, que o coração já ressequido só espreme com as grandes dores.

Quem mettia mais compaixão era a pobre mãe. Com o desvelo affectuoso, com a esperança tenaz do seu amor, quebrada de forças, cortada de sustos, resistia a todas as fadigas, e tirava animo da propria angustia para não sahir do lado de sua filha, parecendo-lhe que separar-se d'ella era arrancarem-lhe a alma do corpo.

A muito custo conseguiram na terceira noite, que a confiasse aos cuidados de Thereza e de Catharina algumas horas para descansar. Assim mesmo apparecia de espaço a espaço, atravessando o quarto nas pontas dos pés com o passo subtil da mãe, quando receia perturbar o somno leve da infancia: chegava-se ao leito; escutava a respiração agitada; e tornava a sahir, voltando-se a miudo para volver sobre o corpo da donzella aquella vista de ternura e de carinho ineffavel, que nem os olhos do amante, nem outro affecto mundano nunca foi capaz de roubar á paixão materna.

Quando a molestia tocára o seu auge, e o delirio estava na maior força, D. Catharina e Thereza, ambas de joelhos, e banhadas em pranto, oravam a Deus que abrandasse as dores d'aquelle coração innocente, quando a porta se abriu, e a physionomia compadecida do medico apontou aos humbraes, seguida

logo da cabeça fina e sagaz do padre Ventura, que olhava para dentro por cima do hombro d'elle.

Os dois entraram, e responderam com um sorriso triste á vista interrogativa das duas donzellas.

Approximando-se do leito, o doutor palpou o pulso a Cecilia, examinou-lhe o rosto, applicou o ouvido ao peito, e saccudiu a fronte cada vez mais sombria. Da sua parte o jesuita com aquelles olhos prescrutadores, que pareciam penetrar através do corpo, inclinou-se, e escutou as palavras soltas, colheu os gemidos e os soluços vagos da agitação febril, leu o padecimento moral na propria agonia do padecimento physico, e virando-se para o medico, esperou que este dissesse a primeira phrase.

—Tenho feito tudo—murmurou o doutor suspirando—mas a arte não pode salvar senão o que Deus não condemnou... Declaro-me vencido!

As duas meninas, que o ouviam, desataram a chorar.

—O corpo vae mal, de certo—accudiu o padre Ventura lentamente, e com os olhos cheios de uma luz vivissima—mas a alma, aqui, é quem padece mais. O perigo todo está em que o vaso não quebre, e deixe escapar o espirito... Este coração de dezeseis annos em uma hora padeceu mais do que o nosso em quarenta annos; não póde com a dor, deseja anniquilar-se para a esquecer; ahi tem o que é! A molestia, doutor, a verdadeira molestia, a que ha de matal-a se não lhe accudirmos, não consiste na febre, que inflamma o

sangue, reside na affecção moral, que accende a febre...

—Se eu soubesse, se me tivessem dito muitos symptomas com que me illudi...

—Não importa! Cure-a do corpo, que o tractamento da alma encarrego-me eu de o tentar... Havemos de salval-a ambos! Digo-lh'o, e espero-o. Seria cruel que a uma mocidade tão viçosa tão cedo a comesse a terra .. Sei o mal, e creio que posso acertar a cura. Não preciso senão de um momento lucido, de um abatimento n'esta excitação de sensibilidade... Póde pela sua arte conseguil-o? Se a fizermos chorar, se o sangue vertido dentro do coração lhe rebentar pelos olhos, as lagrimas hão de salval-a.

Catharina ajoelhou aos pés do padre Ventura, e beijou-lhe a manga, unindo as mãos. Um raio de esperança principiava a brilhar nos seus olhos por entre o pranto. Thereza chorava, abafando os soluços com o lenço.

—Sei a experiencia que vae tentar—disse o medico depois de um momento de reflexão.—Se é causa moral, não ha outro remedio, confesso. Mas faltaria ao meu dever se lhe occultasse, que depende tudo de um acaso, do effeito que terão sobre esta organização, em que a vida é apenas um sopro debil, as primeiras palavras... Uma de mais póde matal-a!

—Creio em Deus, e confio na sua ajuda!—replicou o padre Ventura com firmeza—Ninguem, senão eu e esta menina—ajuntou, indicando a D. Catharina—conhece a dôr que dilacera a alma d'esta infeliz; somos homens; a edade das illusões passou para nós, doutor;

mas um coração novo, que é todo paixão e vida, não se vê perdido e só, não cáe de repente da esperança na amargura, sem se magoar nos espinhos. Aqui tem explicada esta loucura, que foge com a ideia das miserias presentes para a alegria e os enlevos do passado!... Quero fazel-a entrar em si, quero que olhe sem medo para a realidade. Não ha senão um meio; o sentimento que ha de accordal-a não póde ser senão o mesmo que a perdeu. Vou oppor á reacção a reacção! Ama, e morre do seu affecto. Salvemol-a pelo amor!

Falando assim o jesuita tinha os olhos humidos, e a sua voz, tão suave e firme de ordinario, tremia de commoção.

Voltando-se depois para a noviça, com bondosa auctoridade no gesto e no tom, disse-lhe:

—Tenho esperança, grande esperança! O doutor receitou uma bebida, que a ha de adormecer por algumas horas; deve-a accordar com o maior cuidado. Estarei aqui mais elle. Que ninguem fique no quarto depois senão nós tres. Bem ouviu, uma palavra, um soluço, um erro, e matamol-a em vez de a salvar. Promette ter muito animo; não soltar um suspiro; não levantar um dedo sequer? N'esse caso esperemos pela noite, e Deus nos acompanhe!

E sahindo logo com o medico, o visitador deteve-se por alguns instantes para restituir ao semblante a serenidade perturbada pelo espectaculo que tinha presenciado. O doutor dirigia-se entretanto ao aposento de Lourenço Telles, que o chamava cheio de inquietação, tendo ao lado a afflicta mãe, e Philippe, cuja

indole excellente se descobria na magoa viril com que animava sua mulher, com os olhos arrasados de agua e o coração a estalar no peito.

Voltando-se o jesuita viu ao pé de si Catharina, que o seguia, branca como se viesse da sepultura.

—E Jeronymo, padre Ventura?—perguntou ella a meia voz.

—Espero salval-o! O perigo d'elle é menor, e o remedio mais certo.

—Então está...

—Prêso e louco!... como a sua amiga moribunda e perdida.

—E sua alteza sabe?...

—Sua alteza tem sido preciso occultar-lhe tudo! Valeu-nos o golpe da falta de seu pae.

—Mas, meu padre, se ella sobreviver, como a havemos de consolar? Quem lhe dirá...

—Deus, que a salvou, minha filha. Deixe o coração a si... Vencido mesmo que seja, não é melhor do que morto como agora?

A' noite Catharina executou as ordens do medico, despertando com um beijo a sua amiga. Os olhos d'esta abriram-se vagarosos, mas sem o ardor do delirio. As feições abatidas e desbotadas mostravam uma prostração profunda; e a voz era tão fraca, que apenas parecia um suspiro, fugindo ao de leve pelos beiços.

Estava no estado em que o padre Ventura a tinha desejado.

O visitador demorou-se pouco, chegando em companhia do doutor. A noiva do conde de Aveiras a um signal fechou a porta, e cum-

priu a sua promessa, ficando na mais completa immobilidade.

Duas horas depois veiu ella mesma abril-a á mãe e á irmã, impacientes, com a alegria e a esperança impressas no semblante.

A commoção, excitada pelo jesuita com a sciencia que possuia do coração humano, causára um sobresalto feliz áquelle melindrosa e fragil organização. A alma asserenou com as lagrimas. O espirito desvairado cahiu em si primeiro á voz do amor, depois á voz da razão.

Por momentos, o medico, vendo-lhe apparecer na bocca o sorriso louco, e nos olhos o fogo sombrio e espantado do delirio, estremeceu, advertindo o padre com um gesto; mas a vista d'este lia mais fundo; e como o operador, cujo peito se aperta, mas ao qual não vacilla a mão, provocou a crise, e no meio da contensão de todas as faculdades, no meio do chaos das ideias e recordações, lançou um nome, que de repente fez surgir a luz das trevas, e arrancou um grito de immensa dôr e saudade ao coração em fim aberto aos prantos e gemidos.

O mais que passou é inutil descrevel-o. Todos sabem como as revoluções moraes se declaram, e os effeitos milagrosos que um choque repentino é capaz de produzir. Decorrida uma hora, o medico abraçando o padre Ventura, disse-lhe com um alvoroço, que honrava a sua sensibilidade:

— Está salva! Deve a vossa paternidade a vida e a razão. Resta agora aproveitarmos a crise, e evitar a recahida.

Effectivamente estava salva. D'ahi em deante as melhoras não cessaram.

Tinham dado dez horas da noite. Como se disse no principio, a tempestade soltando longinquos bramidos, fugia de cima da cidade. A luz tremula e fraca, posta sobre um velador de pau santo torneado, dava ao quarto de Cecilia uma claridade frouxa, cortada de grandes sombras. Sua mãe, menos assidua desde que o perigo minorou, cedendo ao cansaço e aos rogos de Catharina, recolheu-se para tomar algum descanço. Thereza, desmaiada de côr, com os olhos pizados das lagrimas, com os cuidados do espirito e do coração estampados no rosto, estava assentada, ou antes recostada n'uma cadeira, aonde a estatura esbelta se desenhava com relevo.

Ao lado d'ella a noiva de conde de Aveiras, á qual as vigilias e os terrores da amizade tinham convertido a alvura do alabastro em uma pallidez morbida, fitava a vista no rosto da educanda já sereno, mas branco ainda como as roupas em que pousava, e dorido como o seu coração depois dos transes por que passára.

A educanda socegava em um somno leve e confortador. A mão de jaspe, fina e graciosa, pendia fóra do leito, como a do innocente adormecido descáe por vezes fóra do berço.

Um sorriso cheio de tristeza suave animava-lhe a bocca, passando á flôr dos labios. O soffrimento physico e a dor moral, consumindo rapidamente as forças, e cavando-lhe as faces, tornavam maiores e mais expressivos, se é possivel, os bellos olhos pretos, cujas pupillas avivando-se, cujas ramosas pestanas fazendo sombra, revestiam a physionomia de um enlevo e seducção, que recordava a poeti-

ca imagem com que a phantasia christã nos representa os seraphins, nuncios de Deus.

Os cabellos, negros e sedosos, destacavam soltos sobre a alva olanda do travesseiro, e realçavam a neve de um collo, em que as veias eram mais apparentes, e os musculos mais sumidos do que antes.

Um pintor, que a visse no adoravel repouso d'esta noite, invejaria a Raphael de Urbino o seu amor de artista e o seu coração de amante. Só um inspirado pincel do mestre, que melhor soube colher a rara expressão da pureza e do affecto na virgindade da alma e do sentimento, seria capaz de reproduzir com as verdadeiras côres aquella maviosa figura, *bianco vestita*, como diria o Dante, como a meiga e sublime expressão que n'aquella hora a realçava.

Thereza olhava tambem para sua irmã, e, preoccupada, desferia ainda com mais frequencia um raio penetrante das pupillas, parecendo com elle intentar ler no seio de Catharina os segredos que lhe occultava. Durante o delirio, estando ella presente, Cecilia soltára prases, balbuciára nomes, e entre choros e risos de loucura revelára coisas, que não eram só pesadelos da razão desvairada.

Era evidente, que a educanda amava, que fôra feliz um tempo, e que de repente o seu jubilo e as suas esperanças se banharam no sangue que o coração vertia ainda.

A quem era consagrada aquella mysteriosa ternura! Que homem era esse, do qual sómente ouvira o primeiro nome, proferido na agitação da febre, em um som de voz que a fez

tremer, porque resumia todo o affecto que póde conter-se na alma da mulher?

Que ligações havia entre Jeronymo, e a scena que passára, uma vez que a ausencia do mancebo coincidia com os successos da noite, offerecendo um enigma, que não sabia decifrar?

A noiva do conde (tudo o indicava) estava senhora do segredo ; conhecia-o. Como conseguiria obter uma revelação, que não a curiosidade só, mas um sentimento em favor de Jeronymo, que mal se atrevia a confessar, tornavam do maior interesse para ella?

Eis o motivo que a obrigava a inclinar a fronte pensativa e a meditar o modo de obter da noviça uma revelação, que esta se mostrava pouco disposta a confiar-lhe, visto o seu caracter discreto e um pouco aristocratico.

D. Catharina da sua parte era muito perspicaz para não se aperceber da inquietação da irmã de Cecilia, e para não adivinhar de alguma forma a causa d'ella. Entre donzellas os segredos do coração escondem-se menos, e as confidencias accodem mais depressa. Informada pelo padre Ventura do que succedêra a Jeronymo depois de preso, e do estado cruel a que o pupillo de Lourenço Telles se achava reduzido, a noviça desejava, tanto como Thereza, declarar-lhe tudo, e preparal-a para restituir a paz e a esperança ao infeliz mancebo, dando-lhe a certeza de que uma illusão fôra a origem das suas desgraças.

A' força de diligencias, o jesuita perguntando, conjecturando e combinando, tinha chegado a descobrir os fios do trama a que se

devia o desastre, que ia custando a vida a dois innocentes, e que ainda podia ser funesto ao capitão, exposto ao odio do principe actualmente rei, cujos protestos de rigor cada vez se repetiam com mais rancor. Com a sua doçura e suavidade usual, sua paternidade conseguiu introduzir-se na prisão do Castello e falar a Jeronymo. Sem o contradizer, e não o censurando arrancou-lhe do peito, phrase por phrase, palavra por palavra, o segredo que elle suppunha sepultado para sempre na sua amargura, mesmo quando o estava revelando. O causador de todos os infortunios fôra o honrado Domingos José Chaves!

Vendo-se despedido de casa do commendador, e rondando os quartos antes de sahir viu atravessar Thereza pelo corredor, e seguindo-a de longe achou no chão o bilhete do principe real, perdido do seio de Cecilia um instante antes de sua irmã passar. Rico e alegre com o achado, que lhe proporcionava um rasgo de malicia, dirigiu-se a uma pastetelaria, aonde o esperava outro amigo habil como elle em viver á custa do trabalho alheio. No meio de uma collação farta e jovial, entre as libações proprias de tão dignos convivas, leu-se o bilhete e assentou-se em o vender a Jeronymo, ao qual o conhecimento d'elle mais de perto aproveitava.

Domingos detestava os militares e as vias de facto a que elles são propensos. Escusou-se por isso de apparecer ao capitão, que nunca lhe fôra affeiçoado. O seu socio tranquillizou-o, incumbido-se da negociação, a qual seria dirigida com o louvor de Deus, assegurou elle, por uma pessoa incapaz de a trans-

tornar. Os signaes dados pelo mancebo ao visitador sobre este diplomata feminino, convenceram o padre Ventura de que entrára em terra de gente conhecida. A mensageira não podia ser senão a virtuosa Perpetua das Dores, aquella serva de Nossa Senhora e do Menino Jesus dos Atribulados, que já teve a honra de ser apresentada n'este romance.

Sangrando a velha na loquacidade, o jesuita em menos de dez minutos sabia tudo, e estava em circumstancias de formar exacto e severo juizo ácerca da perfidia e maldade com que o senhor Thomé das Chagas, devorado de cobiça, sempre com os braços erguidos ao céu, prestára inteira coadjuvação a uma cilada, que não ignorava poder acabar tragicamente.

Sua paternidade conteve, porém, a colera, não deixando escapar o mais leve indicio que fizesse desconfiar a beata. Cada vez mais risonho e placido, questionou-a, como de costume, sobre os pontos communs de suas *confidencias religiosas* em relação á vida do proximo; e sahiu, ficando ella persuadida de que não tinha commettido a mais leve indiscreção. Entretanto, apenas chegou a S. Roque, o visitador dispoz as coisas para fulminar o milagreiro e os seus cumplices a tempo opportuno. Esta ultima gentileza apurava a conta; o vaso trasbordou por fim.

A noiva do conde de Aveiras, instruida de tudo pelo visitador, e sabendo o delirio que desvairava a Jeronymo, ainda mais fraco deante dos martyrios da paixão, do que da donzella delicada salva quasi por milagre, compadeceu-se, e prometteu auxiliar a cura do mancebo, como ajudára a de Cecilia.

Para este fim era necessario que Thereza não ignorasse nada, e que no seu coração a piedade, se não o amor, fortificasse a resolução de se expor ao primeiro impeto, domando o orgulho, e perdoando as imprecações que deviam esperar-se da desesperação de um homem abysmado na dor pela supposta traição d'ella.

A empreza parecia ardua com o caracter da irmã de Cecilia. No curso ordinario da vida seria menos difficultoso arrastal-a ao supplicio, do que leval-a aos pés de Jeronymo para vêr pizar a sua alma com desprezos, e offender o seu pudor com ironias e escarneos.

Mas aqui tudo era fóra de commum, a occasião, o motivo e o perigo!

Com o tacto e a observação da natureza, que o tornavam tão perspicaz, o padre Ventura percebeu que Thereza havia de humilhar-se quando no abatimento visse a exaltação; e que embora não amasse, faria todos os sacrificios, uma vez que elles lhe assegurassem um triumpho digno de admiração.

Convertendo assim em motores do bem os proprios defeitos, o jesuita servia-se da ambição e do orgulho para obter os seus fins; e trabalhando para a felicidade de Jeronymo e d'ella, ousava unil-os pelas mesmas paixões, que entregues a si mesmas haviam de separal-os.

O papel com que lisongeava o animo da irmã de Cecilia era tão nobre, que, apresentado no verdadeiro ponto de vista, contava como certo que o acceitaria.

Faltava achar quem lh'o propozesse. Elle

não queria nem podia. A noviça era pois a unica, pela elevação do espirito e pela frieza do juizo, que estava no caso de oppor a razão ás primeiras resistencias do orgulho. Só ella, elevando gradualmente a alma da donzella ao enthusiasmo, d'onde emanam os rasgos sublimes saberia rasgar-lhe no momento opportuno o véu dos olhos, deslumbrando-a com o espectaculo da força vencida pela graça, do homem subjugado, salvo e ditoso pelo amor, e da ventura de toda a vida conquistada em alguns minutos de paciencia e de soffrimento.

Catharina era prudente e não queria de improviso arriscar-se, tentando tudo. A vista fitava-se em Cecilia, mas a ideia estava com a irmã, meditando sobre o modo de lhe dizer que o seu nome servia de horror ao homem que mais a amava; e que aos olhos d'elle a morte pedida a Deus com lagrimas, a recebia da sua mão.

Parecia-lhe melindrosa esta confissão, e na realidade era-o, quando o exito do plano dependia da forma por que ella a escutasse. A curiosidade inquieta de Thereza, e o seu desejo de devassar os segredos de uma catastrophe que tinha alterado cruelmente o socego de todos, afiançavam-lhe que talvez a occasião proporcionasse os pretextos, evitando-lhe o embaraço de romper sem o preciso correctivo em revelações afflictivas.

Com um gesto que exprimiu o que a phrase subentendia, Thereza voltou a cabeça para Catharina, dizendo-lhe a meia voz, e com particular expressão na vista:

—Dorme!... Agora o somno d'ella é tão leve e socegado!...

A noviça sorriu-se. A noiva de Jeronymo com intenção na palavra *agora*, alludia ás noites de delirio em que o desvario de Cecilia tinha acordado as suas suspeitas, revelando-lhe o que até alli ignorára, se não de todo, ao menos em grande parte.

Fingindo-se, porém, desapercebida, e affectando a simplicidade mais descuidada, a filha de D. Luiz respondeu para excitar e attrahir a curiosidade da sua amiga:

— E' verdade; está socegada. E' porque o coração descansou chorando. Deus queira que alguma nova dor não torne a acordal-o.

— Então ella o que padecia?...

— Os medicos chamam-lhe affecções moraes; nós que não sabemos tanto, dizemos simplesmente que foi uma paixão d'alma. O que a matava não era a ferida, era o amor.

— Mas eu vi o sangue, vi o golpe!...

— Sim. Mas não viu senão o corpo; e esse em oito dias estava bom. O que não viu, porque não sabia, foi a alma... Thereza peça ao céu que a livre de uma dor similhante á que traspassou o tenro coração d'aquelle anjo. Hoje, que está salva, ainda não posso crer que resistisse.

— Cecilia foi desgraçada? Enganaram-n'a; trahiram-n'a?...

— Não, menina; ha muitas maneiras de ser infeliz sem isso. Supponha que um obstaculo se levanta e separa duas almas que não fazem senão uma?... Se o amante não pudesse ser esposo, por exemplo?... Diga-me, de que serve então o amor senão para maior tormento?...

— E' verdade! E ella não conheceu senão assim, que amava sem esperança?...

— Só no ultimo momento!... Uma revelação subita!

— Tem razão, D. Catharina; devia ser cruel a dor!... Pobre Cecilia! Com o seu genio extremoso; com aquella cabeça viva de mais, e o coração tão facil em se entregar!... Não sei como resistiu...

— Acha-me razão?... se eu lhe contasse tudo como passou; se lhe fizesse a historia d'estes amores, que ha um anno são a alegria e a vida de sua irmã; se lhe dissesse os meus presentimentos, os meus sustos ainda no convento... havia de pasmar.

— Jeronymo suspeitou, soube alguma coisa? — atalhou Thereza, lançando subitamente esta pergunta como por acaso, e fixando logo o ancioso olhar no semblante da noviça. Esta deu graças a Deus interiormente pela occasião que lhe offerecia, e compondo a physionomia, respondeu com a maior ingenuidade.

— Não; Jeronymo ignorava tudo. Foi a sua e a nossa desgraça.

— Pois elle está em perigo? Não partiu como se disse?... O coração ás vezes é bem fiel! — accrescentou com um suspiro, erguendo meio corpo com sobresalto.

— Jeronymo está preso no castello...

— Preso! E não me disseram nada!...

— Em um estado peior, se é possivel, do que o de Cecilia ha dois dias — proseguiu a noviça no mesmo tom.

— E ninguem lhe vale? Escondem tudo de meu pae e de meu avô? Querem-n'o deixar morrer ao desamparo? E' uma crueldade! O que fez elle; porque o prenderam? Diga-me

tudo, Catharina! Devo saber... Sou a sua noiva; a esposa promettida á sua ternura! Tenha piedade d'elle e de mim... já que se calou até agora! O mal terá remedio? Ninguem o consola?

— O mal não é incuravel... se a unica pessoa capaz de o salvar quizer valer-lhe — replicou a noviça, creando esforço com o rubor que se accendia nas faces da irmã de Cecilia e notando com esperança o fulgor dos olhos e a animação do rosto. — Um amigo fiel e prudente vela sobre elle... e ha de livral-o da morte e da loucura, como já livrou aquella! — concluiu mostrando a educanda.

— O padre Ventura?! Então elle sabe?

— O padre Ventura sabe tudo, Therezinha. Deixemol-o meditar e escolher a occasião. E se chamar alguma de nós em seu auxilio... o amor ou o dever hão de fazer prodigios como aqui fizeram... Percebo a sua inquietação. Quer que lhe conte o que se passou, e como tantas desgraças aconteceram em uma só noite? Se promette ouvir-me com paciencia...

— Pelo amor da sua alma, Catharina tire-me d'este martyrio! Já não posso com o cuidado e a incerteza...

— De pressa acabam! Jura-me que ficará eternamente entre nós duas o que vou revelar-lhe, e que nem sua irmã mesma o saberá?

— Juro. Ninguem!

— Uma palavra ainda, e principío. Ama Jeronymo?... Crê que ha de vir amal-o? Responda-me com a alma, e não com a bocca!...

— Que quer? — accudiu Thereza passando do carmim mais vivo á côr pallida da rosa branca,

e baixando os olhos ao passo que o rubor volvia de novo ás faces — Se deseja ouvir a alma a resposta verdadeira talvez fosse: não sei! Ha quinze dias era sua irmã, e julgava-me infeliz sendo sua esposa; depois vi-o; escutei-o; e o meu coração... não posso entendel-o. Agora, que todos o deixam; que está só e afflicto; que receio perdel-o... agora, D. Catharina, sinto que sou mais que irmã, digo-lhe que se não o amo tanto como elle pede, hei de vir amal-o.

— Dê-me um beijo pela sinceridade — disse a noviça — Não lhe assegurei que ainda os havia de vêr unidos e felizes? Deixemos sempre correr a vida e a experiencia; as contradicções são o triumpho certo do amor. Não córe, não esconda o rosto. A paixão nunca vem de repente; nasce quando ella quer. E o outro, aquella imagem que disse?...

—D. Catharina—atalhou Thereza com a cabeça erguida e um fogo singular nos olhos — o outro não podia pertencer-me; e como estava ainda a tempo de resistir, luctei commigo e venci. As lagrimas que me viu chorar eram de saudade... pelo meu sonho.

—E se tornar a vel-o?

—E' o mesmo. Sou mais forte do que julga. Depois o orgulho, o meu orgulho, que tantas vezes estranha, salvou-me. Não podendo ser amada, e ainda que pudesse, não devendo á custa da desgraça de outra fazer-me feliz a mim, chorei, mas venci. Hoje não sinto senão...

—Sympathia?

—Não; saudade! Tenho saudade e grande dos dias de illusão que passei pensando n'elle.

—Sabe, Therezinha, que a estou admirando? Agora sim, tenho grandes esperanças...

—De quê?

—De salvarmos o pobre Jeronymo!

—Seremos então duas a amal-o, Catharina?... O que quer que eu diga de uma rival tão formosa junto d'elle?

—Não diga nada. Foi o que eu fiz, vendo-a pensar no conde, e encobrir-se para não lhe perceber as lagrimas.

—Eu!... Protesto!...

—Não proteste; não se envergonhe. Estimei-a menos por isso? Era uma illusão; passou. Tive fé no seu juizo e no seu coração. Ha uma edade, em que tudo nos seduz e influe; Jeronymo estava certo; todos os dias o via; e chegou a receiar de veras que não o pudesse amar... O conde vinha da côrte; possuia maneiras e feições agradaveis; e de mais... não sei porque é proprio da nossa alma desejarmos o que não nos pertence. Foi um sonho; e já sabia que acordou d'elle ha dias. Não diga, não prometta nada. Não me vê tranquilla? Quer ouvir a historia dos amores de Cecilia e do infortunio de Jeronymo?

FIM DO QUARTO VOLUME

# INDICE


Capitulo XXXI—Todos falam e poucos entendem !..... ..... 5

» XXXII—Um fio no labyrintho !.. .. 36

» XXXIII—Dentro e fóra..... ... 70

» XXXIV—Ao luar..... 96

» XXXV—Um raio de luz nas trevas ! 132

# OBRAS COMPLETAS

DE

# ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

**A 200 réis cada volume**

*No formato das obras de Rebello da Silva e Almeida Garrett*

---

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol.)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII—Palestras religiosas e Consolações (2 vol.)
XXXIX a XLV—Cabos do meu tempo (7 vol.)
XLVI—Estreias poeticas para o anno 1853 (1 vol.)
XLVII a L—Télas literarias (4 vol.)
LI—Os ciumes do bardo, As Flores, e A confissão de Amelia (1 vol.)
LII e LIII—Mil e um mysterios (2 vol.)
LIV—A noite do Castello.
LV—Tributo portuguez á memoria do Libertador.

NO PRÉLO:

LVI—Tratado de Metrificação

# OBRAS COMPLETAS

DO

# VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

## A 200 réis cada volume

I — **Retrato de Venus — Historia da Pintura — Fragmentos de poemas ineditos.**
II — **Lyrica** — Vol. 1.º «Lyrica de João Minimo»—«Fabulas e Contos»—«Sonetos»—«Odes anacreonticas».
III — **Lyrica** — Vol. 2.º «Flores sem fructos»—«Folhas cahidas».
IV — **Camões,** poema em dez cantos.
V — **D. Branca,** poema em dez cantos.
VI — **Adozinda — Romances reconstruidos.**
VII — **Romanceiro**—Vol. 1.º «Romances da tradição oral».
VIII — **Romanceiro**—Vol. 2.º «Romances da tradição oral» —«Romances com forma litteraria».
IX — **Theatro**—Vol. 1.º «Catão».
X — **Theatro** — Vol. 2.º «Merope» — «Impromptu de Cintra»—«Corcunda por amor».
XI — **Theatro** — Vol. 3.º «Auto de Gil Vicente» — «Philippa de Vilhena».
XII — **Theatro** — Vol. 4.º «Alfageme de Santarem» — «Tio Simplicio».
XIII — **Theatro** — Vol. 5.º «Falar verdade a mentir» — «As Prophecias do Bandarra»—«Um noivado no Dáfundo» —«O Camões do Rocio».
XIV — **Theatro** — Vol. 6.º «Frei Luiz de Sousa» — «A Sobrinha do Marquez».
XV — **Arco de Sant'Anna** — Chronica portuense — Manuscripto achado no convento dos Grillos, no Porto, por um soldado do corpo academico.—Vol. 1.º
XVI — **Arco de Sant'Anna** — Vol. 2.º
XVII — **Helena** (Fragmento de um romance).
XVIII — **Viagens na minha terra** — Vol. 1.º
XIX — **Viagens na minha terra** — Vol. 2.º
XX — **Da educação** — «Cartas dirigidas a uma senhora illustre, encarregada da instituição de uma joven princeza».
XXI — **Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza — Outros escriptos — Impressões e viagens.**
XXII — **Memorias biographicas.**
XXIII — **Portugal na balança da Europa** — «Do que tem sido e do que ora lhe convem ser na nova ordem de coisas do mundo civilisado».
XXIV — **Politica** — «Reflexões e opusculos»—«Correspondencia diplomatica»—Vol. 1.º
XXV — **Politica** — «Reflexões e opusculos»—«Correspondencia diplomatica»—Vol 2.º
XXVI — **Discursos parlamentares.**
XXVII — **Cartas intimas.**
XXVIII— **Garrett e a sua obra,** por Theophilo Braga.

# Obras completas de Rebelo da Silva

1 — **Ráusso por homizio**, romance.
2 e 3 — **Odio velho não cança**, roman
2 vols.
4 a 8 — **A mocidade de D. João V.**
mance, 5 vols.
9 e 10 — **Lagrimas e thesouros**, (*fragm*
*to de uma historia verdadeira*), romance, 2 v
11 e 12 — **A casa dos phantasmas**,
mance, 2 vols.
13 — **De noite todos os gatos sã**
**pardos**, romance.
14 e 15 — **Contos e lendas**, 2 vols.
16 — **Othelo - As redeas do govern**
17 — **A mocidade de D. João V**, dra
18 — **O amor por conquista**, come
**O Infante Santo**, fragmento.
19 a 22 — **Fastos da Egreja**, escriptos relig
sos, 4 vols.
23 a 25 — **Bosquejos historico-literaric**
3 vols.
26 e 27 — **Questões publicas**, 2 vols.
28 a 30 — **Arcadia portugueza**, 3 vols.
31 — **Memorias literarias acerca**
**Manuel Maria Barbosa du Bocag**
32 a 34 — **Apreciações literarias**, 3 vols.
35 — **Memorias acerca da vida e e**
**criptos de D. Francisco Martin**
**de la Rosa.**
36 — **Elogios de Reis.**
37 a 40 — **Relações Politicas e diplom**
**ticas**, 4 vols.
41 — **D. João II e a Nobreza.**

IMP. LUCAS & C.ª — RUA DIARIO DE NOTICIAS, 61 — LISBOA

E.U.L. 3-5-69

PQ
9261
R4M58
1907
v.4

Rebello da Silva, Luiz Augusto
A mocidade de D. João V.
4. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 02 007 9